

MARCELLE FERRETE

PORENTRE NÓS:

ÍNTIMOS ELOS ENTRE ELAS E EU

Universidade Federal Fluminense

Instituto de Arte e Comunicação Social

Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes

PORENTRE NÓS: ÍNTIMOS ELOS ENTRE ELAS E EU

Marcelle Faria Ferrete

Orientador: Dr. Luiz Guilherme de Barros Falcão Vergara

Coorientadora: Dra. Paula Land Curi

Niterói

2024

PORENTRE NÓS: ÍNTIMOS ELOS ENTRE ELAS E EU

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense como requisito para o mestrado acadêmico em Estudos Contemporâneos das Artes na linha de pesquisa Lugar, Política e Institucionalidades.

Orientador: Dr. Luiz Guilherme de Barros Falcão Vergara

Coorientadora: Dra. Paula Land Curi

Niterói

2024

Marcelle Faria Ferrete

PORENTRE NÓS: ÍNTIMOS ELOS ENTRE ELAS E EU

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense como requisito para o mestrado acadêmico em Estudos Contemporâneos das Artes na linha de pesquisa Lugar, Política e Institucionalidades.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Presidente: Dr. Luiz Guilherme de Barros Falcão Vergara – UFF PPGCA

Coorientadora: Dra. Paula Land Curi – UFF PPGP

Membro externo: Dra. Tania Alice Feix – UNIRIO PPGAC

Membro interno: Dra. Jessica Gogan – UFF PPGCA

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, que foi e é a minha grande referência de que os homens podem ser bons e ainda buscarem a cada dia melhorar. Que me mostrou que o amor é um lar confortável para se habitar. Que me ensinou tanto sobre amor, equilíbrio, evolução, transformação e fé. Que me levou no terreiro pela primeira vez e por tantas outras vezes. Que me ensinou a amar e reverenciar meus Orixás. Que me incentivou a seguir nas artes a cada apresentação de teatro, com os olhos brilhando e aplausos sonoros. Que sempre que pôde, me defendeu e protegeu dos meus próprios monstros. Que soube entender e respeitar a minha decisão (controversa) de sair do curso de História para me aventurar nas Artes. Mas que, infelizmente, não ficou aqui tempo suficiente para me ver artista em exposição, nem pesquisadora, nem viver esse momento de ler a minha escrita mais corajosa.

Amor não se agradece, mas, mesmo assim, muito obrigada.

AGRADECIMENTOS

Se eu fosse justa, desta página seria feito um livro todo novo. Como atriz de teatro, uma arte convivial, jamais caminharía sozinha. Só ando em bando e só sei existir coletivamente.

Agradeço, antes e sempre, a minha mãe, que é a minha primeira e maior referência de cuidado e amor. Agradeço a minha irmã, que me despertou a prática desse cuidado e amor aprendidos com a nossa mãe. Agradeço às mulheres da minha família que, de alguma maneira, participaram da construção da mulher que estou me fazendo.

Agradeço as mulheres do MMSG e ao Grupo Reflexivo, por me receberem tão generosamente, acolherem as propostas artísticas, e me mostrarem caminhos para um mundo muito melhor.

Agradeço muito profundamente ao meu amor e companheiro de vida, Alex Souto, por acalmar minhas ansiedades, por ouvir tantas vezes os meus textos, pela paciência com os momentos desafiantes, pelas massagens nos pés e o incentivo de sempre.

Agradeço aos maiores presentes dessa vida inteira, minhas amigas Carla Martins, Danylle Azevedo, Livia Sortes, Thais Pereira e tantas outras que tive a sorte de encontrar, por gostarem de mim – apesar de mim. E por seguirem ao meu lado, mesmo quando as coisas não são bonitas. Cada uma dessas mulheres está inscrita nas páginas desse livro. Essa escrita também é sobre elas e para elas.

Agradeço, especialmente, a Ana Márcia Cordeiro. Uma amizade recente de um reencontro de muitas vidas. Gratidão imensa por viver esse processo tão desafiador ao meu lado. Pelas revisões, conselhos, incentivo, lágrimas emocionadas, escuta atenta e amorosa. Minha mais sincera gratidão. Se esse livro existe, é porque você faz parte dele.

Agradeço a Mariana Destro, Juliana Villarinho, Chloé Brune, Caroline Valansi, Camilla Braga, Camila Huhn, e às pesquisadoras do grupo Ynterfluxes (coordenado pelo meu querido orientador de trajeto) pela amizade, entusiasmo, compartilhamentos e parceria ao longo de toda essa experiência desafiadora de viver uma pesquisa de mestrado.

A CAPES, pela bolsa concedida, sem a qual esta pesquisa não seria possível.

Aos professores do PPGCA-UFF, em especial Luiz Sérgio Oliveira, pelos ensinamentos e trocas inquietantes durante o processo.

E, finalmente, agradeço ao meu querido orientador (que posso dizer também amigo), Luiz Guilherme Vergara. Pela sua infinita generosidade, gentileza e afetividade. A minha coorientadora, Paula Curi, pelo acolhimento tão sensível no Mulherio e no seu grupo de orientandas – agradeço muito os conselhos, as provocações, a disponibilidade gentil de sempre. A Tania Alice e Jessica Gogan, que instauraram espaços poéticos de pausa e acontecimentos fabulantes em meio ao caos acadêmico, fazendo a pesquisadora sempre lembrar da artista e da comunidade em volta. Ao invés de uma banca, posso dizer que montei uma festa. Saber que vocês me acompanham enche meu coração de alegria. Agradeço por cada análise sensível, críticas afetuosas, pela generosidade tão cuidadosa. Por serem feitos de afeto e luz.

Agradeço, agradeço, agradeço.

Todo amor do mundo me transborda.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: RASTROS EM DESCONTEXTOS (2020) Foto: Marcelle Ferrete.....	24
FIGURAS 2 E 3: RASTROS EM DESCONTEXTOS (2020) Foto: Marcelle Ferrete.....	25
FIGURAS 4 E 5: RASTROS EM DESCONTEXTOS (2020) Foto: Marcelle Ferrete.....	26
FIGURA 6: CINCO A MENOS (2021) Foto: Marcelle Ferrete.....	29
FIGURA 7: CINCO A MENOS (2021) Foto: Marcelle Ferrete.....	30
FIGURA 8: CINCO A MENOS (2021) Foto: Marcelle Ferrete.....	31
FIGURA 9: CINCO A MENOS (2021) Foto: Marcelle Ferrete.....	32
FIGURA 10: CINCO A MENOS (2021) Foto: Marcelle Ferrete.....	33
FIGURAS 11 E 12: IDENTIDADE (2021) Foto: Marcelle Ferrete.....	50
FIGURAS 13 E 14: IDENTIDADE (2021) Foto: Marcelle Ferrete.....	51
FIGURAS 15 E 16: IDENTIDADE (2021) Foto: Marcelle Ferrete.....	52
FIGURAS 17, 18 E 19: GRUPO REFLEXIVO (ATIVIDADE EM DIÁLOGO) Foto: Marcelle Ferrete, 2023.....	74
FIGURAS 20 E 21: GRUPO REFLEXIVO (FRASES SELECIONADAS DA ATIVIDADE EM DIÁLOGO) Foto: Marcelle Ferrete, 2023.....	78
FIGURA 22: CUIDAR DE NÓS EM NÓS, 2023 (PERFORMANCE PARTICIPATIVA REALIZADA NA SEDE DO MMSG COM O GRUPO REFLEXIVO) Foto: Marcelle Ferrete.....	95
FIGURA 23: CUIDAR DE NÓS EM NÓS, 2023 (PERFORMANCE PARTICIPATIVA REALIZADA NA SEDE DO MMSG COM O GRUPO REFLEXIVO) Foto: Marcelle Ferrete.....	96
FIGURAS: 24, 25, 26, 27 E 28: CUIDAR DE NÓS EM NÓS, 2023 (PERFORMANCE PARTICIPATIVA REALIZADA NA SEDE DO MMSG COM O GRUPO REFLEXIVO) Foto: Marcelle Ferrete.....	98
FIGURAS 29 E 30: CUIDAR DE NÓS EM NÓS, 2023 (PERFORMANCE PARTICIPATIVA REALIZADA NA SEDE DO MMSG COM O GRUPO REFLEXIVO) Foto: Marcelle Ferrete.....	99
FIGURA 31: CUIDAR DE NÓS EM NÓS, 2023 (PERFORMANCE PARTICIPATIVA REALIZADA NA SEDE DO MMSG COM O GRUPO REFLEXIVO) Foto: Marcelle Ferrete.....	100
FIGURAS 32 E 33: CUIDAR DE NÓS EM NÓS, 2023 (PERFORMANCE PARTICIPATIVA REALIZADA NA SEDE DO MMSG COM O GRUPO REFLEXIVO) Foto: Marcelle Ferrete.....	101

FIGURAS 34 E 35: PLANTIO, 2023 (PERFORMANCE PARTICIPATIVA REALIZADA NA SEDE DO MMSG COM O GRUPO REFLEXIVO) Foto: Marcelle Ferrete.....	106
FIGURA 36: PLANTIO, 2023 (PERFORMANCE PARTICIPATIVA REALIZADA NA SEDE DO MMSG COM O GRUPO REFLEXIVO) Foto: Marcelle Ferrete.....	107
FIGURAS 37 E 38: PLANTIO, 2023 (PERFORMANCE PARTICIPATIVA REALIZADA NA SEDE DO MMSG COM O GRUPO REFLEXIVO) Foto: Marcelle Ferrete.....	109
FIGURA 39: PLANTIO, 2023 (PERFORMANCE PARTICIPATIVA REALIZADA NA SEDE DO MMSG COM O GRUPO REFLEXIVO) Foto: Marcelle Ferrete.....	110
FIGURAS 40 E 41: PLANTIO, 2023 (PERFORMANCE PARTICIPATIVA REALIZADA NA SEDE DO MMSG COM O GRUPO REFLEXIVO) Foto: Marcelle Ferrete.....	112
FIGURAS 42 E 43: PLANTIO, 2023 (PERFORMANCE PARTICIPATIVA REALIZADA NA SEDE DO MMSG COM O GRUPO REFLEXIVO) Foto: Marcelle Ferrete.....	113
FIGURAS 44 E 45: PLANTIO, 2023 (PERFORMANCE PARTICIPATIVA REALIZADA NA SEDE DO MMSG COM O GRUPO REFLEXIVO) Foto: Marcelle Ferrete.....	114
FIGURAS 46: PLANTIO, 2023 (PERFORMANCE PARTICIPATIVA REALIZADA NA SEDE DO MMSG COM O GRUPO REFLEXIVO) Foto: Marcelle Ferrete.....	116
FIGURAS 47 E 48: LIMPEZA (2024) Foto: Marcelle Ferrete.....	122
FIGURAS 49 E 50: LIMPEZA (2024) Foto: Marcelle Ferrete.....	123
FIGURAS 51 E 52: LIMPEZA (2024) Foto: Marcelle Ferrete.....	124
FIGURAS 53 E 54: LIMPEZA (2024) Foto: Marcelle Ferrete.....	125

Sumário

Resumo / Abstract	12
Carta	13
Introdução: Estado de desesperação	14
Capítulo 1	
Das águas de mim	21
1.1 Das coragens.....	36
1.2 Espaço para ser.....	41
1.3 Ainda era pouco.....	46
1.4 Matéria-prima.....	50
Capítulo 2	
Vozes múltiplas e diversas me ajudam a ampliar	59
2.1 Aves fêmeas.....	69
2.2 Às avessas.....	78
Capítulo 3	
Estado de acontecimento	89
3.1 Mais sensação do que percepção.....	92
3.2 Memória e água (ainda que terra)	104
3.3 Não precisa subtítulo.....	119
(In)conclusões: estado de ensaio	
∞ Entre nós.....	134
Referências bibliográficas	139

PORENTRE NÓS: ÍNTIMOS ELOS ENTRE ELAS E EU

Marcelle Faria Ferrete

RESUMO

Porentre nós: íntimos elos entre elas e eu, traz o percurso processual da artista (atriz, performer e artista visual) que, partindo da sua própria existência e consciência de ser mulher, busca entrelaçar outras narrativas à sua própria. Um trabalho cartográfico – gerado através de uma rede-amálgama em parceria literária com Conceição Evaristo e Clarice Lispector –, que tece seu caminho ao despertar de novos questionamentos disruptivos. Propondo uma simbiose relacional entre a arte feminista ativista e as trajetórias multiplamente distintas por individualidades e semelhantes por interconectividades. O sentir é único, mas existir é coletivo.

Palavras-chave: redes de mulheres; feminismo; violência de gênero; performance; ativismo

ABSTRACT

Between us: intimate connections between them and me, this piece traces the artist's journey (actress, performer, and visual artist) who, starting from her own existence and awareness of being a woman, seeks to intertwine other narratives with her own. A cartographic work — created through an amalgam network in literary collaboration with Conceição Evaristo and Clarice Lispector — it weaves its way toward the emergence of new, disruptive questions. Proposing a relational symbiosis between feminist art and the paths of feminist activist art and the diverse yet interconnected trajectories of individual lives. Feeling is unique, but existing is collective.

Keywords: women's networks; feminism; gender violence; performance; activism

Te escrevo porque te conheço. Sei bem teu endereço e, portanto, tenho a certeza de que esta carta chegará até você. Enquanto você me lê, já não pode mais definir quem sou eu e quem é você. Nos encaramos como um espelho em pele – que ao invés de separar, conecta. Portanto, sinto como minhas suas dores. Sinto o arrepio, o nojo e o enrijecimento do corpo que reage. Ouço os gritos que te foram dirigidos. Vejo o dedo e riste que te aponta e ameaça. Minha garganta também está ressecada e sei que é difícil falar. Falta o ar.

Te (re)conheço há tanto tempo que sou. Existe uma espécie de identificação entre nós que não tem Freud que explique. Mas Clarice, Conceição, Sara, Ana, bell e tantas outras de nós, entendem tão bem. Eu queria poder abraçá-las também. A gente sabe que tudo podia e devia ser mais simples. Outro dia ouvi que “não é possível que nascer com uma vagina entre as pernas mude tudo” – e sim, digo que muda tudo. Há de se ter habilidade para recriar novas possibilidades de existência quando se nasce mulher. Ou, também, não se nasce, mas vive-se. Diria que ser mulher é um acontecimento que vai se fazendo enquanto presença no mundo.

Escolhi te escrever porque você consegue me entender. E só você seria capaz de atingir a compreensão de quem sou, porque somos tão parecidas – ainda que sejamos tantas e totalmente distintas. Porque, naquele dia, ao te ouvir, senti a familiaridade presente. Tem muito de você em mim... Você poderia ser eu. Nós nos somos. No tempo que se desenha espiralar, coexistimos em múltiplos corpos. Te sinto nas vísceras do que não me aconteceu, mas de experiências que perpassam por mim através de você. Porque, se te aconteceu, poderia ser comigo também. E é comigo também. Só que eu, apoiada pelo privilégio branco e cis, me levanto por nós e exponho em arte nossas marcas. Nossas feridas são históricas e sociais, por isso precisam parar de doer somente em nós. Meu trabalho é reverberar, para que todo o resto possa se doer e sangrar também. Não nos cabe carregar as dores do mundo. O fardo é pesado demais. Difícil demais. Sofrido demais.

Minha escrita aqui é delicada – em busca de palavras macias, embora tudo que eu toque seja aspereza. Por isso demorei para te escrever. Esta carta já era para ter chegado há tempos até você. Tenho muito a dizer, mas receio remexer em feridas que ainda ardem. Porque sei que a nossa vida inteira é um arder e queimar. Vivo num estado de ardência tão latente, que já não sei mais o que é não ser – mas ainda me atenho à esperança de que, juntas, possamos nos refazer.

Te agradeço por termos chegado até aqui.

Seguirei daqui e espero que você siga daí, amparadas pela força etérea (embora consistente) que nos une e sustenta. Você é parte do que me faz forte e, talvez, até mesmo feliz.

Te sinto em abraço.

Estado de desesperação

Insisto que sempre estive atenta no momento da escuta. Contudo, a escrita me deixa em profundo estado de desesperação, pois a letra não agarra tudo o que o corpo diz. Na escrita faltam os gestos, os olhares, a boca entreaberta de onde vazam ruídos e não palavras. No registro da letra também faltam o tremor do choro e o rasgo do riso. A fala suspensa foge da escrita. E mais, a grafia não registra a intensidade de um silêncio intervalar, diante de um renovado estado de estupor, vivido na hora das lembranças. Se contar e recontar são atos marcados por sinais de incompletude, pois difícil é traduzir os intensos sentidos da memória, imaginem escrever. Imaginem perseguir uma escrevivência. Agarrar a vida, a existência, e escrevê-la em seu estado de acontecimentos (Evaristo, 2022, p. 8-9).

Escrevo com a minha voz, e ouço vozes outras enquanto me leio. Clarice Lispector, conhecida como uma das mais importantes escritoras brasileiras do século XX, diz em seu livro “Água Viva” que seu cansaço vem de uma pessoa extremamente ocupada, pois *toma conta do mundo* (1973, p. 148). E é desse ponto que dou partida.

Elaborando a tecitura de um texto que incorpora a força de muitas vidas, me fundo à escrita de Clarice e Conceição, onde me vejo absorvendo e sendo absorvida por ser – e me saber – mulher. Através da fenomenologia de uma escrita encarnada, que expõe rastros que me trazem a quem sou, em meio à energia e força vital de muitas outras mulheres, Leda Maria Martins, Saidiya Hartman, bell hooks e Sara Ahmed se achegam para compor a roda. Trazer em destaque de presença mulheres artistas, pesquisadoras e pensadoras, é uma forma que encontro de expandir a revolução de dentro para fora. Citar mulheres em textos acadêmicos – mesmo em pesquisas sobre mulheres – ainda é um ato revolucionário e fortalecedor de nós.

Esse amplo círculo pautado no reconhecimento e identificação entre suas integrantes, vai adquirindo corpo e solidez na sutileza das *fabulações críticas* de Saidya quando unidas às *escrevivências* de Conceição. O resultado dessa tecitura é uma narrativa que enlaça fios de relatos internos e externos, atuando na formação de um corpo subjetivo que preza pelo não exagero da contação, mas sim, pela recombinação entre aquilo que é meu e aquilo que advém

de experiências outras – que, quando sentidas de perto, não já não soam tão distintas (ainda que se mantenham singulares).

A pesquisa-trajeto alinha vida e a arte de maneira pessoal e indissociável. Chego aqui, não através de mulheres artistas que trabalham e pesquisam a violência de gênero contra a mulher no Brasil, mas sim impulsionada pela consciência dolorosa de minhas próprias experiências vividas em corpo de mulher. O que me conduz em arte é a vida em acontecimento. Por esta razão, opto por não trazer outras referências de artistas mulheres, embora existam muitas atuando brilhantemente em reverberação ao tema. Toda essa escrita é uma maneira de me fazer ser lida em profundo. Estou inteira destrinchada nas páginas a seguir. Reconhecendo que, ao me expor, exponho também identificações comuns à todas nós.

Iniciada em 2020, *Porentre nós: sobre elas e outras através de mim* foi o título que acompanhou essa pesquisa por um longo período. Ainda o maior período até aqui. Tratava-se de explorar o meu próprio corpo como matéria-prima, substância material, lugar de passagem, trans-acionamento e pertencimento. Entender o meu corpo de atriz como um corpo coletivo, *absorvidor* de – e absorvido por – tantas outras vidas. Corpo como lugar de existências transitantes, formado pela subjetividade dos acontecimentos externos e das impressões emocionais que chegam à pele em textura sensorial. Enxergando o mundo em duplo espelhamento a partir de minha própria imagem-semelhança.

O – *sobre elas* – ali somente cabia junto ao – *através de mim*. No decorrer da pesquisa em arte, seus desdobramentos seguem por afluentes de performance, deslocando o “eu-cênico” do centro, para que assumisse seu poder de corpo etéreo¹ enquanto ocupante de todos os lugares. Estando agora multiplicado em outros corpos, a descentralização da figura de atriz cede espaço para a performer-propositora, que atravessa o ilusório da imagem espelhada para a vibração do real que habita em estar junto. Juntas o caminho é outro. Assim, o corpo que caminha muda, como um rio, que nunca é o mesmo a cada encontro.

Portanto, chegamos ao ponto em que já não era mais *sobre elas*, tampouco gerado *através de mim*. Havia agora um entrelaçamento indissociável em que *eu e tu* (assim como *eu e elas*) gerávamos a composição de *nós*: em pessoa e matéria. *Nós*, que só podem(os) ser desvendados a partir da aproximação de um olhar atento, preciso, cauteloso e com

¹ Lispector, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2019. p. 156

disponibilidade de tempo. Tempo é também componente de construção para tudo que se refaz. *Nós* precisam(os) de movimentos internos para desatar e, assim, quem sabe, realinhar.

Finalmente, chego ao título que se fez por costura de simultaneidades espiralares. Aproximando o *nós* em grau de *intimidade* tal que permitisse o *elo* de confiabilidade que as conexões honestas e espontâneas necessitam. E, tendo elas em foco de presença vivente, me vejo – o *eu* que tanto me escapa. É preciso uma coragem que não tenho, para se colocar em primeira pessoa numa escrita encarnada. *Eu* – traz tantos riscos quanto sou em vida. Eu, mulher. Eu, artista. Eu, primeira pessoa do singular. Eu, sem a qual essa pesquisa jamais existiria. Não me foi possibilitada a fuga. Eu preciso estar, mesmo sem a coragem que existir inteiramente exige. Porque eu existo inteira nessas palavras.

Assim, posso dizer que *Porentre nós: íntimos elos entre elas e eu*, é uma pesquisa teórico-prática, em que as performances artísticas inauguram e aprofundam o pensamento de densidade e análise crítica. O processo artístico como condutor, propositor e reverberador do estudo que faz o entrelaçamento da arte contemporânea com a sociologia, a antropologia e, em especial, a psicologia.

A pesquisa em arte visa sistemicamente a atuação molecular dentro de uma estrutura dominante opressiva e, também, fundamental na colaboração efetiva de uma carência da arte contemporânea: a ação interrelacional entre o campo da arte e os espaços direcionados ao ativismo político e social. Os trabalhos artísticos que compõem essa tessitura rompem com a ideia de denúncia estetizada, propondo uma nova ética decolonial e pós humanista, envolvendo múltiplas inquietações, angústias, (des)formas sociais e intimidades femininas.

O campo da arte contemporânea institucionalizada segue sendo regido pelo distanciamento entre circuito e margens, e é exatamente nessa distância o meu ponto de existir. Meu ser artista existe propriamente como navegante de proximidades entre extremos. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, essa certeza é reafirmada por diversas vias, tornando-se ainda um novo tópico de inquietação condutora de propulsões reverberadas em arte. Portanto, realizo um estudo colaborativo, descobridor e despertador em si, que acolhe vozes, trajetórias e a integração de mulheres no decorrer do percurso.

Assim, o desenvolvimento inicial se dá a partir do encontro com o coletivo *Mulherio (tecendo redes de resistência e cuidados)*, Programa de Extensão da Psicologia – UFF, coordenado pela Prof. Dra. Paula Curi. O programa atua na aposta ético-política de engendrar

força motriz para a mobilização social, a partir de ações que se dão no território, protagonizadas por mulheres, que lançam uma estrutura para tecer uma rede de resistência e cuidados. Flertando estreitamente com conceitos e atuações da psicologia e me aprofundando no compartilhamento de vivências, conecto-me também ao *Grupo Reflexivo*, que recebe mulheres que sofreram violência doméstica e/ou violência sexual, no *Movimento de Mulheres em São Gonçalo*. A entidade, com mais de trinta anos de trabalho, possui uma equipe múltipla e interdisciplinar de advogadas, psicólogas, assistentes sociais, educadoras e pedagogas que nutrem as mulheres que buscam por ajuda e visam atender ao máximo as suas demandas.

As redes de apoio oferecem medidas práticas de proteção e cuidados, mas, acima de tudo, propõem uma base sólida de resistência e confiança entre mulheres. Esse conceito segue diretamente ao encontro de um dos pilares da arte como ativismo que persigo, que é multiplicar protagonismos. Impulsionando a *libertação* de mulheres vítimas de violência de gênero, para assumirem a voz ativa enquanto produtoras de narrativas.

A prática artística em performance costura o tema exposto com a preocupação de não conduzir o engajamento de forma estrategista, mas sim, colocando a arte a serviço desse engajamento político. Coloco meu corpo à disposição, e os contornos da pele que habito, para que possam integrar-se às dores do mundo numa perspectiva feminina do antagonismo complementar: opressão e resistência.

Ao me aproximar do Grupo Reflexivo enquanto artista-pesquisadora, experimento de imediato a complexidade relacional da compreensão do que é arte e das suas fragilidades. Afinal, num contexto em que a vida é risco, a ideia de abrangência artística é, sim, questionável e possivelmente limitante. Essa fricção foi suficientemente paralisante para gerar em mim um bloqueio, pois qualquer movimento em arte diante daquele cenário parecia insuficiente e inconsistente.

Até que, em agosto de 2023, sou conduzida por caminhos que me levam até Tania Alice e Pascale Weber. A vida novamente presenteando ao apresentar encontros que conectam sentidos e nos refazem – refazendo, assim, também o caminhar. E então, como tudo é sempre mistério, desse encontro a prática de pesquisa adquire novas possibilidades de rumo. Ambas artistas da performance, Tania e Pascale atuam ativamente em performances coletivas e me conduzem a pensar estratégias em proposições artísticas que sejam disparadoras de alegria, renovação, acolhimento, cuidado e cura.

A noção de cura como processo é pensada nesse texto diferentemente do significado na compreensão da medicina ocidental, e que algumas correntes da psicologia rejeitam quando se trata de questões subjetivas do ser. A cura aqui, é no sentido de integração: quando as minhas partes fragmentadas podem ser reintegradas e eu consigo me sentir mais inteira. Esse restabelecimento do ser que possibilita o fortalecimento da mulher como indivíduo, viabilizando sua conexão com o mundo.

Em *estado de arte-acontecimento*, somo forças ao Grupo Reflexivo sendo também mulher e, portanto, habitante das minhas próprias feridas. Ao realizar a pesquisa em campo, experimento uma escuta que perpassa o corpo como todo, em espécie de suspensão – que não exclui a escuta ativa, mas me permite o atravessamento do inesperado vindo por todos os sentidos do corpo, em *atenção flutuante* (Freud, 1912, p. 112). É somente se expondo ao cenário-vivência que acontecem as confluências. Assim, não é incomum – embora seja sempre surpreendente – esbarrar-me em mim ao ouvir outras vozes. É no reconhecimento da outra que me percebo e delineio a minha identidade, no deslocamento delirante que apenas o encontro em presença como *estado de arte-acontecimento* permite.

Um corpo de subjetividades reconhece a sua identidade através do meio coletivo. Num ambiente em que a prática está presente na fala e a arte aspira, asperamente, a necessidade de liberdade financeira, gerar ações propositivas no campo do sensível é um desafio que se coloca a todo tempo. Em meio aos tensionamentos de uma realidade amarga e que se impõe em qualquer instância, como pode a arte agir simbolicamente? Os símbolos, as nuances, a não objetividade sugere uma inutilidade angustiante. Porque a árdua realidade exige monitoramentos eficazes de saída.

Mas, talvez, a arte não se proponha a resolver objetivamente, porque se estende ao respirar simbiótico da compreensão do real com o ilusório, fazendo parte da reversibilidade do tempo. Propagar devires de arte em meio à hostilidade das dificuldades em que nossas dores nos subvertem, é também uma maneira de resistir através da existência plena. Nesse sentido, a proposição de performances participativas vem servindo de guia por um caminho com curvas de dúvidas tortuosas, já que performances são epistemologias que possibilitam uma intervenção no mundo. E, sendo o mundo um lugar grande demais para pertencer, por ora, atendo-me ao Grupo Reflexivo, acreditando que afetar uma única mulher é transformar também a todas nós.

Continuo, aos poucos, distraíndo minha sede de pousar num fim, me ocupando do cansaço revigorante que está em *tomar conta do mundo*, e entendendo que a luta por justiça e

equidade de gêneros seguirá num tempo para muito além do relógio. Alinhando o amor como ética principal, o caminho tece novos laços a cada passo, agregando ao estudo (e à luta política) graça, ternura e sentido.

“Mais que um instante, quero o seu fluxo.

Nova era, esta minha, e ela me anuncia para já. Tenho coragem?

Por enquanto estou tendo: porque venho sofrido longe [...].

Venho do longe – de uma pesada ancestralidade.

Eu que venho da dor de viver.”²

² LISPECTOR, Clarice. *Água Viva (edição com manuscritos e ensaios inéditos)*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2019, p. 22-23.

1.

“Para falar da chuva, falo da dor do antes.

*Não da dor das águas externas, mas das águas de mim.”*³

Partir, enquanto mulher, é sair de onde se pari. Sair aqui, não no sentido de ir, mas sim, de ganhar movimento. Parto da minha existência – enquanto mulher artista cis, branca, transitante entre Niterói e São Gonçalo, para observar o mundo com olhos de ver em profundo. Experimentar, em análise criteriosa, o fundo do mar – estando lá – é risco iminente de se afogar. E, se tratando de gênero, mulher e risco são conceitos difíceis de se desassociar.

Dentro de flexibilidades das experiências geradoras do meu modo de ser artista – atriz e arte-educadora – sou conduzida a fenomenologia de uma escrita encarnada para atravessar, sem submergir, os questionamentos que surgem. Pensando na potência que minhas incertezas e incômodos adquirem quando transformadas em poéticas de ação artística, objetivo destrinchar os vínculos e relações possíveis para construirmos um futuro pautado em outros pilares e perspectivas. Para isso, meu trabalho é uma interconexão de investigação em arte, ensino, escrita, performance e atuação (como atriz e ativista feminista).

Venho construindo a consciência de ser mulher há cerca de dez anos apenas. Posso dizer que vivi a maior parte da minha vida até aqui, sem estar atenta às opressões e fragilidades que essa existência me impõe em sociedade. Mesmo me reconhecendo em muitos privilégios, lembro da sensação de vulnerabilidade me acompanhar por quase toda a vida. Lembro, por exemplo, do dia em que saí de casa para almoçar na casa da minha avó de bermuda (na atura do joelho) e blusa. Fui tão assediada ao longo do trajeto, que voltei para casa, sentindo que

³ EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê Editora, 2016. p. 92

havia me comportado mal. Só me ocorria que a roupa devia estar realmente inadequada porque estava chamando muita atenção. Eu tinha treze anos.

Outros (vários) episódios provocaram uma sensação semelhante: de estar sempre errada, ser inadequada, sentir vergonha. Aos onze anos, fui eleita como “a garota com a melhor bunda da sala”, e foi daí que comecei a sentir vergonha do meu corpo, tentar esconder, disfarçar. Lembro sem muito esforço, dos meninos – e homens – aparentarem estar sempre confortáveis em jorrarem comentários rudes e inapropriados sobre o meu corpo. Nem sempre me calei, mas a resposta era frequentemente: “*isso é só um elogio*”.

Do professor que passou a mão na minha nuca, despreendeu o meu cabelo e correu sua mão pelas minhas costas, enquanto eu buscava concentração para fazer uma prova na época do ensino médio – passando pelo professor do cursinho que espalhou a falsa informação de eu ter ido até a casa dele num final de semana e por outro professor que disse que não conseguiria dar aula naquele dia, porque eu estava bonita demais e isso o desconcentrava – até o professor na faculdade, que me chamou de “*loirinha ninfeta*” na frente da turma. Só pude me dar conta dessas violências tarde demais para me proteger delas.

Corpo de mulher (ainda que menina) é território de ocupação pública. A gente cresce sabendo disso sem que precise ser dito. A constante preocupação com o tamanho da saia, o sutiã escondido, a calça que não marca. A atenção em tensão diária de estar cruzando as ruas. Se a rua estiver vazia, evite. Se tiver um homem, se esconda. Há aproximadamente dez anos fui, enfim, adquirindo a consciência de que a Cachinhos Dourados⁴, cercada por uma família inteira de ursos, estava mais segura do que qualquer mulher na nossa sociedade.

A impossibilidade de navegar em modo de flunar é uma limitação social imposta às mulheres, que afeta diretamente nossas existências. Mesmo sem ignorar todas as transformações que podem ser percebidas e vivenciadas em sociedade, há de se lembrar que, mesmo sendo mulheres, não estamos todas no mesmo lugar. Como exemplo, o lugar das mulheres brancas é em casa, ou em postos de trabalhos formais, enquanto mulheres negras ocupam os postos de cuidado e serviços precarizados. Embora em todas as classes de mulheres as funções em torno do cuidado estejam intrínsecas e bastante estabelecidas, são às mulheres negras a quem esses espaços são reservados como trabalho.

⁴ Cachinhos Dourados é um conto infantil de uma menina que se perde na floresta e entra na casa de ursos para comer e descansar, sem saber quem vivia ali. Coincidentemente, durante a infância fui apelidada muitas vezes de Cachinhos Dourados, em função da cor e textura dos meus cabelos.

Ao longo do período da pandemia de covid-19, o setor de cuidado foi esvaziado como consequência de uma enxurrada de demissões, que inviabilizaram a manutenção de inúmeras mulheres no mercado de trabalho. A responsabilidade dos cuidados, portanto, afastou-se do caráter profissional, para ser assumido pelas mulheres dentro da sua própria casa, em família. Dentro de casa, fosse por estar afastada de suas funções, fosse por estar atuando profissionalmente à distância (fazemos uso popularmente da expressão em inglês *home office*), as mulheres retomaram totalmente os trabalhos que envolvem cuidado na família. A responsabilidade, desde sempre atribuída e nunca superada, de cuidar do lar e dos seus integrantes permaneceu, portanto, com o agravante da suspensão – por tempo indeterminado – de regressar ao mercado de trabalho e de contar com qualquer possibilidade de rede de apoio.

Em casa, em respeito ao isolamento social da quarentena exigida em função pandemia, mulheres de todo o país se viram presas num submarino frágil e de extrema complexidade, em perigo iminente de implosão. O lar, por muitas vezes, é o lugar de maior tensão pelo risco de violência doméstica e, conseqüentemente, feminicídio. Enclausuradas junto aos seus agressores, as mulheres enfrentaram não só a pandemia que acontecia do lado de fora, mas também, o medo constante do perigo latente dentro de casa – onde o abuso físico, emocional e psicológico estava em condições extra favoráveis para aumentar.

Toda a desestabilização provocada pelo estresse do confinamento, as dificuldades financeiras e pela falta de saídas seguras, desaguou em ilhas sustentadas pelo medo e pela insegurança diárias. Assim, o ano de 2020, é tido como o ano de maior número de violências e feminicídios no Brasil (até aquele momento), enquanto, aparentemente em contradição, é o ano em que foram verificados o menor número de denúncias. Ilhadas com seus agressores, as mulheres em risco não tinham a quem recorrer, pois encontravam-se sem rede de apoio, sem familiares, amigos e colegas de trabalho, o que dificultou significativamente as denúncias e a libertação de situações abusivas.

A pesquisa que aqui se desenha tem início no ano supracitado, em meio a um Brasil pandêmico, ainda enquanto cursava a Graduação em Artes, na Universidade Federal Fluminense. Num período no qual a morte era assunto incessante e ansiávamos por notícias que atualizavam o número de mortes diárias, quase tudo parecia sem sentido. Entranhada em minha própria angústia existencial, desperto para uma busca pessoal de (re)conhecer em profundidade as marés que me conduzem a ser, por assim dizer, o que entendo por identidade própria.

Reencontro-me num caderno-arquivo, resgatado como um achado subaquático, de muitos naufrágios vivenciados e ali coletados. Fragmentos de falas que me foram direcionadas e marcaram, não apenas como registro de experiência, mas como cicatriz de cortes em pele e membros – que rasgam e amputam partes estruturantes de quem sou. Anos antes, impulsionada pelo desejo de retirar do meu corpo subjetivo e da minha casa mental as palavras marcadas a ferro e fogo, me propus o exercício de atirá-las ao papel, para que, talvez assim, perdessem força e presença.

No mesmo período, numa correspondência inesperada que o acaso volta e meia oferece, a Rádio Novelo lançou o podcast *Praia dos Ossos*⁵ – que conta a história da socialite brasileira Ângela Diniz, assassinada em 1976, com quatro tiros disparados por seu companheiro na época, Doca Street. Em primeira instância, o assassino foi inocentado em julgamento por alegar legítima defesa da honra. Doca reverte o caso para si sem muito esforço, contando com torcida e ampla defesa da população. Somente após dois novos processos, o assassino foi condenado a 15 anos de prisão, tendo cumprido, por fim, apenas 8 anos e deixado muitas acusações ao comportamento e estilo de vida de Ângela. O podcast traz trechos dos julgamentos, além de entrevistas com amigos e conhecidos da mulher e do seu assassino, trazendo à tona a questão: como, entre o crime e o julgamento, um réu confesso pode ocupar o posto como vítima?

A partir de então, aciono uma nova diretriz ao pensar que dispara questionamentos insurgentes que, ousar dizer, já me habitavam: como posso ler o arquivo do que me feriu e sentir culpa, mesmo anos depois? Por que, em nenhum dos momentos registrados, eu expus meu desconforto em voz? Se sou intransigente comigo, o que me faria não culpar o comportamento de Ângela por sua morte precoce? Paro, penso, sinto doer.

Em angústia que dispara o coração até fazer o peito arder, tenho dificuldade em pensar. As informações são confusas, embaralhadas e ditas por muitas vozes ao mesmo tempo. Posso controlar algumas coisas, mas dentre aquilo que não controlo, certamente está o meu fluxo de pensamento, que segue alheio ao meu desejo, autônomo e persuasivo, como um rio em queda d'água. Começo a entender que percebo o mundo através do corpo – no disparar das sensações, que agem no limiar do que é substancial e do que é subjetividade.

Em sensibilidade aguçada para sentir vibrar o entendimento do pensamento que percorre o corpo, nasce a primeira prática em arte da pesquisa. A performance acontece como um

⁵ Praia dos Ossos. Locução: Branca Vianna. Rádio Novelo, setembro, 2020. Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/praiadosossos/>. Acesso em: novembro de 2020.

caminho natural daquilo que me excede e, de alguma maneira, precisava encontrar meios para escoar. Desenhado em pele, o pensamento corporificado adquire consistência para ser escutado através do corpo todo e, assim, finalmente aproxima-se de alcançar alguma compreensão.

Impulsionada pela urgência selvagem do corpo que se rebela, armei-me de um batom vermelho e desenhei na pele fragmentos de trechos resgatados do que os arquivos absorveram – seja o papel encadernado ou seja a memória. Escrevo, me espalhando pela casa, entrando e saindo dos cômodos como se desconhecesse os espaços que me são comuns, buscando diferentes partes do corpo, diferentes texturas de pele, diferentes intensidades de luz. Registro todo o processo e, apenas algum tempo depois (horas, talvez dias, talvez meses), entendo que um trabalho artístico foi acontecido. Junto os registros às falas que trago comigo. Histórias da minha vida e de tantas outras vidas que, em algum momento, se cruzaram com a minha – e no meu corpo se fixaram. Assim tem início a primeira prática artística que compõe essa pesquisa: “*Rastros em Descontextos*, 2020”.





GRITE!

NINGUÉM
AJUDOU

NINGUÉM
AJUDOU

Num bloco sem pauta transcrevo em desalinho feridas expostas. Minhas, dela e de outras. Desenho frases em textura chorosa, esperando que sequem e percam o sentido no correr do tempo. Dizem que o correr do tempo cura tudo... A pele, depois de gasta, se renova. Mas descubro – cinco anos depois – que a palavra, não.

Ainda aguado e ainda salgado (além de surpreendentemente amargo), tudo que havia sido escrito mantinha o tom de quando abriu a carne. Talvez não mais em corte, mas enraizado em cicatriz. A pele, agora, enquanto registro de memórias não quistas.

Começo como todo começo artístico: em angústia de não caber. Ando pela casa, lendo e relendo o caderno redescoberto, apanho um batom vermelho vencido e preencho meu corpo com trechos daquilo que antes era arquivo. Pincelo, em busca de entranhar ao contrário – de dentro para fora. Adensar a pele em inverso, sangrar palavras pelos poros. Percebo uma beleza estética tão dolorosa, que fere a ética que me trouxe até aqui.

Lavo o rosto. O peito. As mãos. As dores – com suas vozes - escorrem e escoam ralo abaixo. Absolutamente desimportantes. Diluído, desfeito em água, o vermelho nem existe. Penso sobre a força de realidade que essa representação traz. Cada voz sendo de uma e de todas elas – que somos nós. Personagens que me compõem em gestos, marcas e vísceras de ser (e me saber) mulher.

Sigo, angustiada, acompanhando estatísticas de fontes diversas, todas em conflito. Os dados da violência são ocultos como ela mesma. Mas a convergência acontece no disparo de uma informação: enquanto as denúncias de violência doméstica tiveram redução, os casos de feminicídio aumentaram drasticamente. De 96 mortes computadas em 2019, houve um salto para 1.823 mulheres assassinadas no ano seguinte, segundo a Rede de Observatórios da Segurança, que integra Observatórios de cinco estados brasileiros (Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Ceará e Pernambuco). Cinco mulheres foram assassinadas por dia, no Brasil.

Imersa em números que são mulheres - e tentando respirar para não afogar em meio ao líquido vermelho que escorre cinco dias a cada trinta -, calculo mentalmente o que as estatísticas dizem. Aumento vertiginoso, vertigem que derruba em queda quem acompanha. Os dados conflituosos chegam na pele em forma de arrepio. Ser mulher é condição de risco iminente.

Feito bicho acuado, caminho até o banheiro em busca de abrigo... Sem pensar que, enquanto eu me habitar, não há refúgio que ampare. Abro a torneira da pia cor de carne, e observo a água escorrer: bruta, pesada, invasiva. A cor continua vermelho vibrante, em vida que

pulsa e se esvai, ainda viva. Vida que ninguém sabe ao certo para onde vai, mas deixa para trás – nós nas gargantas em medo e indignação por uma a menos. Uma de nós. Mais uma de nós.

Em papel toalha de pele firme que não se desfaz, mas deixa de ser depois de invadido, escrevo nomes que conheço sem ter conhecido. A tinta guache, vulgar como quase tudo, resiste à agressão da água corrente, mas não à poça inerte – que talvez seja ainda mais violenta, por se fazer inofensiva. Afasto a pele-papel que resta como sobra, negada até pelo ralo. O olho de metal que olho, me olha de volta em ameaça, como quem anuncia o destino em comum. Acaba como começa. O vermelho vibrante que pulsou a vida em cinco dias a cada trinta, pulsa a morte de cinco mulheres a cada dia.

Os números impactantes chegam ao meu corpo como cólera e úlcera dolorosa. Doem os braços, as pernas, o pescoço. Sinto como se em minhas veias e artérias corresse um ácido espalhando por todo o corpo, que se corrói, ainda que vivo. Uma corrente de eletricidade que sobe a espinha e faz com que os ombros reajam, se aproximando dos ouvidos. É uma dor existencial, disparada pelo medo da morte – e da vida. Viver e morrer são conceitos que se aproximam e quase se confundem em muitas perspectivas. Não morrer não significa necessariamente estar vivo.

Assim, nasceu a fotoperformance elaborada como ativação para a minha página pessoal de *Instagram*: “*Cinco a menos, 2021*”. Durante 24 horas, publiquei cinco sequências fotográficas, com cinco imagens cada, representando as cinco mulheres mortas a cada dia no ano anterior.

五
五
五
五
五
五









“*Cinco a menos*” surge num ímpeto de fúria e desconsolo, onde eu disparo pela casa a procura de materiais que aceitassem o trabalho insurgente. Encontro o papel toalha que se fez pele, a guache vermelha que se fez sangue, e tranco-me no banheiro. Naquele momento, me ocorre que esse é exatamente o movimento de tantas mulheres violentadas dentro de suas próprias casas. O banheiro é uma prisão e um refúgio para muitas de nós.

Começo a desenhar o nome de cinco mulheres, escolhidos aleatoriamente em caráter intuitivo, pensando que as mulheres assassinadas em feminicídio poderiam ser – e são – qualquer uma de nós. Essa noção me apavora e encoraja em medidas bastante similares. Escrevo: Laura, Maria, Joana, Patrícia, Karen. Os nomes de mulheres me encaram, eu as encaro de volta, e sinto uma dor profunda por elas (também por mim). Afinal, o que nos diferencia, nos distancia ou nos salva? Talvez essa seja uma questão de sorte, tempo ou geografia. Mas o fato é que há uma roleta russa que gira, insana e incessante, podendo apontar como alvo qualquer uma de nós. O delírio da consciência é continuar, apesar dela.

1.1

*“Não sei por que o medo, pensou Bica.
Se ao menos o medo me fizesse recuar; pelo contrário,
avanço mais e mais na mesma proporção desse medo.
É como se o medo fosse uma coragem ao contrário.”⁶*

Não há nada de novo. Dentro do cenário pandêmico em questão, a carga de responsabilidade pelo cuidado familiar ainda recaía com força total sobre as mulheres, pois todo o trabalho doméstico e os cuidados com os filhos geravam um peso a mais. Cabia às mulheres, mesmo ilhadas e, não raramente, em profundidades e pressão submarinas, zelar pelo ambiente doméstico e acompanhar os filhos educacional e emocionalmente. Dessa maneira, é evidente a constatação de que a extenuante desigualdade de gênero que se apresenta nos trabalhos relacionados ao cuidado (em especial, os não remunerados) é uma das pautas mais relevantes para o feminismo recente.

Portanto, sendo os lares lugares de instabilidade e insegurança, a despeito da pandemia, ocupar as ruas e os postos de trabalho se fazia essencial. Pareceu, ao longo de muitos anos, um dos cerne fundamentais do feminismo. No entanto, no livro “Mulheres e Caça às bruxas”, Silvia Federici aponta que as mulheres só adquirem a permissão para ingressar ao mercado de trabalho a partir de uma necessidade do capitalismo, que precisa de mão de obra de baixo custo para atuar em serviços precarizados. Silvia diz que:

Para o capital, bem como para os homens lançados a condições precárias, o valor das mulheres reside cada vez mais na mão de obra barata que elas podem oferecer no mercado por meio da venda de seu

⁶ EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p. 100.

trabalho e de seu corpo, não do trabalho doméstico não remunerado, que precisaria ser sustentado por um salário masculino estável no mercado, algo que o capitalismo contemporâneo está determinado a eliminar paulatinamente, exceto por setores restritos da população. O trabalho das mulheres no lar e como produtoras de novas gerações não desapareceu, mas não é mais uma condição suficiente para a aceitação social. (Federici, 2019, p. 98-99)

Em sequência, ela afirma que “*a integração das mulheres na economia global é um processo violento*” (p. 99), já que as mulheres se veem ainda mais vulnerabilizadas, ao ponto em que são cobradas a contribuir financeiramente em casa, manter toda a sua função com excelência nos cuidados da família e nas tarefas domésticas. Ou seja, até mesmo aquilo que nos soa como direito conquistado, é usurpado enquanto vitória de igualdade de gênero, para revelar-se como (mais) um serviço ao capitalismo patriarcal.

O patriarcado não é uma cultura, e sim, uma ordem política. Ademais, ele é necessário ao capitalismo, sem o qual não se sustentaria sozinho. A opressão de gênero é a mais antiga de todas as opressões e é a estrutura basal onde a configuração político-social que conhecemos se estabelece em solidez⁷. As análises feministas resultantes de um longo processo de construção do movimento de mulheres, destacam o patriarcado não só como opressor do gênero feminino, mas como um rolo compressor de outros gêneros dissidentes. As outras formas de opressão como o racismo, o classismo, homofobia e transfobia também são avassaladas pela estrutura do poder patriarcal. Portanto, o patriarcado desempenha um papel fundamental na manutenção das hierarquias de poder e na produção (e reprodução) das relações de dominação e exploração que são características do sistema capitalista.

Dessa maneira, todos os mecanismos em que as mulheres estão inseridas são engendrados para aproveitamento dos homens em sociedade, e nunca a favor de uma igualdade de gênero sob qualquer aspecto de entendimento. Ainda na mesma publicação, Federici comenta os significados de “*gossip*”, que em inglês, foi popularizado como “fofoca”, mas originalmente, representa a “amizade entre mulheres”. Assim, a partir de uma visão estereotipada através dos olhares externos, o convívio entre mulheres foi – e ainda é – estigmatizado, denotando sentido de futilidade e maledicência. O isolamento é uma ferramenta

⁷ SEGATO, Rita. *Cenas de um pensamento incômodo*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

cruel, insistente e eficaz de controle, para que não insurja uma reação coletiva ou um enfrentamento direto contra patriarcal. Portanto, a comunhão entre mulheres, desde a fase final da Idade Média, é encarada como um risco a ser evitado, pois assim nascem as bruxas e – por que não – o feminismo.

Em sua tese de doutorado, a artista Marielen Baldissera não se atém às questões relacionadas ao cuidado e ao trabalho, mas pensa o corpo significativo da mulher nas ruas. Ela faz uma análise antropológica sobre a experiência de ser mulher em sociedade pelo viés da ideia de *flâneuses*, que indica uma mulher de corpo inteiro e livre em trânsito pela cidade, numa variação poética de flunar. Ela, inclusive aponta que flunar é verbo de direito concedido aos homens, pois o lugar da mulher convencionalmente e historicamente se restringe às limitações da casa. Flunar, em termos mais abrangentes, é andar sem destino, sem objetivo delineado. É traçar um caminhar intuitivo, permitir ser atravessada tanto quanto levada pelo acaso e pelos sentidos.

Às mulheres, mesmo depois de serem inseridas no mercado de trabalho, ainda não cabe o espaço público das ruas. Não há visão social que lide de bom grado com mulheres que imponham ao espaço público sua presença sem que esteja demonstrando objetividade ou desconforto. O corpo feminino que se apropria da cidade é um corpo transgressor. O corpo em experiência é uma complexa relação entre si e o viver no mundo, que compõe a existência – e nos ressalta que a vivência é profundamente entrelaçada com a forma como as pessoas percebem, interpretam e interagem em sociedade por meio de seus corpos.

Assim, privadas do livre caminhar nas ruas, por ser de pertencimento masculino (ambos), as mulheres vêm tendo a sua capacidade de integração e de criação tolhidas, impossibilitadas de gerar as próprias experiências transitantes e de abrir espaço para a ocupação despretensiosa propulsora de reverberações poético-artísticas. Sem acesso ao lugar-comum dos acontecimentos e sem tempo para dispor à deliberação dos sentidos, é certamente mais complexo existir como artista.

O que eu desejo é a liberdade de andar por aí sozinha, de ir e vir, [...] de parar e olhar para as lojas de arte, de entrar em igrejas e museus, de andar pelas ruas antigas à noite; Isso é o que eu almejo; e essa é a

liberdade sem a qual não se pode se tornar um verdadeiro artista (BASHKIRTSEFF, 1889).⁸

Habitar um corpo de mulher artista e ativista é, portanto, performar constantemente a presença como um corpo agenciador de propósitos que barram as convencionalidades impostas. Como consequência, mulheres artistas esvaziam o corpo da moral, para preenchê-lo de ética – o que faz com que, na prática, o corpo seja substância, motivo e motivação das transformações almejadas no âmbito social.

Quando uma mulher se coloca em ocupação do espaço público, com a significância já estabelecida em relação ao seu corpo, está sujeita a olhares invasivos de assédio e julgamento. É desafiador manter o andar de *flaneur*, quando há consciência de observação alheia atenta. Enquanto caminha instaura-se a perturbação da consciência sentida através dos poros de que sua aparência é julgada, seu corpo-agenciador é sexualizado e sua movimentação como ocupante desperta as feras que gostamos de pensar que foram bloqueadas e ficaram já séculos de distanciamento. Num passado em que, na Inglaterra, os maridos precisavam ceder permissão para que suas mulheres saíssem pelas ruas. Ou em que, na Idade Média, uma mulher confortavelmente em solitude recebia acusação de bruxaria – mas em companhia de outras mulheres também.

Recentemente li transcorrendo em rede social, um texto que falava sobre o tabu do toque, e como seria importante superarmos em nível social, para a naturalização e verbalização do sexo, com muitos comentários consonantes. Tenho uma opinião controversa a esse respeito. Quais corpos são proibidos de serem tocados? O toque em corpo de mulher ou menina, no patriarcalismo, não é somente sexual, mas uma representação física de poder. As mulheres aprendem desde sempre que não podem permitir-se serem tocadas, como aprendem a não se aproximarem de animais selvagens. A selvageria do comportamento masculino diante da figura da mulher (permitida e incentivada) é o motivo pelo qual passamos a vida nos preocupando em ter cuidados comportamentais e criar rotas de fuga.

⁸ “What I long for is the freedom of going about alone, of coming and going, [...] of stopping and looking at the artistic shops, of entering churches and museums, of walking about old streets at night; that’s what I long for; and that’s the freedom without which one cannot become a real artist.”

Dispor, portanto, de um corpo de mulher, é também aprender por onde andar, com quem falar, como se vestir. Um corpo de mulher que não se impõe conscientemente como agenciador ético, é um corpo aprisionado e violentado cotidianamente. Precisamente, o que se estabelece aqui não é uma afirmação de que a mulher consciente que dispõe do seu corpo-casa como agenciador nas ruas, está imune às violências. Afirmo a proporção inversa: a reação opressiva aumenta à medida em que o opressor se sente desafiado.

Por isso, evidencio os malabarismos constantes entre arte-vida-ativismo feminista, para que nossos corpos sejam bem-aventurados (veja só, as palavras se organizam e elucidam: ser um corpo de mulher na rua, já é mesmo se aventurar) ao se deslocarem pela cidade. A questão que também se estabelece aqui é: como a arte contemporânea pode agir, propondo ações que sirvam de contra dispositivos a um imaginário já tão colonizado e opressivo para as mulheres?

*“Seus movimentos eram mais libertos do corpo,
como se agora houvesse mais espaço no mundo para o seu ser.”⁹*

A violência que atinge as mulheres é dada como base da concepção construída a partir do que é o erotismo ocidental, em que seus corpos devem ser brandos e consumidos por ausências, a fim de serem preenchidos pela completude oferecida por um agente externo. Estamos nesse contexto, obviamente, nos referindo ao sistema heteropatriarcal. Um erotismo essencialmente masculino, onde a mulher deve ser absorvida, aceita, completada por um outro, e o desejo de aproximação advém da necessidade de dominação do *corpo-território*¹⁰ feminino.

Um conceito de Verónica Gago, corpo-território seria um corpo passível de colonização e domínio absoluto, território em que se extrai valor por meio de violências. Um corpo que se mantém vivo em batalhas instantes e incessantes, que agencia a si próprio através de enfrentamentos, que se refaz, sublimado, a partir dos encontros felizes. Substancialmente, entendemos aqui o corpo como parte de um todo, e não se pode obter como propriedade um tecido interconectado com o espaço, que é físico e o etéreo. Assim, Verónica afirma:

Então, corpo-território supõe a hipótese de que as mulheres e as corporalidades dissidentes que nutrem e se nutrem nessas lutas produzem e situam o corpo como território extenso: ou seja, não como

⁹ LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992, p. 126.

¹⁰ GAGO, Verónica. *La potencia feminista o el deseo de cambiarlo todo*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2019. p. 105.

confinamento da individualidade, limitado às margens do corpo próprio entendido como “propriedade” respaldada por direitos individuais, mas como matéria ampliada, superfície extensa de afetos, trajetórias, recursos e memórias. (Gago, 2019, p. 109)

Dessa maneira, podemos concluir sem a necessidade de grandes elaborações, que as violências sofridas pelas mulheres não estão conectadas à necessidade de prazer, como comumente vemos, em argumentos de fragilidade débil. Está relacionada diretamente a manutenção de poder e disputa territorialista, ainda que na esfera doméstica. Historicamente, inclusive, as violências de gênero que aconteciam no ambiente doméstico, foram consideradas assuntos privados – ao invés de questões do Estado. Isso degradingolou em diversas arestas, como a falta de intervenção através de políticas públicas, a falta de punição dos agressores e a naturalização da violência de gênero contra a mulher dentro de suas próprias casas. Esse (des)entendimento é nocivo, posto que perpetua a invisibilidade e a impunidade do abuso sexual, e da violência doméstica.

Tais prerrogativas instauradas geram corpos movidos a raiva, ódio e tristeza. Mas, mesmo sendo socialmente destacados como afetos destrutivos, todo afeto é força de afetar. Assim, são afetos semeadores de reação, pois buscam caminhos de restituição e transformação. Ao encontrar a raiva e o ódio, a dor se liberta de uma passividade limitante para agir em insurgência desobediente e ganha ainda mais vigor ao encontrar outros corpos movidos por afetos semelhantes.

As emoções desempenham um papel fundamental na politização dos sujeitos. A relação de Sara Ahmed com o feminismo (assim como bell hooks¹¹) vem do entendimento sensível de emoções pontuais que a conduziram a determinadas leituras do mundo que habitamos. A indignação, a dor e a alegria que sentia ao estabelecer conexões inesperadas com outras mulheres, a faziam perceber que o mundo ainda pulsa e é passível de transformação. A esperança conduz mesmo nos momentos de crise e estrutura o desejo real de uma mudança social profunda.

¹¹ bell hooks, uma das maiores referências do feminismo contemporâneo, reafirma frequentemente nos seus escritos que foram as suas dores e vivências próprias que a trouxeram até a teoria feminista. A busca do pensamento através do impacto da experiência sofrida. É o que Sara Ahmed transforma em escrita fenomenológica.

Em “La Política Cultural de las Emociones” (p. 59) Sara Ahmed defende que a dor – que espera-se que individualize os seres, nos faz paradoxalmente conectados, vinculados a corpos que são outros universos, despertando uma correlação que independe das circunstâncias específicas que foram causadoras daquela dor. Assim, ainda que o sentimento de dor seja particular e intransferível, a experiência em si é uma conexão direta com outras vidas.

Enquanto Judith Butler questiona, em provocação, se o que faz mulheres se reconhecerem como tal, é a dor sofrida¹², eu poderia afirmar que, na verdade, é uma espécie de identificação existencial. Em análise sensível, percebo que há uma relação afetivo-emocional direta entre mulheres, que nos une para além da dor sentida, mas tece em laço uma rede invisível de sensibilidade comum intrínseca – que dispensa a *empatia*¹³. Não é como se conectar à outra mulher com uma quase solidariedade – que traduz a empatia – e não é sobre assumir a dor da outra. A impossibilidade de gerar empatia, aliás, é o maior sintoma de gravidade, é o que atesta a ferida social.

Assim, mais do que apenas a compreensão do sentir exterior a mim, detecto um lugar comum que alcança o *sentimento oceânico*¹⁴ enunciado por Freud, onde me vejo absorvendo e sendo absorvida por ser – e me saber – mulher. Elaborando o pensamento construído nessa narrativa e falando através da minha pele – única, indivisível e intransponível – mas mergulhando em outras tantas, ultrapassando artisticamente conceitos pré-existentes acerca dos (des)limites do eu. Em seu primeiro romance, intitulado “Perto do Coração Selvagem”, Clarice Lispector adentra em profundidade poética sensações que me atravessam no processo de criação e experimentação de um *corpo etéreo*, que se expande para além:

Quando me surpreendo ao fundo do espelho assusto-me. Mal posso acreditar que tenho limites, que sou recortada e definida. Sinto-me espalhada no ar, pensando dentro das criaturas, vivendo nas coisas além de mim mesma. (Lispector, 1992, p. 82)

¹² BUTLER, Judith. *Desfazendo Gênero*. São Paulo: Editora Unesp, 2022. p. 57

¹³ AHMED, Sara. *La Política Cultural de las Emociones*. Universidad Nacional Autónoma de México: Programa Universitario de Estudios de Género. p. 63

¹⁴ Em *O Mal-Estar na Civilização*, 1930, Freud discorre sobre o sentimento oceânico, uma percepção de sentimento universal, que conecta as pessoas através de uma sensação universal de unidade.

Entendo Clarice navegando no mesmo oceano que Freud faz alusão, para não afogar em si mesma. Lidando com um corpo sem contornos, ela potencializa a conectividade e a interdependência humana dentro dos diferentes modos de existência. A realidade como pertencimento mútuo e, portanto, transformadora de (e transformada por) acontecimentos e agentes. “*Eu me sinto tão dentro do mundo que me parece não estar pensando, mas usando uma nova modalidade de respirar*”. (Clarice Lispector, 1992, p.117)

Um corpo em conectividade de extensão e atravessamentos, que se estende, se reconhece através e absorve outros corpos. Identifico meu corpo de atriz, artista e mulher nessa fissura que, através de espaçamentos estreitos, se dilata em imensidão. Ocupa um espaço impróprio e se apropria de outros devires que são percebidos através de sensações. As sensações, diferentemente dos sentimentos, alcançam um nível de aterramento que os sentimentos – etéreos que são – não atingem. Sensação é o sentir que chegou à pele. Sentimento corporificado. Não diferente em intensidade, mas em percepção. Já não mais somente laboração emocional, agora sendo o corpo que pulsa e grita.

Tenho em mim todas as mulheres do mundo. Não sou todas, não somos as mesmas (em absoluto), não compartilhamos as mesmas vivências, histórias, trajetórias, nem espaço e tempo. Mas esse sentimento oceânico que nos conecta em espécie de sentir universal, somado ao corpo etéreo que nos permite viver além de nós mesmas, gera uma experiência de identificação genuína e simbiótica.

Dentro de todo o exposto, considerando ainda que performance é um movimento de expansão de si, que é composto por sucessões de micro acontecimentos que agenciam o corpo formatado para além dele mesmo, reconheço meu corpo no *corpo paradoxal* de José Gil:

Um corpo habitado por, e habitando outros corpos e outros espíritos, e existindo ao mesmo tempo na abertura permanente ao mundo por intermédio da linguagem e do contato sensível, e no recolhimento da sua singularidade, através do silêncio e da não-inscrição. Um corpo que se abre e se fecha, que se conecta sem cessar com outros corpos e outros elementos, um corpo que pode ser desertado, esvaziado, roubado da sua alma e pode ser atravessado pelos fluxos mais exuberantes da vida. (Gil, 2002, p. 53)

Na conceitualização de um corpo paradoxal, José Gil gera o amálgama revelador entre o *corpo sem órgãos*¹⁵, o *corpo quiasmático*¹⁶ e o *corpo etéreo*¹⁷. Pensar um corpo que se despe de si, para absorver outros corpos como um plano de imanência, para que haja livre circulação de energia vital – aqui, de inúmeras vidas, na imensidão de se reconhecer mulher. E, a partir daí, gestar em alta intensidade a propagação de multiplicidades que substancializam um corpo – é nesse ponto que me encontro como artista. Assim, não posso me dizer uma, não estou separada do resto, meu corpo é constantemente recriado através da absorção de outros corpos e experiências. A arte produz o deslocamento do eu-cêntrico para um eu não individualizante, disparando uma ativação contínua *poentre nós*. Pois é o campo da arte que propicia a intimidade necessária para criação de elos entre o eu que escreve, o eu que lê e o eu que atua em performance.

A pesquisa que elaboro em fluxo contínuo com a arte e a vida, é gestada também no intuito de aproximar áreas tensionadas. Gerar uma fricção que, como agora, harmonize os conhecimentos em poesia, psicologia, filosofia e arte – saberes da palavra, da mente e do corpo intimamente interligados – provando em experiência que toda pluralidade é especial, porém, substancialmente confluyente. Quando interpeladas de maneira a entrecruzarem-se, as diferentes áreas de saberes adquirem corpo de fruição vital. Fundindo-se ao serem combinadas, instauram uma potência ainda maior de entendimento, através de uma ético-estética relacional. Friccionar também gera energia de impulso.

¹⁵ DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1999.

¹⁶ BUTLER, Judith. *Que mundo é este? Uma fenomenologia pandêmica*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2022. No livro mencionado, Butler cita o corpo quiasmático conceituado originalmente por Merleau-Ponty (1964), destacando que “o modo como o mundo gruda em mim, me satura” (p.68), adicionando à ideia vibrátil de quiasma a densidade corpórea que alguns modos de existência carregam em si. Aqui, em específico, correlaciono com a poética de Clarice Lispector e com a experiência de existir em corpo de mulher.

¹⁷ LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2019. p. 156

1.3

“Intuíta que tudo era muito pouco.

A luta deveria ser maior ainda.”¹⁸

Falando em feminismos, enquanto Federici aborda as armadilhas, meios de controle e perseguição aos quais as mulheres são submetidas, bell hooks e Sara Ahmed elaboram fluxos de passagem, que possibilitam que um mundo cada vez mais individualista atenda a urgência em fortalecer coletivos de mulheres visando a transformação da estrutura social.

Em “O amor como prática de liberdade”, hooks defende que:

Sem amor, nossos esforços para libertar a nós mesmas/os e nossa comunidade mundial da opressão e exploração estão condenados. Enquanto nos recusarmos a abordar plenamente o lugar do amor nas lutas por libertação, não seremos capazes de criar uma cultura de conversão na qual haja um coletivo afastando-se de uma ética de dominação. (hooks, 2006. p. 250)

Assim, bell hooks enfatiza a urgência da compreensão do amor como força motriz essencial para as lutas por libertação e justiça social. Nesse sentido, o amor deve ser a fonte intrínseca de motivação e inspiração para as transformações, nutrindo a empatia e a

¹⁸ EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p. 37.

solidariedade, bem como a própria humanização de todos os seres humanos, solidificando os laços comunitários e impulsionando ações coletivas. Pois, ao criar uma cultura de conversão – a qual se distancia de uma ética de dominação – as conexões tornam-se mais compassivas e generosas, focando no compromisso constante com a construção de uma sociedade mais amorosa, igualitária e inclusiva.

À sua maneira, hooks e Ahmed afirmam que as mulheres não são um grupo monolítico e suas experiências são moldadas por diversos fatores, como raça, classe social, sexualidade, identidade de gênero, entre outros aspectos. Portanto, em seus escritos, as autoras exploram essas complexidades, defendendo que uma rede consistente necessita ser moldada por interseccionalidades, e destacam a importância de redes formadas e sustentadas por afeto¹⁹, como meio impulsionador para alcançar uma mudança significativa na estrutura social.

Pensar as mulheres em uníssono é falho e desagregador, pois evidencia os distanciamentos impostos pelas distintas origens de trajetórias e vivências. Em função de nossas particularidades e singularidades, as pesquisadoras já citadas e ainda outras (como Judith Butler), alinham-se ao entendimento de que o feminismo não deve ser um movimento de luta apenas, porque efetivamente precisamos de uma nova condição social. Não como o patriarcado, que é organizado em raízes profundas e existe como base consolidada de organização a nível mundial, mas como um pensar sistêmico, capaz de promover uma nova estruturação de mundo.

Gente é vocábulo plural. Ser é existir coletivo e, assim sendo, sentido só se faz através (ou em função) de outro. Pensando no provérbio africano que diz que “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”, diria que é preciso uma aldeia inteira também para existir em plenitude – em qualquer fase da vida. Por existir em plenitude, me refiro à potencialidade do ser individual. Digo aqui, que só é possível ser o máximo que podemos ser, se – em coletivo – houver cuidado atento de quem partilha conosco o mesmo lugar de espaço-tempo.

É possível perceber em sociedade agrupamentos espontâneos de indivíduos que se reconhecem por afinidade de pertencimento ou vivência. Dessa aproximação surgem vínculos de amparo e acolhimento fundamentais como estratégia de superexistência – termo que trago

¹⁹ SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

definindo uma possibilidade de existir para além da necessidade de sobreviver, mas recriar uma nova e maior condição de existir.

Ao superexistir, não há apagamento de nenhuma trajetória, por mais dolorosa e difícil que seja lidar com a memória. Mas é reelaborada a condição de existir sempre em resistência ou sobrevivência, termos que reluto em tratar aqui, por sua significância e uso vulgar enquanto jargão do ativismo intelectual. Como diz Saidiya Hartman, histórias impossíveis de serem contadas ainda precisam ser contadas – seja através de laborações de contos fabulantes, escritas encarnadas, audiovisual ou teatralização. As histórias impossíveis de serem contadas contam a história de muitas de nós e, por esse motivo, não podem ser abafadas nem silenciadas.

O caminho que sigo a partir de então, segue rumos que se alinham ao *Mulherio*, Programa de Extensão da Psicologia da UFF, coordenado pela Dra. Paula Land Curi. Nos encontros em grupo, coloco-me em estado de escuta ativa, captando histórias, relatos, debates e fontes de pesquisa. À época, o grupo integrava mais de trinta mulheres de diferentes áreas, sendo, em sua maioria, psicólogas. Durante as reuniões, as mulheres comumente relatavam histórias de acontecimentos clínicos vistos, vividos ou ouvidos, além de indicações de leituras e vídeos.

O Mulherio é a primeira fonte direta que tenho acesso em prática de pesquisa artística. Estar em meio à mulheres reverbera em mim toda a teoria que vinha guiando meus passos até então. Aqui, obviamente, há um recorte intelectual de mulheres acadêmicas e em pleno exercício de militância feminista. Mas, ainda assim, é possível perceber o sentimento oceânico em erupção de lava ardente.

Através desse contato, percebo que tenho um encantamento pelas coisas quase todas. Até mesmo minha angústia é acontecida em poética de encantamento. Meu mover em arte está em vivenciar com olhos de representação a realidade. Por mais dura, dolorosa e grosseira que a vida possa ser. Afinal, como lidar com a realidade senão com alguma elaboração de nível poético? Desde quando adentrei a violência de gênero contra a mulher, esse tema que conta a minha vida (de tantas outras vidas já vividas) e me invade a carne, se tornou quase uma obsessão. E tratar de um tema com raízes tão profundas e marcas contundentes, vem com a responsabilidade de tocar em feridas expostas, que sangram e latejam.

O ativismo contemporâneo feminista, por vezes, agencia caminhos que se propõem a estabelecer uma conexão orgânica e significativa com o mundo. Desafiando, portanto, as

fronteiras convencionais da arte e ampliando o entendimento do papel do artista como propositor de expansão da potência da expressão artística enquanto impacto social. De maneira complexa, a arte que produzo reverbera a estética poética, a crítica política e é impregnada de densa corporeidade, onde vida e arte deslocam-se e misturam-se intrinsecamente. Busco ir além da representação, tensionando os limites entre arte-vida, enquanto exploro a conexão com o corpo através da experiência de ser mulher no Brasil, dando voz a múltiplas histórias e perspectivas de marginalização e silenciamento histórico.

1.4

“Pinto e tinjo com o meu próprio corpo. Um prazer táctil imenso.

Uso os dedos e o corpo, abdicando do pincel. Tinjo em sangue. Navalho-me.

Valho-me como matéria-prima.”²⁰

Assim, abraçada pelo Mulherio e pelas mulheres que o compõem, sou convidada a apresentar os trabalhos artísticos realizados até ali, para seguirmos em debate. Apresento “*Rastros em Descontextos*” e “*Cinco a menos*”. Tomada por expectativa flamejante, decido, então, mostrar também imagens recentes que havia produzido – novamente, sendo levada pelo ímpeto da urgência e sem uma formulação precisa do que seria construído a partir das imagens registradas. Até aquele momento, não existia um novo trabalho de fato, eram apenas imagens, registros de uma performance também realizada em casa, ainda sem contornos delineados e conceitualização.

²⁰ EVARISTO, Conceição. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Rio de Janeiro: Malê Editora, 2020. p. 79







Pego o lençol branco, tinta guache vermelha – o vermelho sempre presente seria mecanismo do imaginário intrínseco ou reflexo do que se mantém vívido e real? – e a câmera, coloco tudo no chão da sala. Paro, respiro. Existe um peso no meu peito e nos braços, percebo que este processo vai exigir maior dificuldade do corpo enquanto meio de fazedura e forma de criação. Volto ao quarto, pego uma blusa branca e faço de venda. A dificuldade do corpo precisava ganhar densidade de fazer.

De olhos vendados, tiro a roupa. A pele totalmente exposta, em contato com o ar que toca em todas as partes, traz desconforto. Arrepios de frio, calor e vergonha. Estou sozinha. Mas não me sinto só. Minha cabeça gira com histórias em vozes que tampouco reconheço. Paro e respiro novamente. Estico o lençol e começo a desenhar, em palavras, o que as vozes dizem. É tão difícil escrever com os dedos molhados de tinta no lençol que se embola. É tão difícil enxergar com a venda que atrapalha e me sufoca. Por que existir é sempre tão, inteiramente, desconfortável?

Escrevo as histórias das outras, como se fossem minhas. Palavras que, mesmo soltas, orbitam mente e corpo, e desejam com tamanha força ganharem espaço corpóreo, que saltam ao lençol com certa fluidez. Escrevo. Não vejo. Sujo. Meu corpo, o lençol, o chão da casa. Retiro a venda e olho a bagunça em volta. Encaro meu corpo nu. Sujo, inapropriado, marcado.

Uma pontada no estômago de não saber ser mulher, nem artista. O ar que me toca tem peso de dor. Envolver o lençol no meu corpo, na esperança de aliviar tanto desconforto. Choro. As lágrimas vêm em soluços, e eu me deito no chão, para acalmar. A sensação de não compreender o que está acontecendo ali vem com uma angústia nunca sentida por mim antes. O lençol, o corpo nu, o chão e a sujeira. Já é madrugada e nada conecta em sentido.

O grupo encara os registros realizados em fotografias pouco manipuladas, expressivas por contrastes e texturas. Imagens simbólicas, que visam o retrato em sensações e disparador de paralelos em trajetórias pessoais e histórias absorvidas. As mulheres presentes compartilharam generosamente suas impressões e reverberações, que envolvem memórias de origens diversas. Ainda que não tivessem total consciência, naquele momento, elas delineavam através de mim o texto ontológico que conduz e complementa, e adensa novas camadas de profundidade à epistemologia do trabalho. Assim, nasce a fotoperformance “*Identidade*”, 2021.

A princípio, pensados para serem apresentados apenas de maneira on-line (ainda em função da pandemia de covid-19), os três trabalhos realizados foram elaborados como

fotoperformance. Até que, espontaneamente, a voz acontece em ação atuante durante as apresentações, como meio de alcance multissensorial e transpessoal. Assim, entendendo que a potência da voz redimensiona as imagens e potência, além do adensamento da presença, “*Rastros em Descontextos*” e “*Identidade*” passam a ser devolvidos como videoperformances.

Meu trabalho é costurar juto ao tempo, criar organicamente, em respeito e atenção aos meus próprios impulsos. Depois, há uma pausa que se estica e redimensiona a compreensão da experiência em performance, através dos registros. A partir daí tudo é encontro e consonância. O entendimento do corpo vai, enfim, alcançando a superfície do pensamento, e começo a finalmente construir uma estrutura de obra artística. E, assim como todo texto escrito, as videoperformances também autoproclamam o seu fim. Um fim que é sempre momentâneo, inacabado, em suspensão.

A arquitetônica do trabalho se dá num ciclo em que eu recolho depoimentos de vivências individuais, transcrevo em pele, absorvo as personagens, componho cenicamente e devolvo - enquanto anúncio coletiva. Em arte, mantenho a elipse de construção: eu e a outra - conectando em infinitos nós. Compreendendo e respeitando as muitas particularidades, mas buscando contornos, para que possamos nos conectar como uma *fita de Möbius*. Começo a entender que performance é um trabalho que se dá no tempo. Pois aqui, o tempo cuida e mostra caminhos a serem percorridos.

O trabalho que tem o corpo de mulher como performance artística marca presença como elemento estético que gera desconforto - ainda que, em grande parte, esse corpo se disponha como agente de luta por emancipação, liberdade e modo de sobrevivência. Assim, a performance feminista pode ser considerada uma poderosa forma de expressão artística e interventora social, por ser também uma ferramenta importante nos movimentos sociais e na busca por igualdade de gênero (bem como pelo fim da violência de gênero e, por vezes, com aspecto de denúncia e/ou reverberação de casos).

A dor vivida por um corpo-nação através da história e de uma cultura de pressurização e violência, é inconciliável e irreparável, mas ainda assim, o corpo recria um território para existir além (ou apesar) dessa dor. Os corpos que resistem em ação são muito mais do que propriamente a sua luta. Em “*Epistemologias do Sul*”, Boaventura de Souza Santos diz que “as emoções são a porta que dá para o caminho da vida e são esses mesmos caminhos da luta”. Assim, é possível dizer que o corpo em diálogo com o mundo, captando um conjunto de rastros

em comum, é finalmente performado no corpo da mulher-artista. Uma substância transmutada através do encontro (ou do quiasma de Butler) que produz a sinapse: um algo meu, mesmo quando não é meu, é meu e da outra também.

As performances feministas aparecem como um importante mecanismo político que articula a arte tanto em relação aos movimentos sociais como à subjetividade dos artistas e dos sujeitos envolvidos/representados. Essa articulação leva em conta a participação das mulheres no e com o ato criativo, considerando tanto a execução técnica quanto o diálogo com público, também feminino, a qual se direciona a mensagem. O fazer performático das mulheres enquanto linguagem apresenta força suficiente para gerar fricções sobre o lugar simbólico delineado historicamente ou desafiar a ordem, instaurando um protesto que tende a exigir uma transformação objetiva e urgente. Mas esse embate direto tende a desencadear o efeito reverso, caminhando em círculos.

É o que bell hooks pontua por diversas vezes, especialmente, nas obras “O feminismo é para todo mundo” e em “O amor como prática da liberdade”. Nelas, hooks afirma que o feminismo contemporâneo não articula somente em prol dos direitos das mulheres, mas, principalmente, a partir da noção de violência que a opressão de gênero produz. Seguindo esse fluxo de pensamento, bell hooks argumenta acerca de questões como a quem o feminismo precisa integrar como componente de diálogo e luta, e propõe estratégias de ferramentas para que as mulheres – entendendo e lidando conscientemente com a interseccionalidade que interpela as relações e ações em conjunto – possam se fortalecer entre si.

Nesse sentido, as redes de afeto formadas para acolhimento de mulheres em situação de fragilidade têm relevância a nível individual, mas também de maneira abrangente, pois possibilita que o fortalecimento de mulheres aconteça através de práticas comunitárias. Assim, estreito relação, em pesquisa de campo, com o Grupo Reflexivo (que reúne mulheres em situação de violência de gênero) – um dos coletivos gerados pelo Movimento de Mulheres em São Gonçalo (MMSG) – coordenado pela psicóloga Natalya Jacinto e a assistente social Lucileia Souza, ambas também integrantes do Mulherio. Em 2023, o Grupo viveu seu 5º ciclo e se reuniu nas tardes de quinta-feira, totalizando doze encontros.

Há mais de 30 anos, a organização oferece diversos tipos de suporte à mulheres que buscam apoio, como consultas de ordem psicológica e jurídica, para que estabeleçam minimamente condições que as permitam romper com seus agressores e refazer suas vidas

distanciadas dos riscos e sofrimentos aos quais estão ancoradas. Além de atuar como facilitador na construção de redes que tecem relações de ativação tonificante, que auxiliam nos processos individuais das mulheres atendidas. O trabalho do Movimento de Mulheres também extrapola as personalidades e atinge a macropolítica, abarcando em seus propósitos as câmaras de vereadores em São Gonçalo, Niterói e Itaboraí, bem como suas prefeituras.

O Grupo Reflexivo, então, surge como uma proposta de unir mulheres acolhidas pelo MMSG (sempre acompanhadas por psicólogas e assistentes sociais) para que possam compartilhar suas experiências e, assim, revigorar as forças de cada uma – provando que a teoria de Sara e bell são substanciais em prática de refazimento pessoal e reconstrução social.

Ao iniciar um processo de aproximação com a diretoria do MMSG, identifiquei rapidamente alguns pontos de tensão. A parceria com o Instituto de Artes da UFF é afastada de cogitação com veemência, enquanto, por outro lado, sou recebida de (a)braços e sorrisos tão abertos quanto cativantes, por ser uma mulher em busca de cura. Digo no sentido etimológico da palavra, que significa cuidado, e na ideia de buscar resgatar nossas partes fragmentadas para nos sentirmos mais inteiras. Essa recepção ativa me toca em camadas profundas de reconhecimento e afeto.

Durante as conversas iniciais, detecto outro ponto de tensão – este eu considero mais grave. O MMSG, como instituição, esperava trabalhos em arte que funcionassem como meios de gerar independência financeira às mulheres auxiliadas. Mas a arte que desenvolvo não tem valor comercial, nem utilitarista. Elas contam como exemplo algumas experiências com artesanato: confecção de caixas, bijuterias, bolsas. Tudo de grande valor e importância para as frequentadoras do espaço.

Sem saber ao certo por onde caminhar, dei mais um passo à frente, me oferecendo para dar aulas de teatro. A proposta foi recusada, com a justificativa de lá já haver curso de teatro e muitos outros. “Essas mulheres daqui precisam de fonte de renda. A gente precisa capacitá-las para seguirem com as próprias vidas”, ela disse. E estava certa. Soube de mulheres que precisavam trabalhar escondidas para conseguirem ir até os encontros do grupo. E de mulheres que pediam dinheiro de passagem de ônibus para a própria instituição. Soube ainda de mulheres que mentiam, dizendo ir a outros lugares, para poderem estar lá.

Ela estava absolutamente certa. O Movimento de Mulheres precisa agir com perspicácia e objetividade porque é uma instituição que se compromete integralmente com a vida das

mulheres. Vidas que são constantemente ameaçadas, então, não há tempo a perder. O futuro delas é agora e o agora já passou. Entende o que digo? O tempo corre contra. É tudo ameaçador, arriscado, urgente demais.

Se, por um lado, acredito no poder regenerante da arte, por outro, a exigência da efetividade me paralisa. Não adentrei o MMSG com propostas previamente delineadas, sugeri participar do Grupo Reflexivo e sentir para onde as ondas de suas águas me levariam. Naveguei sem a preocupação de focar num destino, mas estive durante meses em certa angústia por desejar oferecer algo de precioso ao grupo. O prazer da coletividade, da colaboração, do partilhar em conjunto foi, sem dúvida, o maior arrebatamento que já senti em grupo. Passei a entender a arte que me acompanha como uma instauradora de um estado poético que reverbera a força do protagonismo da nossa própria subjetivação.

Sou acolhida no Grupo Reflexivo como mulher artista, pesquisadora em arte contemporânea, parceira do Mulherio, disposta a integrar o corpo das rodas e gerar proposições em arte – como e quando me sentisse à vontade. Como todo território de nuances sutis, é preciso pisar devagarinho. Pé ante pé. Assim, logo no início, percebi que a escuta em presença e o estabelecimento de vínculos cumpriam ali necessidades ainda mais urgentes do que a arte.

2.

*“Vozes múltiplas e diversas me ajudam a ampliar,
a aprofundar o sentido da história. Há ainda vazios, eu sei.
Volto ao meu princípio para recontar sobre as águas.”²¹*

Chego ao encontro atrasada, mas o atraso que se deu foi para além do meu – o tempo é mesmo relativo – e, para todos os efeitos, estava ainda adiantada. Vejo muitas mulheres no saguão, caminho até a varanda e converso com uma amiga ao telefone, enquanto espero. Cheguei, então, a tempo da espera.

Passados alguns minutos, somos convidadas a entrar no auditório da sede do Movimento de Mulheres e nos sentamos, em círculo. Éramos oito. Olho para cada uma, mas não sustentamos o olhar para além do cumprimento. Não por desconfiança, me parece uma certa timidez inicial. A assistente social do MMSG, começa a conversa, se apresenta e fala sobre a proposta do grupo.

– “Quem é a próxima?”, ela pergunta.

– “Pode ser eu.”

A resposta vem de uma mulher de cabelo loiro escuro, bastante arrumada, maquiada e com olheiras bem marcadas.

²¹ Evaristo, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê Editora, 2016. p. 102

– “Eu vim pra cá porque tô passando por um momento muito difícil e me indicaram aqui em um monte de lugar. Eu sempre me considerei uma pessoa boa, sabe? Sou cristã, criei três filhos com todo o meu amor... Sou separada, mas meu casamento durou dezoito anos! Foi um bom casamento, e nunca, nunca, nunca teve agressão!”

Ela fala, parecendo esperar ressonâncias positivas. Claramente deseja que concordemos com ela, e busca com ansiedade no olhar. Mas ninguém opina.

Ela continua:

– “O que aconteceu foi que agora em janeiro minha vida acabou. Meu filho, meu filhinho, meu grande amigo, amor da minha vida, me agrediu. Mas me agrediu mesmo, não foi pouca coisa não. Ele me machucou toda, quebrou meu braço, foi horrível. Eu até dei parte dele na polícia, mas tirei. Porque acredito mais na justiça de Deus. E lá na cadeia ele ia morrer. Ele é diabético tipo 1. Quem ia cuidar dele na cadeia? Ele ia morrer! E eu sou mãe!”

Ela pausa a história, novamente buscando aprovação das outras mulheres. Dessa vez, o incentivo vem de algumas outras vozes, mesmo que de forma tímida. Esse primeiro relato já me surpreende. Cheguei aqui em busca de expandir realidades de violência de gênero contra mulheres, mas ignorava a violência de filhos homens contra as mães. Submersa numa sociedade patriarcal misógina, a realidade é sempre mais absurda do que as fabulações imaginativas. Descubro, com espanto e dor, que no ano de 2023, cinco mulheres foram vítimas de feminicídio pelas mãos dos próprios filhos somente no Estado do Rio de Janeiro. Respiro. É preciso continuar.²²

– “Recentemente ele tinha começado a namorar uma menina... E meu filho, quando namora, fica muito agressivo porque ele é muito ciumento. Ele já tinha agredido uma ex-namorada, eu que fui socorrer, que levei pro hospital e tudo. Tive que resolver a situação toda sozinha. Cuidei

²² Observatório de Segurança – arquivo *elas vivem 2024*

da menina e convenci a ela de não denunciar ele. Ele era tão novo, ia acabar com a sua vida ser fichado tão cedo²³. Depois, conversei tanto com ele, sugeri tratamento de psicólogo, psiquiatra, neurologista... Neurologista não é médico de maluco e podia ajudar! Né não? Eu falei tanto pra ele! Mas ele não quis, disse que não tinha nada de errado com ele pra ser tratado como maluco. Até que ele conheceu essa outra menina e queria levar ela lá pra casa. Cismou porque cismou, queria porque queria. Eu finquei pé de que não. Isso eu não permito. Não quero outra mulher na minha casa, como nunca quis outro homem, sabe? Não tem nada a ver, tira a nossa liberdade, a gente fica sem privacidade. Mas chegou esse dia, que ele insistiu, gritando. Completamente fora de si. Não parecia ele, mas eu sei que ele também tem esse lado, esse traço de personalidade. Ele repetia que ia levar a menina pra casa, e eu fui irredutível. Na minha cabeça, uma voz falou “*não faz nada não, deixa ele se acalmar e vai no quarto dele, olha as coisas lá*”, e eu fui ver. Senti que era um anjo de Deus me alertando. Andei até o quarto e tirei tudo o que tinha do lugar, revirei a mochila dele e fiquei em choque. Tinha cigarro e uma guia vermelha e branca, de continhas assim. Eu não tenho nada contra nenhuma religião, respeito todas. Mas aquilo pra mim foi o fim. Meu limite.”

Sou tomada pelo ímpeto de interferir e interromper a narrativa da mulher. Enquanto mulher umbandista que me reconheço, senti um absoluto desrespeito. Começo, por hábito, a julgá-la ignorante e preconceituosa. Forço minha cabeça e o turbilhão que me toma a cessarem quase que instantaneamente. Não é esse o meu lugar ali. Ouvir, acolher sem julgar. Talvez, num momento propício, conversar. Por hora, meu tempo é de escuta generosa e gentil. Recomponho-me.

– “Voltei pra sala falando: aqui você não vai ficar! Botei ele pra fora de casa, mandei sair na mesma hora. Ele se revoltou, veio pra cima de mim e me agrediu com toda a força várias vezes. Eu me defendia, mas ele não parou até eu cair no chão. Foi aí que eu quebrei o braço. Eu sempre fui um general dentro de casa, mas às vezes, você como mulher, fica fragilizada mesmo...”

²³ Como um raio que irrompe, me vem a lembrança da história de Angela Diniz. Socialite da década de 70 que foi assassinada por seu parceiro, Doca Street. Em julgamento, o advogado usa como argumento que “Angela destruiu a vida de Doca” por ser como ela era – uma mulher que apreciava sua liberdade. E Doca foi absolvido por “legítima defesa da honra”. (Podcast Praia dos Ossos, realizador por Rádio Novelo. Acesso em 10 de novembro de 2020)

A mulher se esforçava para se manter firme. Meu julgamento anterior deságua, desimportante, porque o que nos une aqui é muito maior do que o que nos distingue. Alguém pergunta:

– “Ele saiu de casa?”

– “Saiu.”

– “E como você ficou?”

– “Eu perdoei depois, né. Mas tô em frangalhos. Só Deus sabe o esforço que fiz pra vir aqui e pra seguir sem cair numa depressão. Eu tô acabada. Uma tristeza profunda mesmo, e que eu acho que só vai passar quando Deus agir na vida dele.”

Ela pausa novamente, junta as mãos e olha para o chão – como quem torce para acreditar no que diz. Sinto vontade de abraçá-la. Estamos num ponto em que palavras não dão conta da experiência sentida. Somente o toque alcançaria a dimensão do que se extrapola. Mas contenho-me. Outra mulher, que havia inserido muitos palpites na história anterior e parecia extremamente à vontade naquele lugar, começa a falar.

– “Eu venho aqui há anos, conheço isso tudo aqui, todo mundo daqui. Ih, eu tenho muita história. É até difícil de acreditar! Fui agredida pelo meu ex-marido e, depois, pelo meu filho. Fui agredida pelo meu marido a vida toda! Foi o pessoal daqui que me salvou, me ajudou a reerguer. Depois, eu voltei, porque meu filho me agrediu e foi mais difícil ainda de lidar. Desde pequeno ele me via apanhando, né, então, pra ele, isso era normal. Também, foi assim com a minha mãe, com a minha avó... Parece até uma coisa de família.”

Diferente da outra, essa mulher não fala como se contasse uma dor. Ela narra como quem tem uma boa narrativa, com reviravoltas surpreendentes. O peito estufado, o dedo por diversas vezes em riste, o tom de quem se considera vencedora. Ela parece considerar que tem uma grande história e que já está tudo superado.

– “Nesse dia, meu filhinho de 25 anos, que eu sempre cuidei com todo amor e carinho, que sempre esteve junto de mim, que sempre foi meu amigo (...), veio completamente transtornado pra me agredir. Abriu minha cabeça, fiquei lavada de sangue, levei um monte de pontos. Eu nunca senti tanta dor. Dor na cabeça, no corpo todo, lógico, tava toda arrebatada, só que a dor de dentro, a dor no peito... A dor no peito quase me sufocava. Achei que podia morrer do coração ali.”

Ela une as mãos ao peito, lembrando, em gesto, a dor emocional que também é física. Encurva os ombros para a frente e abaixa a cabeça por um instante. Respira fundo e reergue o corpo em postura combativa, antes de retomar sua fala.

– “Mas isso foi uma menina que ele conheceu. Tô te falando, foi que nem você (aponta para a mulher da história anterior). A menina virou a cabeça dele. Ela chegou lá em casa toda tímida, toda sonsa, e depois gemia alto com meu filho no quarto. Era uma coisa tenebrosa. Ela se comportava como uma puta!

Penso que me identifico mais com a menina puta do que com a mãe, que faz o relato. A primeira vez que fui identificada assim foi aos 15 anos. Eu havia pintado meu cabelo de loiro, aproveitando uma promoção no salão de beleza. Dias depois, num encontro em família, meu tio disse “*Sua mãe deixou você fazer isso? Ninguém fez nada e nem te bateu? Você parece uma puta!*”, na mesa do almoço, para mim e meus pais. Lembro de observar o sorriso de constrangimento da minha mãe e esperar por uma reação deles, em defesa. Mas ninguém disse nada em resposta.

– “Foi ela que virou a cabeça dele. Ele chegou em casa gritando comigo, que ela ia morar ali com ele, e que, se eu não quisesse, eu que saísse. Eu vi logo que não era ele que tava ali, era um espírito se aproveitando dele – certeza de que essa menina é espírita e está usando o meu filho! Ele tava sentado em cima da máquina de lavar, eu fui até ele e disse que não tinha medo dele, que matava ele e ela, mesmo que isso custasse a vida do meu filho. E ele gritava batendo

no peito: “pega uma faca e enfia aqui, então!”. Eu fui até a cozinha, peguei a maior faca que tinha e voltei...” (ela se levanta da cadeira e chora, com inconformidade e ódio).

A porta se abre e uma outra mulher entra, alheia à tudo que se passava. Ela chega, dá boas-vindas ao grupo, é alegre e simpática – totalmente destoante ao sentimento que paira sob a roda. A mulher que discursava até aquele momento engole o choro, num movimento claro e exato de engolir contrariando a força que vinha em enxurrada. Ela pausa as mãos nos joelhos, aperta-os com as pontas dos dedos e respira fundo. O esforço para conter as suas águas em cascata é nítido. Enquanto isso, a outra mulher finaliza os cumprimentos, e sai. Imediatamente, a mulher interrompida continua.

– “Eu saí de casa porque, senão, eu iria matar eles dois. Eu ia matar os dois. Com fogo, faca, sei lá, mas eu ia matar.”

Outra mulher do círculo tenta amenizar, e diz:

– “Não fala assim, você não ia... A gente é mãe, a gente ama acima de tudo. A pessoa ruim da história não é você...”

Ela responde, cortante:

– “Eu já não tenho mais caráter, nem índole. Eu ia matar os dois naquela casa.”

O grupo se mantém num silêncio que esbarra em constrangimento, até a assistente social retomar as rédeas do diálogo. Assim, seguimos para outra, outra e outra mulher. Uma das mulheres – mais velha, com as mãos já bastante enrugadas pelo tempo descansando em suas pernas, e com uma expressão mais serena e tranquila – conta que foi agredida pelo irmão desde cedo porque ele usava muitas drogas e descontava tudo nela. Ela cuida de uma filha doente, acamada, e da neta que é criança e vive com ela. O irmão mora junto, dorme no andar de cima, e a pedido da médica, eles entraram num acordo silencioso pela filha e sobrinha adoecida: ela tolera as drogas, e ele tolera a irmã. Os dois, finalmente, encontraram um lugar-comum de paz.

– “Aprendi na terapia que ter paz é muito melhor do que ter razão, e é”.

Uma mulher do outro lado da roda, a mais jovem dali, conta sua história. Ela está buscando ter de volta a guarda do filho que teve aos quinze anos, fruto de um relacionamento abusivo, violento e infeliz. Outra mulher intervém, e comenta estar passando por uma situação parecida, está ali para ter forças para lutar pela guarda do filho. Ela está acompanhada da mãe, que diz:

– “Eu vim porque eu que cuido dela, mas, nas próximas, ela vem sozinha”.

Eu sorrio, aquecida pelas palavras dela. Tem muita beleza nesse cuidado de quem ampara as primeiras vezes.

Antes que eu me desse conta do tempo que corria para além da suspensão que o encontro produzia, chegou a minha vez. Senti o frio que subia através da espinha, minhas mãos gelaram e ficaram levemente umedecidas. Eu não tinha nada preparado para dizer, não tinha pensado em como seria essa apresentação. O coração acelerou quase tanto quanto o meu fluxo de pensamentos insurgentes, rebeldes, em afobação desesperada. Até aqui, não havia decidido se me apresentaria como agente externo (artista-pesquisadora) ou como integrante, sendo mais uma de nós. Então, iniciei minha fala como se começa uma escrita, e deixei as palavras virem livres de julgamento, sem a pretensão de controlá-las.

– “Eu sou Marcelle, estudo arte contemporânea e faço trabalhos artísticos sobre violência contra a mulher, violência doméstica, assédio, e todos esses assuntos que nos são dolorosamente comuns. Mas eu queria começar de antes, lá atrás, em 2013. Foi quando aconteceu um relacionamento que foi destrutivo, abusivo e difícil. Foi quando eu não me identifiquei comigo mesma e fiquei confusa e perdida. Foi quando eu me dizia entregue e apaixonada, e na verdade, estava só presa num jogo de manipulação. Fui violentada de inúmeras formas, mas sabe aquilo de “ele nunca me bateu”? Então. Ele nunca me bateu. Botou o dedo na minha cara, disse que preferia nunca ter me conhecido, que eu era careta demais, inexperiente demais, e que as minhas amigas eram bem mais interessantes. Ele marcava encontros comigo e, no meio do caminho, mudava de ideia e se envolvia com outra mulher – enquanto eu assistia, inerte. Por algumas vezes, disse: “*Você não quer ficar comigo? Então vai ser do meu jeito.*” E eu, sabe Deus porque, permanecia ali. Parecia que eu não sabia para qual lado era a saída. E, na minha raiva, eu não

desejava sair daquilo, eu queria poder *consertar* aquela situação. Naquela velha e danosa ideia de que mulheres precisam ser fonte de cuidado, ponderação e resgate de homens que estão *perdidos*. Mas ele não estava perdido, eu estava.”

Meu coração tamborilava desesperado, como quem tenta escapar. Ouço meus próprios batimentos cardíacos nos ouvidos, com uma sensação de pânico, tontura, falta de ar e fraqueza no corpo. Ser mulher tem gosto de morte iminente. Mesmo quando a morte em si não é risco, morre-se em vida a cada dia. Foram tantas as vezes em que morri. Recontando toda essa história, sentia que morria de novo. Meu corpo reconhece a sensação de morte a cada lembrança resgatada.

Puxo o ar, tentando oxigenar o cérebro e retomar as forças. Apoio as mãos na base da cadeira em que estou sentada, em busca de voltar ao momento presente. Minha visão está embaçada de tal maneira, que já não vejo as mulheres que me cercam. Mas sei que elas estão todas ali, à espera da continuidade dessa trajetória. Respiro profundamente para me recompor, ajeito meu corpo na cadeira, e sigo:

– “Bom, isso tudo é passado. Acabou de uma forma também meio traumática, quando, depois de uma briga muito séria – quase física – eu me deparei com uma provável gravidez. Foram quase vinte dias de atraso menstrual, seguidos de um fluxo intenso, espesso e com as mais fortes cólicas. Ali eu fui forçada a cair em mim, a finalmente me enxergar. Vi na vermelhidão do sangue espalhado no banheiro (em vaso, chão e paredes) o risco de insistir em ficar.”

Eu perco a coragem de contar que, nesse meio tempo, *coincidentemente*, numa conversa, ele disse que não queria ter filhos. Lembro que respondi “*mas e se eu engravidar?*” (enquanto desconfiava já estar grávida), e ele, instantaneamente: “*se acontecer, a gente vai ter que dar um jeito nisso*”. Eu não queria ter que interromper a gravidez do homem que eu amava. Rezei para que a vida resolvesse isso por mim, e prometi que encerraria ali esse ciclo.

– “Só que essa história de 2013 teve início mesmo em 2015, nas campanhas das redes sociais #meuamigosecreto e #meuprimeiroassédio. Nessa época, sim, eu entendi que o que tinha

acontecido lá atrás era violência, e descobrir isso é também descobrir uma dor que sempre esteve ali, pronta para o seu momento de se fazer doer. De alguma forma, acho que a gente só se entende mulher quando sofre alguma violência desse tipo, e mais ainda quando percebe o quanto essas dores nos constituem. Somos impelidas a construir uma identidade calcada em experiências devastadoras que nos destruíram. É a partir dessas muitas mortes que a gente renasce. Um quase eterno morrer e reviver. O tempo passa, e em 2020, durante a pandemia, começo a realização de trabalhos artísticos – eu sou atriz há dez anos e agora trabalho com performance e fotografia. Depois, tenho contato com os números de denúncia, que são assustadores e crescentes, e com notícias incessantes de feminicídio. Assim, o trabalho se intensifica, e ganha espaço de conclusão de curso da graduação em Artes. Só que hoje, no mestrado, o que me interessa para além da violência, são as redes de apoio. Porque as nossas feridas são muitas, múltiplas e difíceis, mas o que me desperta para esse tema enquanto estudo, é como ultrapassamos aquilo que nos desmontou e retomamos o caminho ainda mais fortes. Isso me interessa muito. Então, isso aqui, esse círculo, esse momento, é a minha pesquisa e o que me move a seguir como mulher em luta por mim mesma e por todas nós.”

Sentia tremores perpassando o corpo todo, percebia que minha fala era imprecisa e a voz não tinha a firmeza de sempre. Novamente, olhava na direção das mulheres em volta, mas via somente borrões. A sensação era como se eu também ouvisse uma história através de outra mulher. Uma história que não era a minha, contada por uma mulher que não sou eu.

Uma das mulheres presentes diz:

– “Nossa, parece que você tá contando a minha história”

E outra mulher:

– “É, comigo também foi exatamente assim”

E outra:

– “Mesma coisa! Você me ajudou a enxergar o que tô vivendo. Vou chegar em casa e resolver isso hoje”.

Com a honestidade de quem esteve ali por três horas tentando absorver histórias e sutilezas nos trejeitos, entonações e pausas, eu sabia que aquelas histórias não se pareciam em (quase) nada com a minha. Mas volto a ter a certeza do sentimento oceânico que nos une enquanto mulheres. Um sentimento compartilhado para além da empatia, que nos faz ser um pouco em cada uma das outras. Que nos funde e identifica – já que identidade só se dá em meio ao coletivo.

Deixo a sede do MMSG com as pernas trêmulas e dormentes, que parecem não sustentar o meu peso. Mas não me sinto mais fraca, nem mais pesada. Talvez agora eu estivesse apenas grande demais para a fragilidade da matéria corpórea. No caminho para o portão de entrada, lembro que não fiz nenhum registro fotográfico do encontro. Paro, fotografo o banner do Grupo Reflexivo com meu celular, e sigo até o ponto de ônibus, sem saber quem eu chegaria em casa.

Percebo que (re)começo mais uma vez a me conhecer em profundidade.

2.1

“Tentando se equilibrar sobre a dor e o susto, Salinda contemplou-se no espelho. Sabia que encontraria ali a sua igual, bastava o gesto contemplativo de si mesma.

E, no lugar de sua face, viu a da outra.

Do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. (...)

Ambas aves fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade.”²⁴

O dia está claro e fresco. Chego e sou orientada a aguardar no saguão de entrada pois a reunião ainda não havia começado. Mas logo, em poucos minutos, uma mulher vem nos convidar para entrar – ali já éramos algumas de nós. Ao subir, nos acomodamos ao redor de uma mesa aparentemente grande para o número de mulheres presentes com o pretexto de que haveria uma dinâmica durante o encontro, e que o apoio se faria necessário.

A conversa começa com as profissionais explicando que haverá uma dinâmica em que debateremos o que o Grupo Reflexivo simboliza para cada uma de nós. Uma mulher de olhar desatento (e, talvez, amedrontado) senta-se ao meu lado. Ela coloca uma enorme bolsa em seu colo, posiciona os braços atrás da bolsa e abaixa ligeiramente os ombros, num esforço em se esconder. Outra mulher de cabelos vermelhos rebeldes, óculos de lentes profundas e olhar desconfiado, chega ao encontro pela primeira vez. Com uma postura quase oposta à da outra mulher, ela caminha pela sala com o peito ligeiramente estufado, escolhe sentar-se numa cadeira ao centro da mesa e cumprimenta a cada uma olhando nos olhos (por cima dos óculos) com a voz firme. Ela diz que vem através de uma amiga, e a amiga – que está ao lado – confirma tudo, muito contente e orgulhosa de si.

²⁴ Evaristo, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p. 57.

A mulher diz que é profissional da área da saúde há anos e questiona do que se trata o Movimento de Mulheres em São Gonçalo. Há, em sua fala, um tom de explícita desconfiança. Ela usa os cabelos vermelho-fogo presos num rabo de cavalo baixo, tem falas assertivas e uma postura defensiva, como se esperasse estar em evidência e em possível observação ali. Ela ouve atentamente a explanação da psicóloga do grupo e, aos poucos, seus ombros se abrem e relaxam.

Vários minutos correm nesse entretanto, até que a mulher diz:

– “Fui criada para ser a filha dominada.”

A mulher ao lado – que se identifica como amiga - concorda, acenando com a cabeça, e responde que está há anos tentando fazê-la perceber isso.

– “Eu fui criada para ser a filha dominada. Sempre me disseram o que fazer e como agir, nada podia vir de mim. A ponto de eu não saber, nem conhecer, minhas próprias reações. Sabe? Você não conhece seus instintos, se eles nunca apareceram. E não é por eu ser travada não, porque eu não sou. Gosto de falar, de conversar, de me expressar. Mas eu já fui como ela ali.”

Ela aponta para uma outra mulher, a duas mulheres de distância, e sacode o dedo, em riste.

– “Toda calada e cabisbaixa! Coitada! Viu? Eu já fui assim, mas hoje não aceito mais!”

A mulher franzina, de óculos de grau, tinha ar de invisibilidade. Ainda escondida atrás da bolsa que segurava ao colo, seu desconforto em ser apontada dessa maneira é perceptível. Muitas de nós nos movemos sutilmente nas cadeiras, compartilhando desse desconforto. Completamente alheia às reações, e tomada pela fúria de represa que se abre, a mulher continua:

– “Agora já sou casada há muitos anos, mas meu casamento está horrível, péssimo. Na verdade, acho que sempre foi um mau casamento. Só que o que me faz ver isso agora é que eu entendi que sofri uma violência do meu marido. Eu fui estuprada pelo meu marido. Demorei 22 anos para perceber isso. Quer dizer, como pode a gente sofrer uma violência e não saber disso?”

Vem a memória de meados de 2010, o dia em que fui estuprada. Vivía uma breve relação com um homem que, bem antes, já considerava um bom amigo. Fui conduzida através de mentiras e meias palavras à casa dele. Entrei no apartamento, onde estavam a avó, a mãe, o pai e o irmão dele. Ele me conduziu até o quarto dizendo que iria buscar o presente de um amigo que acabava de retornar de viagem – essa era a desculpa que me fez chegar ali. No quarto, ele me empurra contra a cama e levanta meu vestido. Eu travo as pernas e ameaço um grito. Ele para, impressionado pela minha indelicadeza, e diz “*minha família está na sala*”. Peço desculpas. Ele fecha o semblante e pega o referido presente – era verdade, então, e tenho um segundo de alívio. Mas um alívio que vem acompanhado de culpa. Era verdade e eu havia entendido tudo errado. Caminhamos até a saída, me despeço de sua família, peço perdão pela inconveniência de ter entrado lá, e sigo até o corredor do andar. Entramos no elevador e tudo acontece rápido demais para processar: ele para o elevador, vem até mim, desamarra meu vestido frente-única, levanta minha saia e me toca com mais mãos do que consigo lidar. Eu tento segurar o vestido, peço que ele pare, tento afastá-lo... Tudo inútil. Eu ameaço a gritar novamente, e ele diz “grita, ninguém vai te ouvir daqui”. Ele abre a braguilha das calças e pressiona o seu membro contra a minha pele. Em um ápice de repulsa e desespero, me direciono até a porta do elevador em socos e gritos com toda a força que consigo reunir. Ele se assusta, me repreende, religa o elevador e se apruma. Volto para casa carregando o barulho ensurdecido de uma culpa que nunca foi minha. Culpa não só pesa, como também grita dentro da gente. Fui entender que havia sido violentada e estuprada somente em 2023.

Ainda nesse mesmo período, fui surpreendida por outra violência sexual acontecida em 2018.

Esse não era um amigo. Era um homem que frequentava os mesmos lugares que eu. Amigo dos amigos. A gente leva isso como referência de aproximação tantas vezes. Fez um convite para que fosse à sua casa. Eu fui. Comemos, conversamos, rimos, cantamos juntos. Ele era muito bonito, artista, descobrimos diversas confluências inesperadas e, de alguma maneira, eu me sentia especial por estar ali. Até que, no momento da relação sexual, eu perguntei sobre

o uso da camisinha. Ele disse que iria pegar, mas seguiu o seu próprio fluxo de sexo. Eu interrompi mais algumas vezes, e ele dizia as mesmas respostas: “*Vou pegar, claro que não vou continuar sem*”. Mas ele continuou e, quando percebi, ele já estava dentro de mim. Quando terminou, ele relaxou ao meu lado, e disse: “*Já pensou se a gente tiver feito um filho? Eu adoraria ter um filho com você.*” Eu emudeci, congelada de pânico. Ele dormiu e eu passei o resto da noite em claro, invadida por um medo desesperador de viver uma gravidez indesejada. A gravidez de um estupro, que à época, eu nem sequer sabia ter sofrido. Aquela noite foi longa e muito difícil. Quando finalmente amanheceu, peguei as minhas coisas e fui embora sem que ele me visse. Eu não sentia raiva, só culpa. Uma culpa que me rompia por dentro e retorcia as vísceras aparentemente expostas. Culpa por ter ido a esse encontro, culpa por ter permitido que ele gozasse dentro de mim (como se eu pudesse de fato impedi-lo), culpa por não ter dito nada. Por que eu não disse nada? (...)

Lembro que cheguei em casa, tomei um banho rápido, esfregando furiosamente partes do corpo que antes até passavam despercebidas. Fragmento por fragmento de pele, fui esfregando, tentando limpar o sangue que corria por dentro, esfregando a cabeça como que apaga uma lembrança ruim, arranquei partes de pele com as unhas, na tentativa de arrancar também a memória do toque. Então, é por isso que a gente se surpreende mais com a reação da vítima do que com a violência do abusador? Porque o desespero é tamanho, que nos faz (re)agir sem lucidez, apenas impulso de destruição. Desfazer. Retirar. Apagar. Minutos depois, já indo para o trabalho, parei na farmácia e comprei a pílula do dia seguinte. Nunca tive tanto pavor de engravidar.

Esse medo invade o momento presente e volto para a sala do encontro. Sinto uma ânsia que sobe o estômago e trava na garganta fechada. O ar pesa e a visão embaça por instantes. Respiro profundamente, recuperando dos insights que me afundaram em segundos devastadores, e reconecto minha atenção à mulher.

Ela faz uma pausa, e nos olha – uma a uma – bem nos olhos. Os olhares compartilhados refletem um abraço. Uma compreensão silenciosa que não vem da empatia, porque não precisamos nos colocar no lugar dela. Cada uma de nós se vê de fato onde ela está. E essa consciência, que costuma ser assustadora, dessa vez, vem em forma de alento. Uma fragilidade, quando compartilhada, se reveste de força.

– “Não é normal, entende? A violência psicológica, por exemplo, é a que mais acontece, e a gente quase não fala. Vocês cuidam disso também?”

A mulher olha diretamente para as psicólogas, que respondem afirmativamente, apenas acenando com a cabeça. Parecem não querer correr o risco de interrompê-la nesse fluxo de transbordamento. Mas ela, enfim, para de falar. As palavras ali já não seriam suficientes para comunicar. O corpo desmonta lento e pesado no encosto da cadeira. Ela ajeita os óculos e repousa as mãos sobre as pernas, puxando ar para os pulmões, buscando retomar um eixo – que me parece ter sido perdido há muito, muito tempo.

As mulheres que conduzem o encontro respeitam esse hiato que o tempo do relógio não daria conta. Depois, dão seguimento à dinâmica, que tinha como objetivo colocar em pauta as visões e expectativas que cada mulher tem a respeito do Grupo Reflexivo. Por um momento, rimos juntas, desenhamos e escrevemos ideias soltas para compor a proposta. E então, bruscamente, a mulher de cabelos vermelhos diz:

– “De onze para doze anos, o homem que se dizia amigo do meu pai me estuprou e ninguém acreditou em mim. Cheguei a apanhar de cinto. Depois disso, parei de tentar falar, toda vez que aquilo voltava a me incomodar, eu só pegava o alicate e fazia cortes em mim.”

– “Mas ninguém acredita em criança mesmo. E tem que ficar muito atenta, porque criança demonstra as coisas até sem falar.”

– “É... A gente precisa cuidar muito das nossas crianças, principalmente das meninas. Eu falo crianças, mas tô querendo dizer as adolescentes e jovens também. O mundo cobra muito dessas meninas desde muito novas e a gente que tá criando, tem que cuidar. Tomar muito cuidado para não cair numa coisa de reforçar uma violência, sabe? De machucar as nossas meninas, porque o mundo já machuca demais!”

– “Quando eu era bem mais nova, minha mãe disse que eu nasci pra apanhar de malandro. Que eu ia ser mulher de bandido e levar na cara.”

Sem que eu me desse conta, essas palavras tinham saído da minha boca. Ergui os olhos do papel, e toda a roda me encarava, num misto de surpresa e compaixão. Imediatamente, tive

o impulso de me corrigir, dizer que minha mãe é maravilhosa, uma ótima mãe, mulher e pessoa – que essa foi só uma fala errada, talvez eu tivesse me expressado mal. Senti culpa por ter exposto a minha mãe daquela maneira, vergonha por ter dito aquilo, e quase me desmenti. Em segundos tensos e angustiantes, repassava a fala mentalmente, já em dúvida se de fato isso teria acontecido. Talvez fosse uma invenção, uma imaginação subversiva. Meu coração acelera tanto, que quase dói. Penso em milhares de respostas possíveis, mas nada sai da minha boca trancada, com os lábios mordidos por dentro.

Mas também não entendo o porquê do espanto... As expressões em reação me deixaram confusa. As falas anteriores à minha soaram tão mais importantes. Assim, me dei conta de que estava elegendo um ranking de violência e que sim, com todo o amor que reconheço que ela nutre por mim, aquela fala havia sido violenta. Abaixo os olhos e respiro. É preciso lembrar de respirar em meio ao sufocamento. Vou retomando os sentidos com mais consciência, aos poucos, e os batimentos cardíacos estabilizando. Volto aos desenhos, na atividade que fazíamos. Uma flor lilás surge em meio ao *renascer*. Continuamos, num breve silêncio. Uma música toca ao fundo “*Triste, louca ou má*”.



folhas verdes

liberdades

Alegria, Alegria de lactans Vel

Viver, saber, Conhecer e reconhecer.

Renascer

Empatia e o máximo

florir em meio

"Amor é vida, é amizade e amizade"

Trazer Coragem Força Sensibilidade

a vida nos momentos!

liberdades

Alegria, Alegria de lactans Vel

Viver, saber, Conhecer e reconhecer.

Renascer

Empatia e o máximo

florir em meio

"Amor é vida, é amizade e amizade"

Trazer Coragem Força Sensibilidade

a vida nos momentos!



Quando eu sinto
tudo ao mesmo tempo
tudo ao mesmo tempo
tudo ao mesmo tempo

Quando eu sinto
tudo ao mesmo tempo
tudo ao mesmo tempo
tudo ao mesmo tempo

liberdades

Alegria, Alegria de lactans Vel

Viver, saber, Conhecer e reconhecer.

Renascer

Empatia e o máximo

florir em meio

"Amor é vida, é amizade e amizade"

Trazer Coragem Força Sensibilidade

a vida nos momentos!

liberdades

Alegria, Alegria de lactans Vel

Viver, saber, Conhecer e reconhecer.

Renascer

Empatia e o máximo

florir em meio

"Amor é vida, é amizade e amizade"

Trazer Coragem Força Sensibilidade

a vida nos momentos!

– “Ninguém acredita em mulher também. Não é só em criança... Conheço uma mulher, vizinha lá de onde eu moro, que ficou internada por trinta anos no manicômio porque brigou com o marido. Ele a internou lá só pra ela não se separar.”

– “Conheço também! Conheci aqui (no MMSG) até! Mas essa foi internada pelos filhos porque botou o marido pra fora de casa. Eles fizeram de tudo pra ela parecer maluca.”

– “E precisa parecer? Qual mulher não fica maluca nesse mundo que a gente vive?”

– “Eu já tentei arrancar minha própria perna. Depressão, né. Desespero mesmo.”

– “Eu também tô sofrendo com a depressão. Todos os dias penso em me matar. É insuportável depender dele até para vir pra cá. Eu não tenho o apoio nem dos meus filhos, que fingem que não veem o que ele faz comigo. Fico me sentindo invisível, às vezes penso que se eu não estiver mais aqui, talvez ninguém nem perceba lá em casa.”

Em silêncio, observamos a mulher expondo sua dor. Ela fala com os olhos voltados para o chão, a cabeça ligeiramente inclinada para baixo. Um ar de perceptível exaustão. Quando seu olhar cruza com o meu, vejo que seus olhos estão inundados. Os meus também. Todas nos doemos juntas.

– “Hoje, sinceramente, o maior risco de vida que corro sou eu mesma. Dia após dia me esforçando para não ceder aos impulsos. Porque o infeliz do meu marido não vai me matar, ele precisa que eu esteja ali, para ele torturar. Só quem pode me poupar disso sou eu, e o único jeito é esse. Eu não tenho para onde fugir.”

Ela pausa, e sinto uma atmosfera de ressonância aos sentimentos descritos pela mulher. A essa altura, vejo cada uma através de uma névoa embaçada e inexata. Mas não choro. As lágrimas escoam por vias internas, lavando os afluentes que me compõem.

Uma mulher que trabalha ali na instituição, mas que não havia se identificado até então, distancia os ombros, se ajeita na cadeira e se prepara para falar. Ela tem a pele marcada como retalhos do que se reconstruiu.

– “Eu conheci o Movimento de Mulheres dentro do CTI, aqui do hospital de São Gonçalo. Fiquei dois meses lá. Cheguei praticamente desenganada pelos médicos, tive 65% do meu corpo queimado. Meu marido me queimou na frente dos meus filhos.”

O ambiente muda de clima drasticamente. Estamos todas paralisadas, atentas. Uma tensão tão grande paira sob o ar, que parece que paramos de respirar.

– “Eu não lembro direito dos primeiros dias, mas o meu caso foi muito noticiado nos jornais. Lembro que eu escutei uma voz de mulher, que dizia: “Rosângela, a gente não quer te perder. A gente não vai te perder.” Eu me agarrei àquela fala, àquela voz. Tinha alguém torcendo por mim. Eu não achava que era importante para ninguém.”

Rosângela hoje é uma das Diretoras do Movimento de Mulheres em São Gonçalo, e já atua na instituição há quinze anos. A dona da voz encorajadora citada por Rosângela, é Marisa Chaves, uma das fundadoras do MMSG, que se mantém incansável, coordenando e atuando de frente na proteção e fortalecimento de mulheres gonçalenses há mais de trinta anos.

– “Marisa salvou a minha vida. Eu não tinha noção de que a queimadura me deixaria tão debilitada, mas que essas cicatrizes me trariam também tanta alegria e amor por aquelas mulheres.”

Marisa Chaves responde, um pouco afastada da roda:

– “Você também já salvou um monte de mulheres.”

– “Sim, porque é isso que a gente faz aqui. A gente se salva, umas às outras, todos os dias.”

2.2

“Penso no risco que estou correndo. Risco não, tudo já é certo.

A solução está definida. O destino traçado. Não há recuo. Não estou aflito. Não estou desesperado. Não estou calmo. Não estou inocente ou culpado.

Apenas estou sabendo que daqui a pouco, questão de um dia e meio, não estarei mais. (...) Nosso trato de vida virou às avessas. Morreremos nós, apesar que a gente combinamos de não morrer.”²⁵

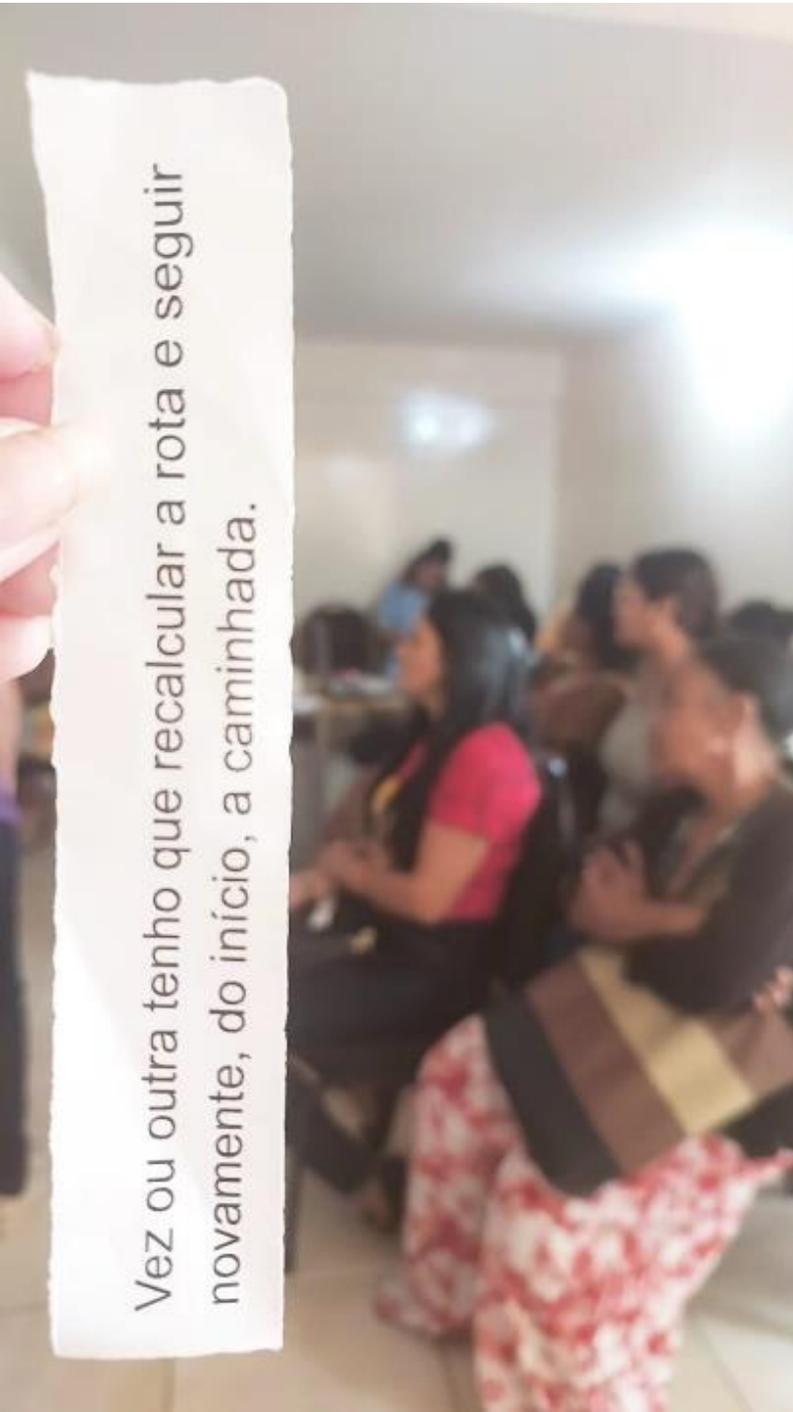
Chego ao encontro um pouco atrasada e já há um grupo reunido, conversando em volume baixo e tom de seriedade. Diferente dos outros dias, a roda hoje é no fundo da sala, onde parece não caber, mesmo contando com doze mulheres até então. Tento calcular mentalmente para entender a logística colocada, mas aparentemente, não foi pensado. Observo que a mesa está repleta de lanches à espera do momento final e que o projetor está posicionado, o que me faz deduzir que assistiremos a um vídeo mais tarde.

Uma mulher adiciona uma cadeira ao grupo, e sinaliza, para que eu me aproxime. Agradeço num aceno de cabeça, e me sento, desconfortável por estar sendo observada. Quem se atrasa tem mesmo que lidar com o constrangimento de se chegar. No meio da roda, em uma mesa pequena, vejo que há papéis em diferentes tamanhos com escritas já impressas. Olho em volta, e percebo que algumas das mulheres que estão presentes pertencem ao grupo do ciclo anterior (o Grupo Reflexivo é composto por um ciclo a cada ano, e estamos agora construindo o 3º ciclo). Enquanto absorvo o ambiente e me faço disponível, várias outras mulheres chegam, e o círculo se expande – como um pulmão que se enche de ar.

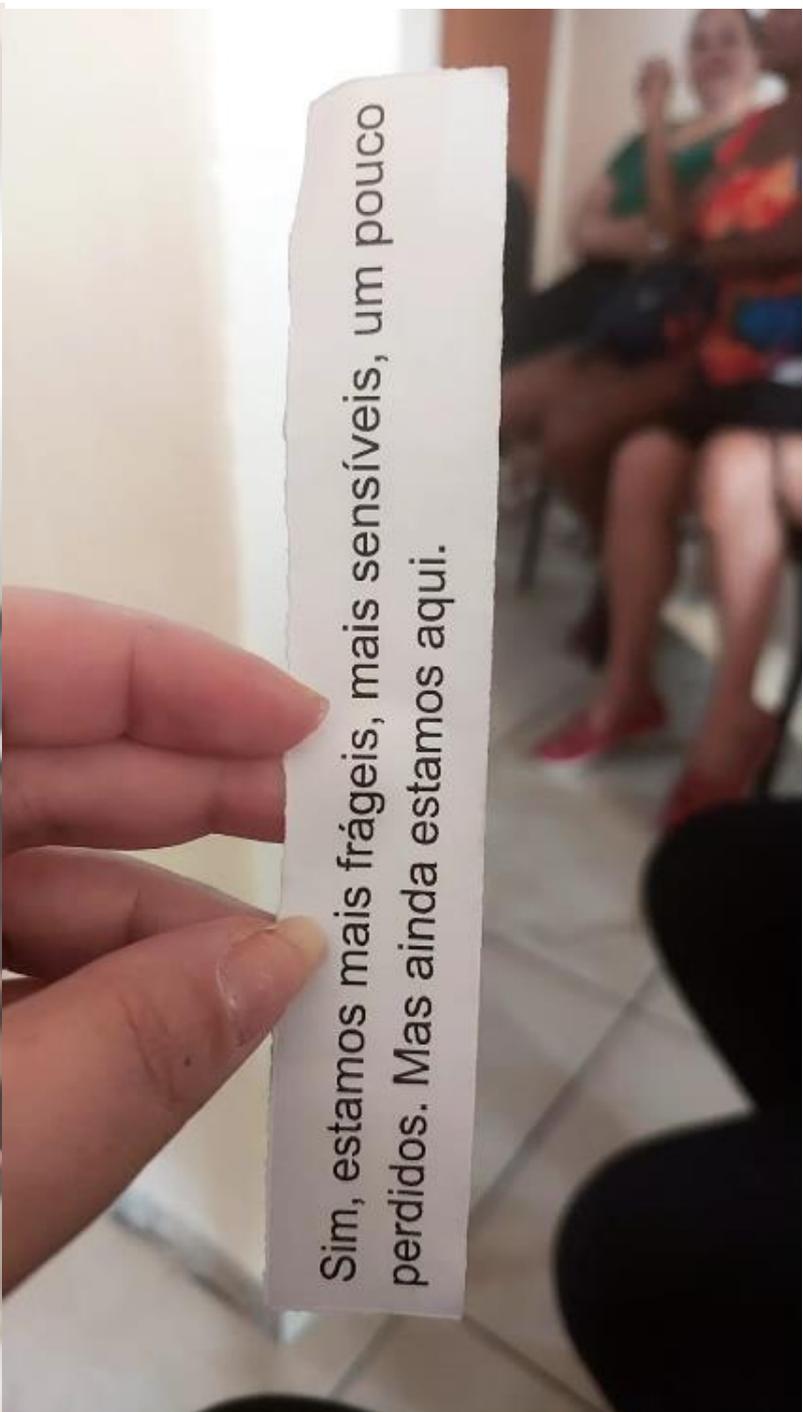
²⁵ Evaristo, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p. 106.

Somos convidadas a ler e escolher, cada uma de nós, uma frase que está exposta à mesa. Todas as mensagens foram destacadas de textos das mulheres do ciclo anterior, e estão publicadas no livro “*Escrevivências periféricas – minha vida importa sim!*”. Entendo, assim, a presença aumentada de participantes e os rostos conhecidos.

Levanto-me, olho brevemente as mensagens fragmentadas, e duas delas capturam minha atenção como um ímã de reconhecimento. Eu já estive ali.



Veza outra tenho que recalcular a rota e seguir novamente, do início, a caminhada.



Sim, estamos mais frágeis, mais sensíveis, um pouco perdidos. Mas ainda estamos aqui.

“Vez ou outra tenho que recalcular a rota e seguir novamente, do início, a caminhada.”

“Sim, estamos mais frágeis, mais sensíveis, um pouco perdidos. Mas ainda estamos aqui.”

Escolho as duas frases e sento-me novamente. Reflito sobre a sensação de devir que essas palavras me trouxeram. Estou certa de que podiam ter sido escritas ou ditas por mim, e talvez de fato já tenham sido. Mas ali, elas são fruto de outras mulheres, outras trajetórias, outros descompassos. Novamente a outra sou eu e eu mesma já não sei mais o meu lugar de estar. Insisto em me ver protagonista em histórias que não são minhas e, ainda assim, me sinto tão desimportante quanto uma nota de rodapé – que sinaliza apontamentos, mas não é capaz de protagonizar um texto.

O fato é que ainda estamos aqui. Recalculo, então, a rota da caminhada, e volto ao momento presente. Uma mulher jovem, de pele clara, se oferece para dar início à troca. Ela levanta a mão direita, e diz:

– “Posso ler o meu? Eu posso começar.”

Mas não começa. Ela tem uma respiração exasperada, pega o papel nas mãos, mas parece não conseguir ver as palavras.

– “Eu já tô tremendo (sorri, engolindo em seco). Mas vou ler o meu.”

Novamente, ela não lê. Abaixa a cabeça, chora, apoia as mãos nos joelhos e tenta respirar fundo. Ainda de cabeça baixa, ela pede para que alguém leia antes dela.

Então, outra mulher se dispõe a dar início. A postura dela me soa generosa e gentil, porque claramente ela se movimenta para permitir que a mulher se recomponha sem estar em evidência, sem se sentir exposta. Talvez ela nem conheça previamente aquela mulher, mas o ímpeto de cuidar é mais alto, e me toca – em pele e profundidade.

Ela começa e se emociona. Chora. Pede desculpas.

– “Eu tenho estado fragilizada, tudo me emociona mais do que o normal.”

Essa frase, naquele contexto, era vazia de sentido, porque a régua que mede o conceito de normalidade e fragilidade nesse grupo é bastante especial. Em seguida, ela lê a frase escrita, e conta que se identificou. Respira, dobra o papel por três vezes, e o apoia na mesa. Aí, então, começa:

– “Eu vivi 33 anos num casamento em que eu não sabia que sofria. Repetia para mim mesma *“isso aqui passa, isso aqui passa, isso aqui passa”*. Eu tenho uma família tão bonita – aos olhos dos outros – tenho que agradecer e cuidar. E cuidei. E cuidei. Mas não mais do meu marido, porque eu consegui, enfim, me separar. Foi difícil... É difícil. Mas eu percebi que era muito mais difícil continuar. Ele diz até hoje que me ama, mas que amor é esse? Isso não é amor. Amor não faz sofrer. Amor cuida, amor é atento, amor é o que eu tenho pelos meus filhos!”

Ela não me parece uma desconhecida. Talvez ela se pareça com alguém da minha família, tenha algum traço semelhante. Talvez sejam os cachos, talvez a pele morena clara, talvez a roupa estampada e bem passada. Ou talvez ela seja minha mãe, minha avó, minha tia. Esse reconhecimento me desconcerta. De alguma forma, eu, que nunca fui casada e nem tenho filhos, também sou ela. A mulher discursiva com uma oratória clara, sem pressa, degustando as palavras e suas significâncias, fazendo gozo das transformações dolorosas que abriram caminhos para que ela pudesse se ver e caminhar como agora.

– “Quando eu resolvi entrar para a faculdade, não tive apoio de ninguém. E eu pedi ajuda! Meu marido dizia que trabalhava muito e minha mãe deixou claro que meus filhos eram problema meu. Ela eu não julgo, porque tem a sua razão. Tive que me virar, e dei meu jeito. Por isso que eu digo: quando a gente quer, não existe nada que tire o que é nosso do caminho da gente. Eu saía de casa com meus dois filhos às seis da manhã, levava para a escola, ia para a faculdade, depois ia para o estágio, e à tarde, trabalhava na escola onde as crianças estudavam. À noite,

deixava os dois em casa e voltava para a faculdade, porque tinha as aulas da noite. E sobrevivi! Foram cinco anos assim, e ninguém morreu. Eu me formei maravilhosamente bem. Tenho muito orgulho disso, mas eu sei que não precisava ser assim, tão difícil, tão sofrido.”

Não, a gente sabe que não precisava e não deveria ser dessa maneira. Todas concordamos em silêncio. A mulher facilitadora do encontro toma a fala, e reforça a importância daquele momento, daquele espaço, das nossas trocas. A importância da palavra dita e da escuta respeitosa. Ela lembra o quanto nosso elo é revitalizante, e abre espaço para que mais uma de nós possa se abrir.

A frase agora é “*Já perdi tempo demais, mas hoje, eu me priorizo*”. A mulher lê com a dificuldade de quem está reaprendendo a falar. Ela chora. Chora profundamente. Chora o que parece ser uma mistura de alívio e dor. Sua mão direita está entrelaçada à mulher ao seu lado, enquanto a mulher ao meu lado se levanta, e a abraça forte. Elas respiram juntas, num mesmo ritmo, as três. Durante os segundos que se seguiram, todas na sala respiramos junto com elas. Penso que é das cenas mais bonitas que já presenciei nessa vida.

Esse momento, em sensação de suspensão, parece acontecer por quanto tempo dura o infinito. Mas o tempo em realidade, passa, e a mulher de pé, volta ao seu lugar na roda, dizendo:

– “Você é tão forte, tão linda, e eu te admiro tanto! Lembro de quando a gente começou aqui no Grupo, que você quase não falava, era toda tímida e travada. Olha quem você é agora! Você colocou sua voz num livro. Você usa a sua voz para todas nós! Olha quem você é agora!”

A sala irrompe em sons de aplausos repentinos, enquanto a mulher chora, e outras dizem palavras elogiosas e de incentivo. Em sequência, outras mulheres leem as frases escolhidas e comentam sobre. Há desabafos sobre a visão das igrejas a respeito dos casamentos e do papel das mulheres na família. Uma das mulheres, então, diz:

– “Mas eu tenho um testemunho muito verdadeiro e forte sobre isso. O meu amor sincero e sem pedir nada em troca, tocou o coração dele. Porque o amor muda as pessoas, e mudou a minha casa. A gente fala pouco em perdoar. Tem gente que não perdoa. Eu perdoei e o amor que eu entreguei transformou ele e a nossa vida juntos. Hoje eu posso dizer que vivemos em

paz, mas eu sei, tenho clareza de que o amor que eu ofereci de graça é o grande responsável por isso.”

Outra mulher, que estava em silêncio até aquele momento, interrompe:

– “Só que a gente não pode ficar esperando que o outro mude, porque a outra pessoa só muda se e quando quiser. A gente tem que cuidar da gente. Posso falar por mim, sobre a minha história.”

Várias mulheres concordam, tecem comentários e afirmam discordância com esse amor que cede e a tudo perdoa. E, mesmo em meio à tantas vozes, a mulher que decidiu começar a sua história, sobrepõe sua voz, e continua:

– “Eu tô num casamento de muitos anos, mas faz tempo, a coisa chegou num limite que eu não conseguia mais lidar. Aí, eu falei: chega, pra mim não dá. Ou ele mudava de vida, ou eu saía de casa com meus filhos e pronto. Mas de lá pra cá, tudo mudou. Tudo mesmo. Ele parou de beber, passou a ser mais presente em família, atencioso, carinhoso... Hoje eu só tenho elogios, de verdade. Até quando a gente discute e ele me magoa, ele chega e pede desculpas. Mas eu não tenho a ilusão de que fui eu que mudei ele, de que foi o meu amor, nem de que eu influenciei nada, entende? Porque ninguém muda por ninguém. Ele mudou porque ele quis. Porque ele teve medo de perder as pessoas importantes para ele. Foi vontade e atitude dele, só dele.”

– “Sim, ele mudou porque te ama.”

– “Não! Ele mudou porque ele quis. Tô te falando, ninguém muda por ninguém.”

– “É que não adianta, eu continuo achando que o amor é o que transforma o ser humano.”

– “Mas ninguém tá dizendo que é indiferente ao amor. Só digo que ninguém é capaz de mudar ninguém. Que mudar de comportamento e de vida é uma decisão inteiramente pessoal. Intransferível.”

Outras vozes entram na conversa:

- “Até porque é complicado, porque isso que você tá falando acaba colocando a responsabilidade da transformação do outro na gente.”
- “Foi por isso que eu larguei a minha igreja, porque as pessoas me aconselhavam a aceitar e perdoar as violências que eu sofria, mas eu não queria mais isso!”
- “A gente tem que agradar a Deus aguentando tudo? É impossível ficar sendo agredida, viver infeliz e amar ao mesmo tempo! Então, como faz para amar o próximo? E onde fica o amor próprio? Aonde é que eu fico?”
- “Exatamente! Porque se sujeitar a tudo é não se amar, não se respeitar!”
- “É impossível amar alguém que só faz a gente sofrer. A gente aceita por medo, por falta de forças, por julgamento das pessoas, mas não por amor. Porque ninguém consegue amar quem só causa sofrimento.”

E então, a primeira mulher que se ofereceu a participar das falas – mas foi interrompida pela própria emoção que transbordou – agora falou. Falou em voz alta, em tom e altura: aguda, direta como uma flecha.

- “Eu sofria violência e não sabia disso, foi aqui que me falaram. Eu vinha para cá em busca de terapia, porque eu achava que eu é que precisava mudar. Pensava que eu estava errada, me culpava pelos problemas na minha casa, pelas questões dos meus filhos, pela irritação do meu marido e até pela minha tristeza. Eu sentia muita culpa, porque sou uma mulher de Deus... E como uma mulher de Deus pode ser tão mal agradecida pela sorte que tem? Aqui eu fui entender que Deus não quer que a gente seja infeliz e nem que aceite o que a gente não merece. Deus me quer livre e feliz. Deus me quer com saúde, construindo da minha vida. Sabe? Fazendo o melhor que eu posso fazer com a oportunidade de estar viva.”

Enquanto ela fala, sua voz fica cada vez mais gritada. Ela movimenta os braços, aponta para outras mulheres, seu rosto tem nuances de vermelhidão.

– “Daí, eu saí da minha igreja e fui muito, mas muito julgada. Me chamaram de tudo. Me difamaram para os meus filhos, meus amigos, meus parentes... Sobrou muito pouca gente agora. Mas essas pessoas que ficaram, eu sei que, de verdade, me amam e desejam o meu bem.”

Ela para, toma fôlego, e as lágrimas escorrem pelo rosto, como fluxo de um rio. Com a voz mais contida e cansada, continua:

– “É muito difícil. É muito difícil mesmo. Parece que a gente tá num limbo, que não tem para onde ir, porque tudo o que você conhece te fez chegar nesse sofrimento todo. E têm os filhos também... A gente não pode sair sem eles, e não tem para onde ir com eles. Então, faz o quê? Faz como? Porque todo mundo diz que dá, todo mundo tem uma solução, mas nada do que dizem resolve a minha vida. Porque ninguém pode fazer por mim e ninguém sabe como é estar ali todo dia.”

O desabafo é interrompido pelo grito de um bebê que caminhava no meio da roda de mulheres. Geralmente, as mães deixam suas crias numa sala embaixo, e ficam acompanhadas pela pedagoga com jogos, livros e brinquedos. Mas hoje, essa criança colada à mãe, desperta um incômodo. Faz lembrar que a vida de quem cuida está sempre em último plano, e que o movimento do tempo não espera pensar. Não permite respirar para restabelecer. A demanda do cuidado é uma correnteza que arrasta, que não poupa, que exige esforço e atenção constantes. A criança ali, demandando cuidados da mãe – desviando nosso foco da história –, é um lembrete palpável de que a vida não espera, segue, inexorável, a total despeito do que nos atravessa. Não há tempo. A vida acontece agora.

Ao continuar, a mulher retoma a força de antes e olha para as outras mulheres do círculo, como quem encara a si mesma.

– “Eu já falei que ainda estou casada? Ainda sou casada. Ainda moro lá e dependo dele. São mais de vinte anos dependendo dele financeiramente. Para conseguir vir aqui, tenho que fazer a unha das minhas vizinhas. Aí, guardo qualquer dinheirinho, e venho. Porque eu não falto, esse é o único compromisso que tenho comigo. E ele sabe disso! Eu não minto sobre nada, sou

totalmente contra a ideia de construir um lar em cima de mentiras! Então, eu falo, e ele que se incomode!”

Progressivamente, ela começa a falar mais alto e mais aguda. Ajeita-se na cadeira, de maneira que quase levanta. Está sentada na beira. Parece estar realmente à beira, muito perto do descontrole. Gesticula, feroz, nos encarando enquanto fala, uma a uma.

– “Ontem a gente estava em casa, eu e meus filhos, em paz! Ele chegou e o clima mudou completamente, porque ele estragou tudo! Sabe o que ele faz? Ele quer que nós fiquemos esperando por ele no portão de casa! Acha errado a gente só abraçar e beijar! Temos que ficar no portão, de pé, esperando a realeza! Eu digo que não vou fazer meus filhos passarem por isso, não vou! Eles cuidam da casa, fazem comida, me ajudam tanto... E eu sei que é para agradá-lo, apenas. Para ele ficar feliz. Porque quando ele não tá satisfeito, acaba com o dia de todo mundo. Isso não é saudável, eu sei que não é. Não é certo a gente ter que pisar em ovos para falar, porque, senão, a outra pessoa pode quebrar a casa toda. E ele nunca bateu, mas me agride e agride aos filhos dele de todas as formas.”

O olhar dela muda, a voz retoma um tom mais suave, e volta a sensação de ter choro preso na garganta. Ela junta as mãos enquanto fala, como quem implora por ajuda, ainda que da sua boca, as palavras que saem sejam outras.

– “Agora ele diz que não vai ficar em casa no dia dos pais porque os filhos não são dele. Não é possível que ele não saiba o quanto isso machuca, porque eles fazem de tudo para agradá-lo! Os filhos dele amam ele, e é de partir o coração ter que ver eles ouvindo esse tipo de coisa. Nessas horas eu não tenho nenhuma dúvida, a minha vontade é de pegar um filho em cada braço, mesmo eles já sendo grandes, e ir embora dali. Só que eu tenho medo... Eu tenho muito medo. Preciso de uma casa para morar com meus filhos, preciso de trabalho, preciso de apoio de tanta gente... Porque isso não é coisa que se faça sozinha.”

Novamente, outras vozes atravessam a sala, e fazem com que o caso daquela mulher passe a ser assunto de todas nós.

– “Mas você parece decidida.”

– “Eu tô! Mas ainda não fiz nada... Tenho medo.”

– “Você já consultou a advogada daqui, para saber seus direitos?”

– “Sim, já! Mas, também, sabe... Não é coisa que ajuda muito.”

– “Sei disso, tô na justiça há três anos e ainda não consegui nada.”

– “Exatamente! Eu não vou sair de casa para ir pra um aluguel, o mínimo que eu preciso é que ele me dê uma casa!”

– “Mas ele não vai te dar nada, não espera nada.”

– “Só que eu sei que tenho direito! Eu fiquei em casa sem trabalhar por mais de vinte anos para criar os filhos dele e cuidar da casa dele.”

– “A violência da justiça ainda é uma coisa que me assusta muito. Porque a justiça é para os homens, não para as mulheres.”

– “É, mas a justiça não considera cuidado de filho e casa como trabalho.”

– “Eles não consideram nem caso de depressão! Minha advogada alegou isso, e eles disseram que depressão não impede a pessoa de trabalhar.”

– “A gente só tem a gente mesmo.”

– “Que bom que a gente se tem, né?”

– “É, que bom que existe esse lugar.”

“Estou cansada, agora agudamente! Vamos chorar juntos, baixinho. Por ter sofrido e continuar tão docemente. A dor cansada numa lágrima simplificada. Mas agora já é desejo de poesia, isso eu confesso, deus. Durmamos de mãos dadas.”²⁶

²⁶ LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2019, p. 20.

3.

Estado de arte-acontecimento

Aqui a trajetória artística recomeça em força de redemoinho, porque recomeçar é estratégia de sobrevivência milenar para as mulheres. Talvez inspirada afetivamente por Cora Coralina, que diz “*Recria tua vida, sempre, sempre. Remove pedras e planta roseira e faz doces. Recomeça.*”, refaço os caminhos que sigo. Construo a caminhada em passos que se dão através de rompantes intuitivos. E, no encontro com novas (experientes) artistas, Tania Alice e Pascale Weber, sinto como se passasse a entender o mundo outra vez.

Clarice tinha uma irmã Tania, a quem dizia ser fonte de muita alegria. Ela a chama de “*margaridinha de primavera*”²⁷, e diz que margaridas²⁸ são flores alegres, seres brincantes de jardim. A Tania que me chega em abraço de sorte, vem trazendo devires de alegria. A alegria como meio de intervenção político-artística na vida. Ser feliz e fazer os outros felizes é política de existência-resistência. Ela mostra que arte é trabalho, mas mesmo que árduo, também pode ser fonte inesgotável de cuidado e felicidade. E não é isso que buscamos? Estamos todas em família.

Além de professora da UNIRIO, Tania Alice é atriz-performer, e desenvolve projetos artísticos que se apresentam como interseções sensíveis entre projetos terapêuticos e sociais, gerando o que ela mesma chama de “*Poéticas do Cuidado*“. Ao experimentar a disciplina “*Estratégias para cuidar do mundo com arte*”, proposta no segundo semestre de 2023, entro em movimento metamorfoseante, em que os eixos de foco, que pareciam distanciar-se de maneira indissociável até então (eu: a artista; e eu: uma das mulheres do grupo), unem-se não

²⁷ LISPECTOR, Clarice. *Minhas queridas*. Rio de Janeiro: Editora Rocco Pg 122

²⁸ LISPECTOR, Clarice. *De natura florum*. São Paulo: Editora Global (originalmente publicado no Jornal do Brasil, Caderno B, Rio e Janeiro, em 3 de abril de 1971.

só através da reverberação de existências compartilhadas ao coletivo, mas especialmente tendo a arte como chão de impulso para alçar voos.

Logo na primeira aula, sou apresentada à Pascale Weber, artista francesa que direciona seus esforços em trabalhar uma perspectiva pós-humanista, viabilizando a integração interespécies. Pascale realiza um projeto no qual plantas e seres humanos integram-se em cuidado e pertencimento mútuo, como uma maneira de coabitar um corpo de múltiplas formas e potências.

O contato intimista e poético com as plantas e as pessoas participantes em performance coletiva, despertou a artista-performer que poderia desdobrar-se em também propositora de performance coletiva em direcionamento de fluxos externos para ativar circulações internas. Movimento é vocábulo que intersecciona o dentro e o fora de nós. O que é pessoal e o que é político, tanto em semelhanças quanto em distinções, é fruto da consciência de movimentar-se.

A descoberta extasiante do óbvio que precisa ser desvendado em caráter de revelação, vem acompanhada de um pulso vital que me faz ansiar por desbravar as possibilidades que se apresentam como construção e criação de fazeres conjuntos. Enquanto as plantas aparecem como relação interespécie tantas vezes em graus de intimidade velados, também trazem a consciência da necessidade de plantio, zelo e o cuidado de uma atenção constante. São vidas potencialmente independentes, mas necessariamente interligadas através de meios substanciais: solo, água, ar e sol.

Por ter de relance se visto de corpo inteiro ao espelho, pensou que a proteção também seria não ser mais um corpo único: ser um corpo dava-lhe, como agora, a impressão de que fora cortada de si própria. Ter um corpo único circundado pelo isolamento, tornava tão delimitado esse corpo, sentiu ela, que então se amedrontava de ser uma só. (p. 14)²⁹

Começo a expandir o sensorial, na intenção de viabilizar espaço para o labor artístico dentro do Grupo Reflexivo, seguindo o desejo de gerar uma interseção entre as trocas compartilhadas em cada encontro e o viés de refazimento, que é sempre pessoal – mas também

²⁹ LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem, ou, O livro dos prazeres*.

é intrinsecamente coletivo. A busca de ser, entre seres relacionais, que co-dependem da vivência em grupo por relações de afetividade, dentro da dimensão ética de uma Instituição que acolhe e ampara. Esse é o senso decolonial que já está apresentado sem precisar ser explicado. Mulheres, reunidas por si e umas pelas outras, fortalecendo o vínculo de transgressão anti-patriarcalismo estabelecido, que gera possibilidades de novas existências.

Existir em arte, sob qualquer circunstância e adversidade, é o que chamo de *estado de arte-acontecimento*. Sem o qual a performance não se faria território e prática artística. Viver em *estado de arte-acontecimento* oportuniza aos artistas poros e veias abertas, sensíveis a tudo o que tocam – material e subjetivamente. *Estado de arte-acontecimento* é quando a angústia de ser encontra, enfim, a viabilidade tensional entre a vida e a arte para expressar-se. E assim, se faz corpo – em multiplicidade de corpos.

Por isso, afirmo que na minha prática enquanto artista só reconheço o *estado de arte-acontecimento* quando em performance, mas admitindo que gerar performance é também meio de se fazer imagem, som, palavra, voz e reverberação. Ser um corpo tangível e etéreo, capaz de ocupar espaços para além de suas delimitações físicas – provando que aquilo que atribuímos como concreto, nem sempre (ou quase nunca) é o real.

3.1

*“Continuo sempre me inaugurando,
abrindo e fechando círculos de vida (...)
Momentos tão intensos, vermelhos,
condensados neles mesmos que não precisavam
de passado nem de futuro para existir.
Traziam um conhecimento que não servia como experiência –
um conhecimento mais como sensação do que percepção.”³⁰*

Sem falar de futuro como aquilo que falta, falamos do agora como aquilo que é em presença de estar. Tempo presente é transitório, efêmero, eterno. Tempo não passa, tempo dança. Dança: espiralar, em compasso próprio, métrica que a gente não entende – ou se rende e dança junto, ou se deixa arrastar. Tempo não é coisa que se dê para brincar. Se enrijeço, o tempo atropela, avassala, desmonta. Mostra a sua força para além da minha vontade de fixar, porque, às vezes, só quero pausar. Mas o tempo não é de se controlar. Ele dança, livre, como gente também deveria ser. Transita de um ponto a outro. Às vezes brisa, às vezes ventania, às vezes olho de furacão – quando se faz de pausa, enquanto tira tudo do lugar.

Em ritos de umbanda, tempo é Orixá. Em trechos de Leda Maria Martins, tempo é poesia que bailarina na voz que se faz corpo:

³⁰ LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2019, p. 97-98.

A palavra vocalizada ressoa como efeito de uma linguagem pulsional do corpo, inscrevendo o sujeito emissor num determinado circuito da expressão, potência e poder. Como sopro, hálito, dicção e acontecimento, a palavra proferida grafa-se na performance do corpo, lugar da sabedoria. [...] a palavra ecoa na reminiscência performática do corpo, ressoando como voz cantante e dançante, numa sintaxe expressiva contígua que fertiliza o parentesco entre os vivos, os ancestrais e os que ainda vão nascer.³¹

Ao generosamente compartilhar suas vivências, as mulheres que vinham se reunindo nos encontros do 3º ciclo do Grupo Reflexivo, traçavam espirais que as conectavam ao seu passado e futuro. Ali, correntes anteriores, de repetições que impactaram suas antecessoras, eram quebradas e ciclos intermitentes de violência se rompiam, para que as futuras mulheres do círculo familiar não experienciem tais sofrimentos. Dizer em voz alta faz a palavra ganhar corpo e consistência de acontecimento. Palavra emudecida é energia engavetada. É preciso, portanto, verbalizar e permitir que o corpo da palavra dance com o tempo, para que ela se espalhe, etérea e espiralar.

Leda Maria Martins afirma que espiralar é o vocábulo que melhor expressa a percepção, concepção e experiência relacionada ao tempo. Ela ainda reitera que, assim como todo corpo, a palavra inscrita em voz tem como princípio básico o movimento e, portanto: “*Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem*” (p. 23). De onde conclui-se que vivenciar o tempo é dançar uma métrica misteriosa que atravessa gerações.

O corpo da palavra manifestada é também o corpo das temporalidades, adicionando aqui, o conceito de *quiasma*³² levantado diversas vezes por Judith Butler. A palavra dita, enquanto vibração sonora e intencional, adquire corpo de transmutação que envolve o todo – outros corpos que são natureza, ar, água, terra e fogo. Assim, o corpo físico, que sustenta as subjetividades do ser, é também interconectado ao ambiente e aos outros indivíduos, quando o compartilhamento de vivências determinadamente específicas se desenvolve como corpo comunitário.

³¹ MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. p. 127 e 128

³² BUTLER, Judith. *Que mundo é este? Uma fenomenologia pandêmica*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2022. Butler cita e analisa o conceito originalmente inaugurado por Merleau-Ponty (1964)

Um corpo historicamente conotado, que personaliza as vozes que denunciam e nomeiam o itinerário de violências de nossa rotina cotidiana, mas que, sem tréguas, escavam vias alternas para uma outra existência, mais plena e cidadã. Um corpo/voz inventário que limpa, restabelece, restitui, reivindica, respira e inspira, em perene processo de cura, escavando vias alternas de outros devires possíveis, sempre desejoso de transformações do *corpus* social.³³

O corpo de mulher, em dualidade e resistência diante da violência e da opressão, transfigurado para o corpo-voz, surge como agente de transformação social, mesmo em meio a um contexto de adversidade. O “corpo/voz inventário” sugere o processo de cura e autonomia vivenciado em árdua busca por muitas mulheres. Ao passo em que, a cada novo alcance individual, o fluxo do devir de simbiose quiasmática faz com que essas mulheres afetem e sejam afetadas através do tempo espiralar que dança, construindo o que entendemos como presente.

A noção de cura como processo é pensada nesse texto diferentemente do significado na compreensão da medicina ocidental, e que a Psicologia rejeita com veemência quando se trata de questões subjetivas do ser. A cura aqui, é no sentido de integração, quando as minhas partes fragmentadas podem ser reintegradas e eu consigo me sentir mais inteira. Esse restabelecimento do ser que possibilita o fortalecimento da mulher como indivíduo, viabilizando sua conexão com o mundo.

Assim, mesmo podendo dizer-se substancialmente curadas, as mulheres atravessam uma vida de enlutamentos, pois a cada reintegração, partes fragmentadas são deixadas pelo caminho, enquanto outras surgem como novas descobertas e também são inseridas, gerando a configuração de uma outra possibilidade de ser. Embora a versão recente carregue em si as experiências anteriores, ela é potencializada pelas novas aquisições que emergem e agregam a continuidade do fluxo da existência humana em vida.

A partir da ebulição provocada por essas reflexões, proponho, como artista inserida no Grupo Reflexivo, o acontecimento da performance coletiva que intitulei “Cuidar de nós em nós”. Baseio-me no conhecimento fitoterápico de ervas (como alecrim, manjerição, saião, algodoeiro, lírio do campo e levante) tidas como restabelecedoras de imunidade, antidepressivas, antiinflamatórias, analgésicas, cicatrizantes e calmantes. Na Umbanda, o uso

³³ MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. p. 162

de ervas tem atribuições relacionadas à espiritualidade. Na religião brasileira, as ervas citadas (bem como outras) são frequentemente utilizadas para banho em preceitos que visam a reenergização e equilíbrio energético. As seis ervas utilizadas em performance, quando unidas a rosa branca de jardim, fazem-se as sete ervas de Oxalá, figura do Orixá maior, que simboliza a criação de tudo, harmonia, luz, proteção, segurança e espiritualidade (em paralelos catequistas, equiparamos a figura de Deus e de Jesus).

Curioso elaborar que, por tantas vezes ao longo dos encontros, me senti atingida como mulher umbandista. Ao passo em que, logo a primeira proposta de ativação artística traz essa vertente pulsante de religiosidade que me sustenta. Penso que talvez seja um meio de contornar o preconceito tão difundido sem gerar uma rusga inapropriada.

Mas também não posso dizer que aplico exatamente o preceito da religião ao propor a performance, por diversas micro sutilezas que fazem toda diferença em ritos de Umbanda. Não manuseamos as sete ervas, não utilizamos apenas sete galhos ou sete folhas de cada, e, o principal: fizemos todas juntas. Na religião, como em quase tudo na vida, há uma hierarquia a ser respeitada, além de premissas que impõem delimitações: não são todos os filhos da casa que podem encostar em tudo, nem seria possível um fazer de banho sem um filho como responsável único ou uma entidade em terra, orientando.

Assim, destaco meu máximo amor e respeito pelos preceitos umbandistas e pela casa Congá Vovó Maria Conga, que me acolhe em amor e família há cerca de vinte anos. A responsabilidade que tenho com minha religião e terreiro se fazem presentes constantemente, inclusive, no desencadear da proposta de performance. Aqui, o objetivo é outro. É despertar nossa divindade interior, fortalecendo-nos mutuamente, enquanto celebramos a oportunidade de experimentar o toque, textura e aroma das ervas.

A performance como dispositivo de transformação a partir da experiência. Como política da presença, instantânea desencadeante de reverberações multifacetadas no contato com o outro. E, se tratamos de performance coletiva, ampliamos o alcance experimental através da vivência-ação. A proposta em síntese, é criar um espaço de verbalização e de escuta compartilhada a partir do fazer ativo. Um espaço amplamente convidativo e não segregador, que caiba em si a quantidade de mulheres presentes e as que também quiserem se achegar. Não sendo mais sobre cada uma de nós, agora o foco está no conjunto das histórias. Essa é a produção de performance.





Durante o processo, tocamos nas ervas, experimentamos suas texturas e cheiros, lavamos e iniciamos coletivamente o processo de maceração. Enquanto amassávamos as ervas com nossas mãos, mentalizávamos e conversávamos sobre o desejo de renovação, transformação, limpeza e energia para nosso próprio florescimento. Era início de primavera, e as mulheres teciam linhas invisíveis de costura como faço aqui, ao escrever esse texto. Histórias de ancestralidades e memórias afetivas das mulheres que nos cercam emergiam e entrecruzavam-se como uma mesma trajetória que nos conectava até aquele momento.

Uma das mulheres que estava lá desde o início, pergunta:

– Isso não é macumba?

Eu devolvo a pergunta à remetente.

– Não sei... E o que é macumba?

Sorrio com leveza. É mesmo uma dúvida sincera (a minha e a dela).

Acabo por não precisar responder, porque as próprias mulheres do grupo interpelam e afirmam que não. Explicam o potencial curativo e regenerador das ervas, partilham receitas de chá, dicas de banhos e de plantio – o que nos conduz diretamente à próxima proposição de performance.









RECICLE-ME			
INFORMAÇÃO NUTRICIONAL			
Porção por embalagem: Cerca de 8 porções (500 ml (1 copo))			
	100 ml	200 ml	%VD*
Energia (kcal)	50	100	2
Carboidratos (g)	7,4	15	3
Açúcares totais (g)	7,4	15	3
Açúcares adicionados (g)	7,4	15	3
Sódio (mg)	5	10	0,1

e			
INFORMAÇÃO NUTRICIONAL			
Porção por embalagem: Cerca de 8 porções (500 ml (1 copo))			
	100 ml	200 ml	%VD*
Energia (kcal)	50	100	2
Carboidratos (g)	7,4	15	3
Açúcares totais (g)	7,4	15	3
Açúcares adicionados (g)	7,4	15	3
Sódio (mg)	5	10	0,1

Sprite			
INFORMAÇÃO NUTRICIONAL			
Porção por embalagem: Cerca de 8 porções (500 ml (1 copo))			
	100 ml	200 ml	%VD*
Energia (kcal)	50	100	2
Carboidratos (g)	7,4	15	3
Açúcares totais (g)	7,4	15	3
Açúcares adicionados (g)	7,4	15	3
Sódio (mg)	5	10	0,1

Ao final, reunimos todas as águas preenchidas do suco das ervas num só recipiente, para que as mãos, pensamentos, energias e propósitos se conectassem em simbiose. Em mistura homogênea, os diferentes sucos eram um só, assim como, simbolicamente, éramos nós. Reunidas, nossas especificidades adquirem corpo em expansão do que somos – mais completas e inteiras. Depois, separamos em garrafas, para que cada uma de nós, ao voltarmos a ser matéria, corpo físico individualizado e complexo de particularidades, pudéssemos tomar o banho que nos ajudaria a restituir a fragmentação a qual fomos submetidas, em busca da tal cura.

Em *estado de arte-acontecimento*, sou forças ao Grupo Reflexivo sendo também mulher e, portanto, habitante das minhas próprias feridas. Ao me dispor a estar junto (o que poderia ser um diário de campo, mas opto por chamar de experiência de *escrevivência*³⁴), exercito uma escuta flutuante, em espécie de suspensão – que não exclui a escuta ativa, mas me permite o atravessamento do inesperado. É somente se expondo ao cenário-vivência que acontecem as confluências, assim, não é incomum esbarrar-me em mim ao ouvir outras vozes. É no reconhecimento da outra que me percebo e delinheio a minha identidade, no deslocamento delirante que apenas o encontro em presença como estado de espírito permite.

Um corpo de subjetividades reconhece a sua identidade através do meio coletivo. Num ambiente em que a prática está presente na fala e a arte aspira, asperamente, a necessidade de liberdade financeira, gerar ações propositivas no campo do sensível é um desafio que se coloca a todo tempo. Em meio aos tensionamentos de uma realidade amarga e que se impõe em qualquer instância, como pode a arte agir simbolicamente? Os símbolos, as nuances, a não objetividade sugere uma inutilidade angustiante. Porque realidades em que a vida é risco, exigem monitoramentos eficazes de saída.

No entanto, trabalhar em performance é sempre partir de verbos atitudinais. Sendo as ações performáticas pulsos de movimento interno, engendram força motriz para que os movimentos externos adquiram robustez e se solidifiquem em prática de reação conjunta. Porque a arte que exerço aqui, tem a missão de propagar devires de alívio em meio à passagem avassaladora do tempo e à hostilidade das dificuldades em que nossas dores nos subvertem. Descubro no vigor da performance participativa uma maneira de resistir através da existência conectante, em tessitura de vidas.

³⁴ Termo conceituado por Conceição Evaristo, ao definir a construção de sua escrita. Conceição diz que escreve a partir de suas próprias vivências e de outras mulheres, numa espécie de fusão indissociável de experiências. Assim, se torna impossível determinar o que é história, o que é vida vivida, o que é dela – e o que não é.

3.2

“A história que (...) eu reconto a partir da palavra-vivência dela, é um relato constituído de nossos corpos, tanto os que foram salvos, como os que perdidos na água ficaram.

Em nossos corpos, memória e água.

Sei que dizer algum dá conta do acontecimento.

Palavra alguma, seja falada, seja escrita, consagrada, repudiada, inventada, nada diz tudo. Por isso várias, muitas.”³⁵

Sendo constituídas de memória, água e mais terra do que céu, precisamos de um solo fértil para plantio, florescimento e raízes firmes de sustentação. Palavras não dão conta da experiência vivida – Conceição afirma no trecho logo acima, mas Saidiya Hartman já havia dito antes. Subtende-se que recontar uma história é refazer um caminho já realizado. O mesmo caminho, em outra época, sofre alterações naturais da passagem de tempo e da afetividade da memória. Afeto aqui, não como aquele que ama, mas como aquilo que impacta.

Em “Vênus em dois atos”, publicado em 2008, Saidiya suscita reflexões que nos conduzem a pensar em como tentar digerir o que, de tão indigesto, vem à tona quase como a fúria de uma regurgitação. Ela questiona, abalando o solo de segurança utópica em que as palavras nos conservam: *“Como a narrativa pode encarnar a vida em palavras e, ao mesmo tempo, respeitar o que não podemos saber?”³⁶*.

³⁵ Conceição Evaristo. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p.102.

³⁶ HARTMAN, Saidiya. *Vênus em dois atos*. Revista Eco-Pós, v.23, n. 3, p. 12–33, 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640. Acesso em: 7 jun. 2024. p. 16

Como fazer caber em palavras existências que se dão através de tamanha singularidade, sujeitabilidade e incertezas? Como nomear os lutos invisíveis? Como dizer dos olhares fugidios, das mãos que buscam apoio nelas mesmas, dos pés que quase não tocam o chão – de tão encolhidos? Como podem as palavras darem conta de tudo o que foi percebido em visão, audição e através de sentidos não nomináveis? Como posso contar da pausa da respiração, ponderar o fluxo da memória, traduzir o que não foi dito, mas que todas entendemos tão bem? Como posso não cometer novas injustiças e reiterar violências ao simplificar em palavras tudo aquilo que é sentido?

Mas eu quero dizer mais do que isso. Eu quero fazer mais do que recontar a violência que depositou esses traços no arquivo. Eu quero contar uma história sobre [...] garotas capazes de recuperar o que permanece adormecido – a aderência ou reivindicação de suas vidas no presente – sem cometer mais violência em meu próprio ato de narração. É uma história fundamentada na impossibilidade – de escutar o não dito, traduzir palavras mal interpretadas e remodelar vidas desfiguradas – e decidida a atingir um objetivo impossível: reparar a violência que produziu números, códigos e fragmentos de discurso.³⁷
(p. 15)

No vácuo do que as palavras não dão conta de traduzir, habita a experiência das dores vividas. A relação profunda entre a memória e o acontecimento, quando perpassada para oralização, gera uma conexão vibratória entre os corpos. Conceição e Saidiya abordam de formas distintas e, em certo aspecto, complementares, a impossibilidade da linguagem traduzir a totalidade do que a experiência humana – especialmente quando trata-se de opressões – é capaz de alcançar.

Conceição pondera que nenhuma palavra, seja falada ou escrita, conseguiria expressar com confiabilidade o acontecimento atravessado pela fala daquele que vivenciou, pela recepção daquele que se dispõe a absorver e pelas emoções entrecruzadas de ambos. Uma reflexão que ressoa nas “fabulações críticas” de Saidiya, onde o recontar da história exige necessariamente a revisitação do que é realidade e do que é imaginação – entendendo que tudo faz parte da verdade construída em história. Recontar, nesse sentido, é também recriar. Considerando como

³⁷ HARTMAN, Saidiya. *Vênus em dois atos*. Revista Eco-Pós, v.23, n. 3, p. 12–33, 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufjf.br/eco_pos/article/view/27640. Acesso em: 7 jun. 2024. p. 15

o impacto emocional, o tempo transcorrido e a trajetória subsequente são capazes de afetar a forma como a história é revivida.

Ambas mulheres pretas, com letramento racial e de gênero, e atuantes na literatura, Conceição e Saidiya reconhecem que a história oficial, tida como verdadeira, é apenas uma versão que não se retoma daquilo que aconteceu. Impossível de se resgatar ou de se relatar. As palavras e os arquivos não podem registrar a complexidade do acontecimento, especialmente quando nos referimos a histórias que são socialmente silenciadas, desencorajadas ou esquecidas. Assim, recontar adquire consistência de ato político, além de criativo.

Saidiya afirma que histórias impossíveis de serem contadas, ainda assim – e também por isso –, precisam ser contadas. Suas fabulações críticas se constroem a partir dessa premissa, respeitando uma contenção narrativa que não se dispõe a propor fechamentos para histórias inacabadas, nem perdidas. Enquanto Conceição não apenas mantém o respeito, como identifica sabiamente o valor dessa imprecisão.

Do que eu ouvi, colhi essas histórias. Nada perguntei, uma intervenção fora de hora pode ameaçar a naturalidade de quem conta. Acato as histórias que me contam. Do meu ouvir, deixo só a gratidão e evito a instalação de qualquer suspeita. Assim caminho por entre vozes. Muitas vezes ouço falas de quem não vejo nem o corpo. Nada me surpreende do invisível que colho. Sei que a vida não pode ser vista só a olho nu. [...] Outro dia me indagaram sobre a verdade das histórias que registro. Digo isto apenas: escrevo o que a vida me fala, o que capto de muitas vivências. *Escrevivências*.³⁸ (p. 17)

Ainda – e sempre – em estado de acontecimento, agora imersa em *escrevivências* tão vivas quanto a escrita, retomo a prática artística de performance participativa buscando corporificar as palavras e seus sentidos. Levo, assim, ao Grupo Reflexivo a proposta de performance intitulada “Plantio”, em outubro de 2023.

³⁸ EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parencças*. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 17.



AUTONOMIA

FORÇA

RESILIÊNCIA

EMPATIA

GENEROSIDADE

AMOR-PRÓPRIO

RESILIÊNCIA

EMPATIA

FÉ

A
ALEGRIA

S
SENSIBILIDADE

RECOMEÇO

TRANSFORMAÇÃO

CORAGEM

Transitando entre duas epistemes: a comunitária e a individualizante, levo à sede do Movimento de Mulheres em São Gonçalo, mudinhas de alecrim (com poder calmante de controle da ansiedade), manjerição (com poder antidepressivo e antiinflamatório) e hortelã (com poder analgésico), terra com fertilizante e pequenos vasos que possibilitariam o plantio. As três ervas sendo consideradas medicinais ao servirem como chás e também como fonte de alimento. Um duplo-efeito que ressoa no sentido de cura em tripé de sustentação existencial terrena: corpo, mente e alma.

Chego ao local acompanhada pelo material vivo e por palavras destacadas ao longo de alguns dos encontros do grupo. A travessia compartilhada nos conduz a transmutações em mudança de pele contínua. Sendo este um dos últimos encontros do ciclo, penso em como propor uma performance participativa que permita reverberar intimamente as particularidades de cada mulher, e que tenha em si afetividade, efetividade e continuidade. Trago comigo *força, fé, resiliência, autonomia, empatia, sensibilidade, alegria, generosidade, amor-próprio, transformação, coragem e recomeço*.

A percepção dilatada do tempo influi como uma lente de aumento, em que fragmentos ressoam com potência e consistência, enquanto tantas outras coisas se perdem. Mas perder, nesse caso, é escolher. A memória necessita fazer uma curadoria bastante específica – embora inexplicável – para gerar registros em cada uma de nós. Minha memória escolheu arquivar essas palavras e, por essa escolha, transformei-as em pele de escrita em papel. Ofereci às mulheres que se aproximassem da mesa e escolhessem a vida à postos e as palavras que se fariam plantar, brotar e cuidar no fluxo contínuo e insistente que toda forma de vida exige.

Atenta à descoberta recente de que palavra alguma daria conta de expressar a vivência, tampouco os desejos, disponibilizei também caneta e papel para se fazerem pele e corpo de novas palavras, assim passando pela própria curadoria individualizante dentro da experiência compartilhada. Entendendo a performance como um agente que se dá através do tempo, ainda que situada em meio à urgência das necessidades imediatas.

Felicidade

Força de vontade

Cogitativo

Harmonia

Felicidade

Autonomia

Amor

Amor

União

Própria

Paciência

Prosperidade

Fortuna
Luz

Esperanças

Coragem

Sensibilidade

Amor familiar

Muita Fé

A comoção dos nossos encontros adquiriu, através de performance, corpo para se mover em movimento consciente de cuidado e autotransformação. Novamente as distâncias entre nós são reduzidas quase a ponto de fundirmos. As memórias, os arquivos, os desejos são estranhamente próximos. Estranhamente íntimos à todas nós. Estranhamente comuns. Vidas individualizadas que somos, é fácil esquecer que a terra que nos nutre e sustenta é a mesma – assim como aquilo que nos desgasta.

Seguimos, compartilhando a terra, separando as plantas, traçando uma curadoria afetuosa das palavras a serem plantadas, regadas e cuidadas diariamente. Aqui essas palavras representam em corpo as nossas subjetividades tantas vezes abandonadas, esquecidas ou secundarizadas. É preciso mantê-las vivas. É preciso manter o desejo como fonte de existência. E para existir, em qualquer tipo de vida, repito: é necessário cuidado contínuo.

Conversamos enquanto realizamos o trabalho. Sim, trabalho. Porque cuidado é trabalho e cuidar das próprias necessidades não pode ser um trabalho a ser desprezado. Toda vida necessita de cuidados. Repito aqui e repeti lá, até que elas pudessem ser absorvidas pelo processo e naturalmente, consolidassem a intenção da performance.

Uma mulher, então, diz:

– “Eu tinha uma plantinha que era bem frágil e secou quase completamente. Achei que ela tinha morrido... Fiz de tudo e nada funcionou, acabei desistindo. Aí, botei na calçada para o lixeiro levar, e minha vizinha veio trazer de volta. Ela bateu lá em casa e disse que essa planta é assim mesmo, que ela parece que não tem jeito, mas que é só o tempo dela. Porque depois ela volta a ficar linda. E foi isso mesmo que aconteceu, acredita? Semanas ou meses depois, sei lá, ela voltou a brotar. E ficou linda de novo! Eu tenho um carinho enorme por ela, porque ela me ensinou isso... Que ela tem o seu próprio tempo e que a gente tem que respeitar, porque não depende da gente, é coisa dela”.





O cuidado como prática de ação dominante. Vínculos estabelecidos entre seres viventes – mulheres. Como diria Conceição, aves-fêmeas. Agora estando atentas ao seu solo e raízes para, enfim, chegar o momento de voar. O impulso do voo exige chão firme para acontecer. Estamos aprendendo isso, e tanto mais, juntas.

Uma mulher que chegou ao encontro já com a performance em acontecimento, se aproxima e começa o seu plantio. Ela diz:

– “Eu tenho uma planta difícil em casa. Ela é grande, toda bonitona, vistosa, sabe?”

Ela me olha nos olhos, confirmando que estou de fato atenta à sua história. Depois retoma o foco para a atividade e, enquanto enche o vasinho de terra, volta a falar:

– “Ela é muito difícil. Parece que vive insistindo em morrer... É uma coisa estranha. Botei na varanda, ela secou. Levei para dentro, ela secou. Já tentei molhar todos os dias, molhar pouco, molhar muito, deixar no sol, na sombra, na luz indireta. Juro, eu já não sabia mais o que fazer. E dava muito trabalho porque ela é grandona e o vaso é muito, muito pesado.”

Ela respira profundamente, limpa as mãos e volta a penetrá-las na terra. Como se a terra fosse uma entidade que merecesse o respeito – e o cuidado – das mãos limpas.

– “Até que um dia, quase desistindo, sentei ao lado dela pra conversar. Perguntei mesmo “*o que você quer de mim?*”. Eu precisava que ela me dissesse o que fazer, porque eu já não sabia mais. Fiquei um tempo ali com ela, conversando, falando do meu cansaço e do tanto que eu já tinha tentado...”

A mulher pausa novamente, e fixa seus olhos nos meus, olhando por cima dos óculos. Seu olhar é de descobrimento. Agora ela falava esboçando um meio sorriso:

– “Mas aí eu entendi que eu não podia desistir dela. Porque o tempo todo não era sobre ela, era sobre mim. E que às vezes é difícil a gente se manter firme, porque não tem lugar nem circunstância externa que salve, é uma coisa de dentro pra fora. Entende? Eu percebi que não podia desistir dela porque não podia desistir de mim. E que às vezes eu também sinto que tô morrendo, mas mesmo assim, preciso me esforçar pra retomar. Porque, no fundo, eu sei que ainda tem vida pra viver. Então, cuidar dela é uma forma de lembrar de cuidar de mim.”

Ela volta a acariciar cuidadosamente a terra e me deixa ali, contemplando o seu plantio e o delírio que é esse momento de lucidez. Sinto-me agraciada, quase em abraço tangível, pela arte e pela força redentora dos encontros.



“Você me pergunta se tenho trabalhado. Não sei se tenho trabalhado: meu trabalho não tem aparecido. Acho que ele consiste na maior parte do tempo em me vencer.

Em vencer meu cansaço e minha impotência. [...]

Eu nunca sei se quero descansar porque estou realmente cansada, ou se quero descansar para ‘desistir’”³⁹

³⁹LISPECTOR, Clarice. *Minhas Queridas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, p. 127 e 128.

3.3

“Não é preciso pôr subtítulo nem explicação – isso estragaria muito. [...]

Não precisa subtítulo”⁴⁰

A palavra é o útero do mundo - e dela eu renasço.

Quero parir a palavra. Segurar nas mãos, acolher no colo, acalmar os soluços, alimentar no seio. O instante nascente que é água viva, queimação sentida na pele que percorre todo o corpo. Que envolve, delimita e protege. O limite que individualiza e torna identificável a subjetividade do caos habitante em nada. Um corpo. O que mais seria um corpo?

Palavra é corpo sem bordas de pele? Tem vida? Tem vida.

Pois, então, ao que tem vida, cabe a morte. Palavra morre? Se não morre, é eterna... E, sendo sempre a mesma coisa que nunca, uma existência eterna é como não existir. Escrevo para dar espessura ao pensamento. Minha escrita é difusa, primária, não alcança entendimentos... Mas atravessa os sentidos, e isso me basta. Encaro o livro como um objeto gestante, que gera potência de vida, e ele me desafia no meu maior estado vivente: à beira do abismo.

A escrita por si mesma se apresenta a fim de mostrar-se quem é. Eu, na humilde (e por vezes, ingrata) posição de escritora, assumo o lugar da artista que desenha palavras, alocando-as para que construam o sentido que a própria escrita presume. Se fosse eu por mim mesma, talvez não houvesse sequer poesia. Seria a dor de acidez e ardência de quem tenta curar feridas

⁴⁰ LISPECTOR, Clarice. *Minhas Queridas*. Rio de Janeiro: Rocco. p. 139.

expostas esfregando vorazmente até o sangue escorrer. Sinto que, de muitas formas, sangro nesse processo de escrever.

A quase total inocência de não saber os rumos e desrumos que essa pesquisa seguiria – e para onde me levaria – fez com que eu chegasse até aqui. Essa é a única explicação. Clarice disse que “*não sei nem como me perdoar pela inconveniência de escrever. Mas já me baseei toda em escrever e se cortar este desejo, não sobrar nada.*”. O que me restaria para além da escrita? Ou ainda, o que me restaria para além de me saber mulher, e firmar a consistência desta consciência em arte? O que me restaria sendo mulher sem o alvorecer da arte? Mas esta arte que acontece num fluxo que interpela qualquer escolha, me salva ou me atira em abismos ainda mais profundos?

A arte que expande meu corpo em circulação conectada ao mundo não me salva. Afirmando com alguma certeza e com muito pesar: a arte que revelo não me salva. Mas posso dizer que me mantém vivente, pulsante. Impulsiona o coração deste corpo a bombear o suficiente para que minhas veias e artérias estendam-se através de mim. Assim, se eu não sou apenas eu, tenho mais condições de viver sem ser em estado de sobrevivência.

Novamente, em conversas literárias com Clarice, ela diz que existir além dela mesma pesava o seu corpo, como se fosse agora um estranho⁴¹. Em mim é diferente. Sinto liberdade em ter um corpo expandido em formas e dobraduras de vidas que não são minhas, ainda que muitas vezes se confundam – e se fundam – de maneira até mesmo constrangedora. É libertador que eu não seja apenas eu. Não me sinto só. Talvez essa seja a necessidade da atriz.

E por essa íntima necessidade de viver em atravessamento e compartilhamento de existências múltiplas, canalizei meus afluentes para que desaguassem em performances realizadas e registradas quando estava imersa em madrugadas de aparente silêncio e solidão. Dentro de mim, vozes diversas ecoavam em gritos e sussurros, buscando meios de se corporificarem a todo custo. E muito me custou. Os trabalhos realizados em performance, mesmo antes dos encontros do Grupo Reflexivo, custaram-me danos irreversíveis. Quando corporificada, a consciência adquire consistência de ferida exposta. A mesma que, como já disse, agora esfrego vorazmente ao escrever.

Poderia constatar que essa atuação em arte é disparadora de gatilhos profundamente íntimos e, a partir dessa premissa, também tecer uma costura que busque justificar a dificuldade

⁴¹ LISPECTOR, Clarice. *Minhas Queridas*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 93.

dos espaços expositivos em acolherem as obras sem constrangedoras ressalvas. Mas não sou boa em trabalhos manuais e costurar em tecidos espessos que atravessem as barreiras que as instituições museais impõem, exigiria um esforço de abdicação que ultrapassa minhas possibilidades nesse momento.

Existir enquanto mulher não é construir uma vida caminhando sobre incessantes gatilhos? Viver não é também uma sucessão de gatilhos? Por essa fricção sinto certo incômodo em destacar com avisos de gatilhos as obras, ou em precisar recorrer a subterfúgios fugidios dos mais diversos: posicionar atrás de biombos, anular o áudio dos vídeos, retirar algumas imagens – tudo isso já me foi proposto e prontamente recusado.

Não me interessa a fuga ou o desvio. Meu trabalho é também rasgar a pele, mostrar a carne, as vísceras, o sangue que jorra. Expor uma dor esteticamente suavizada seria ferir a ética e prestar serviço àqueles que aqui critico. Porque as violências são muitas e não há como aplacar uma vida que se baseia em traçar estratégias de sobrevivência para atravessar as rotas críticas. Disparar gatilhos é também uma forma de oportunizar o acesso àquilo que está oculto em nós, por tantas vezes ignorado. Portanto, existe potência em promover deslocamentos que podem gerar ressignificações fundamentalmente importantes. Toda crise é um convite à transformação.

Então, encontro-me perdida em impasses tropeçantes de caminhos pelos quais posso seguir. Toda brecha que vislumbro termina em beco – estou sem saídas que me afastem de cruzar por armadilhas sistemáticas. E isso também faz parte do trabalho. Um confronto esmagador entre o processo de criação artística, as instituições de arte e a vivência de mulher em uma sociedade saturada de violências e opressões.

A arte contemporânea, neste contexto, é uma força que não apenas revela, mas também incomoda, propondo formas de resistência e denúncia que recusam a acomodação diante das imposições sociais. Incomoda até mesmo os próprios ambientes artísticos, que buscam por tantas vezes uma arte que seja, se não agradável, ao menos palatável para o público.

O corpo feminino em exposição fere o conservadorismo que ainda mantém as instituições em vários níveis. Mas o corpo feminino violentado, palavras e imagens que traduzam dor (ainda que simbólicas e não explicitadas) retira da morbidez comum a quem absorve a obra. As instituições de arte, que deveriam ser espaços de liberdade criativa, acabam erguendo barreiras para defender-se dos debates que fazem a roda social girar, com a desculpa de proteger o público do desconforto ou da provocação que a própria arte traz.

Em janeiro deste ano (2024) minha obra “*Identidade*, 2021” foi quase responsável por embarrear uma exposição coletiva de mestrandes e professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos da Arte (UFF), o programa de pós no qual estou inserida. Após a recusa do espaço e insistentes diálogos da direção da instituição expositiva com os curadores, foi dito com clareza que o ponto de inadequação não era o corpo, não era a referência a violência imagetivamente. O problema era o tema.

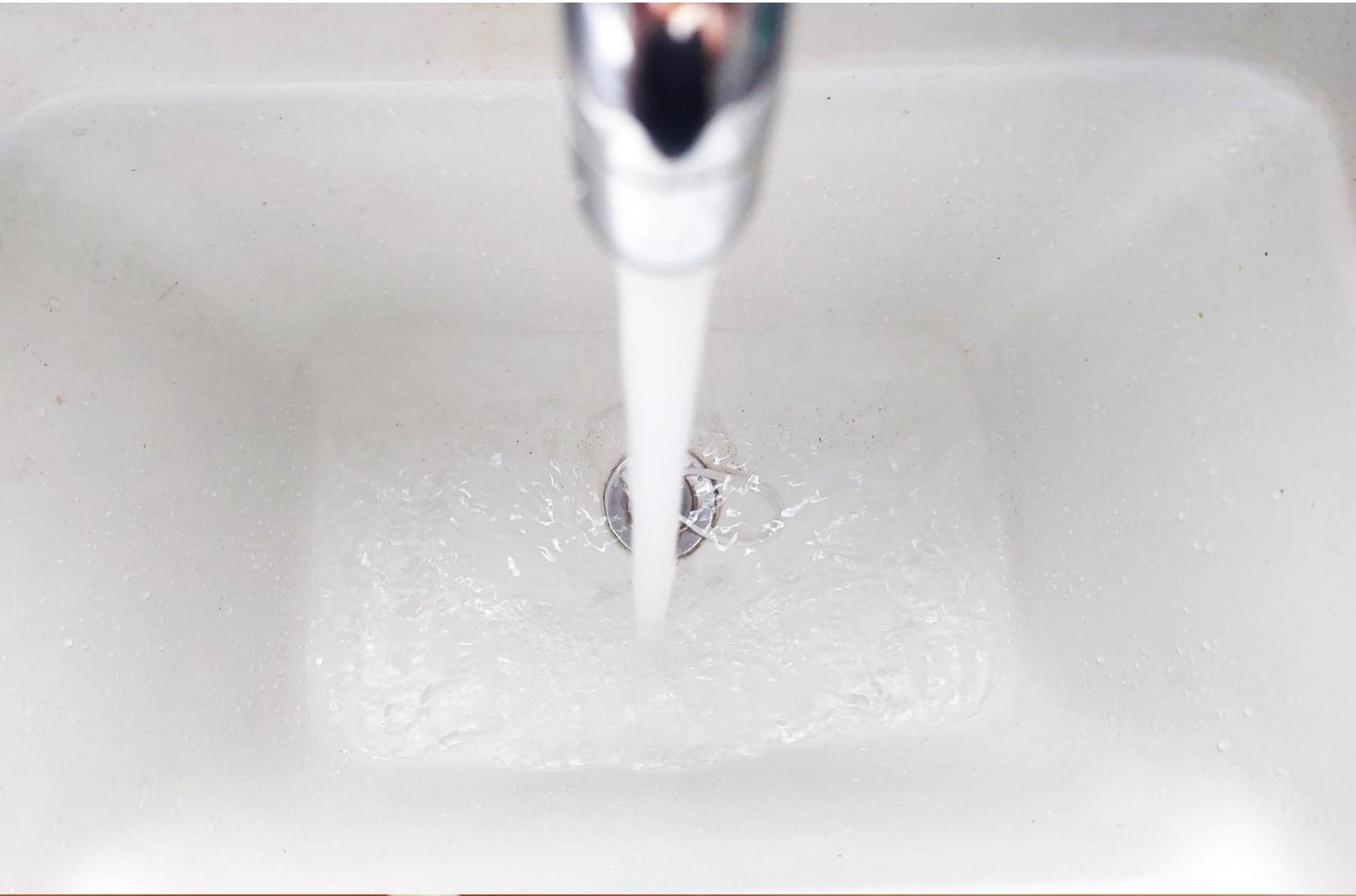
Ou seja, a instituição não estava disposta a suscitar questões sociais. As violências de gênero contra as mulheres eram assuntos a serem tratados em viés político: através de políticas públicas, segurança pública e redes de suporte. Como se não coubesse à arte um entrelaçamento social. Então, o que caberia à arte?

– “Eu poderia nem te dizer nada, e apenas dar ordem para não ligarem o seu vídeo, mas acho que podemos encontrar uma saída, talvez você queira expor outra coisa.”

A diretora da instituição, uma mulher, disse a frase acima diretamente a mim. Em seguida, disse sentir vergonha em me dizer isso – e nisso ela tinha toda a razão, é mesmo um motivo para imenso constrangimento. A saída que compactuamos, conjuntamente, foi não colocar a videoperformance para ficar em exposição diretamente. Algumas propostas foram sugeridas, mas naquele momento, nada me parecia justo. Ferida em muitos níveis, recusei-me em ceder, como faria caso selecionasse outra obra. Aquele era o meu trabalho e tudo o que eu tenho a dizer enquanto mulher artista, perpassa por esta temática. Não iria me omitir e nem permitir ser abafada.

Às vésperas da inauguração da exposição, busquei exaustivamente uma forma de firmar “*Identidade*” no salão expositivo, junto aos demais trabalhos. Mantive firmeza em não comprometer minha voz artística para atender às expectativas e convenções que minimizariam o impacto político, social e emocional de um trabalho que merece ter sua integridade preservada. Manter a minha voz foi também respeitar as vociferações de revoltas comunitárias que trago comigo.

Assim, num ímpeto de fúria e resistência artística, nasce a videoperformance “*Limpeza*, 2024”.









Meu corpo se treme em espasmos. Tudo o que eu toco vira sujeira. Tudo o que eu toco vira resto, sobra. Tudo o que eu toco fica indecorosamente ultrapassado.

Esfrego minhas mãos. Vejo o sangue que brota delas. Meu sangue. Sangue que disponho dedicadamente ao meu trabalho, às minhas relações, ao meu parceiro. Meu parceiro é um homem cis. Branco. Um homem branco heterossexual cisgênero. Das mãos dele vejo brotar cansaço, às vezes desânimo, prostração, preguiça. Mas não o seu sangue. O sangue ele guarda para si. Esse sangue se mantém vivo e circulante. É provável que por isso ele pareça mais forte e vigoroso do que minha palidez me permite aparentar.

Já o meu sangue escorre incontrolável. Está em tudo o que eu toco e faz com que tudo a minha volta também sangre. Sangrar tem sintomas físicos para além da corredeira de rio. Tontura, taquicardia, tremedeira. A sensação de não pertencer ao próprio corpo. Tem nome isso: despersonalização. Ser feita de alma e sangue. E ainda assim, assistir a ambos se desfazerem, sem poder conter. Então morrer é isso? Ou é só a maneira mulher de viver?

Estanco. Vedo a saída e o fluxo sanguíneo para não mais vaziar. Logo, minha entrada de ar também é vedada e eu paro de respirar. Puxo o ar. Puxo o ar. Puxo o ar mais forte, mais forte, mais forte. Tontura, teto preto e fraqueza. No susto, deixo de vedar o fluxo e ele volta a vaziar. Escorre entre as mãos, escorre dos olhos, pelas pernas. Assisto-me morrer lentamente. A frequência é sempre, e às vezes, até tento evitar. Mas o delírio do vivente é a realidade de quem não vive. Lembro do sonho repetitivo de estar nua e não conseguir tapar minhas partes íntimas. Estou nua. E não consigo tapar meu sangue. Deságua inteira na frente de quem quer que seja. Meu estado natural é sangrar.

Não gosto do que acabo de escrever – mas sou obrigada a aceitar todo o trecho porque ele me aconteceu. E respeito muito o que eu me aconteceu. Minha essência é inconsciente de si própria e é por isso que cegamente me obedeço.⁴²

⁴² LISPECTOR, Clarice. *Água Viva (edição com manuscritos e ensaios inéditos)*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2019, p 42 e 43.

“*Limpeza*” esteve em exposição como videoperformance por cerca de um mês dentro de um centro cultural. Ao ter “*Identidade*” censurada, precisei recorrer a meios válidos para dissimular. Acrescentei ao vídeo um qrcode que gerava acesso indireto ao trabalho ocultado. Existem muitas críticas que escoam junto à água suja na pia. A tentativa inútil de limpar um lençol sujo com as mãos ainda mais sujas, em água parada. A trava da renovação de fluxos. Tudo acaba em frustração e angústia. É tanta sujeira. A pia, as mãos, o lençol. Sem fôlego pelo esforço desperdiçado, “*Limpeza*” fez-se em trabalho que não era para ser, mas que precisou fazer-se.

Lembrou-se de que lera que os movimentos histéricos de um animal preso tinham como intenção libertar, por meio de um desses movimentos, a coisa ignorada que o estava prendendo – a ignorância do movimento único, exato e libertador era o que o tornava um animal histórico: ele apelava para o descontrole. [...] Apelara histericamente para tantos sentimentos contraditórios e violentos que o sentimento libertador terminara desprendendo-a da rede, na sua ignorância animal ela não sabia sequer como, estava cansada do esforço de animal libertado.⁴³

Nesse sentido, o que diagnóstico é que as instituições (em análise generalista) preferem manter-se distanciadas das discussões que são bases para transformações sociais relevantes e necessárias. Assim, soa como uma dose cavalgar de hipocrisia a atenção atual que se tem em fazer dos espaços de arte lugares plurais, com representantes diversos da sociedade. Em aparência, a roda até pode parecer girar. Mas em estrutura, tudo não passa de um jogo de luzes, que inebria quem vê em olhar desatento.

É preciso estar perto, estar dentro, para ver em experiência própria que nada se move. Movimento exige esforço e predisposição coletiva. Assim funcionam os movimentos de acolhimento e suporte às mulheres em situação de fragilidade. Assim funcionam os movimentos ativistas. Assim funciona tudo o que se pretende fazer movimentar. Talvez meu trabalho esteja situado exatamente nesse tensionamento, na fricção entre a exposição necessária à arte e a resistência ao silenciamento em arte.

⁴³ LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. São Paulo: Mediafashion, 2016, p.11.

O caminho que atravesso parece sempre ser dentro do mar. Digo pela dificuldade de locomoção e por tantas vezes que caminhar foi sinônimo de afogar. Volto à sensação de afogar em meu próprio sangue, um afogamento difícil de explicar. A pulsação e os batimentos tão intensos e inconstantes, que fazem a cabeça pesar como submersa em níveis profundos de mar. É preciso resistência e esforço contínuo, quando cada passo exige uma força descomunal. Quanto mais avanço, mais as ondas controversas me fazem distanciar do ponto aonde chegar.

O mar, com sua profundidade e imensidão, é tanto vastidão quanto a dificuldade de insistir em seguir num processo de fazer artístico que traz consigo o ativismo da maior pauta que persigo. Um território onde meus movimentos são instintivos e imprecisos, antecipando a morte que insiste em acontecer, em micro afogamentos quase imperceptíveis aos olhos alheios. Morro um pouco a cada travessia. E escrever sobre essa vida que insiste em matar, me devolve a noção de urgência – aquilo que afunda e resgata. Um paradoxo cíclico e espiralar de temporalidades e desafios.

Viver artista é risco. Metafórico, simbólico e em realidade – quando artista mulher situada no Estado do Rio de Janeiro, transitante entre Rio, Niterói e São Gonçalo. O Estado miliciado, dominado por forças políticas não convencionais, onde tráfico, política e polícia têm acordos escusos que norteiam as cidades. Tudo é crime e todo crime é passível de uma legalização tácita, quando convém. A ordem é mantida por clã de hienas ferozes, que mantém os espaços “limpos” e sob aparente controle ao se alimentarem dos detritos. A quem recorrer em risco, se a estrutura de segurança pública está corroída e minada, ainda que mantenha sua aparente função? Em territórios miliciados, quem dita as leis e quem as faz cumprir?

Aí estão – tão bem situadas – as redes de acolhimento e suporte às mulheres. Onde as políticas públicas são obstinadamente direcionadas para serem revertidas em vantagens políticas, os núcleos de proteção não governamentais salvam as vidas das mulheres. Seriam úteis em qualquer lugar, mas nesses pontos de tensão, fazem-se absolutamente imprescindíveis. Até mesmo denunciar é questão de privilégio. Uma sina patriarcal e capitalista de um país colonizado, de histórico escravocrata, conservador e retrógrado, que faz das mulheres suas reféns.

A importância das redes de afeto nesses espaços tem impacto social direto e fundamental. Pois, se não é possível compartilhar no entorno o que acontece em casa, nem denunciar (já que expor-se antecipa vertiginosamente os riscos), os espaços proporcionados através das redes, funcionam ao mesmo tempo como escape, força e colo. Lá, as mulheres são

orientadas e fortalecidas – a partir de atendimentos realizados por psicólogas, assistentes sociais e advogadas – para retomarem as rédeas de suas vidas. O Movimento de Mulheres em São Gonçalo é um lugar onde firmeza e ternura habitam juntas.

“*Também eu estou truculentamente viva*”, Clarice diz em “Água Viva”. Diz ao pé do meu ouvido e em voz que reverbera dentro de mim. Mais uma vez, é ela quem me lê. E eu sigo na fúria incontrolável de habitar um lugar que não me pertence – esse mundo que não é meu. Se não consigo estar inteira sequer num espaço institucional de arte, como posso esperar em estar integrada à cidade? Tenho dúvidas inquietantes a esse respeito.

As redes certamente cumprem sua função. O trabalho em arte realizado no Grupo Reflexivo também parece ter cumprido a sua função. Mas então é isso? Estamos limitadas a não deixar ecoar para além desses locais seguros as vozes ali propagadas? A proteção, portanto, é um serviço de isolamento. Quem está se defendendo de quem? Afinal, é bastante conveniente que as redes sirvam como uma espécie de silenciamento social. Não por calar as mulheres que são amparadas, mas pela (falsa) sensação de limpeza e organização social que os territórios miliciados produzem.

É novamente aí meu lugar de existir artista. Sou a própria fricção espacial: existo no entre. No que tangencia, no que conecta, no que também repele. Talvez possa dizer que sou pele da arte. E estou ferida. Rasgada em algumas partes, com cicatrizes em outras, mas a maior parte de mim é resistente e conectante. Ainda (novamente – ou sempre) sinto a urgência de ser atuante, de ocupar os espaços, de fazer reverberar as vozes.

Aqui diria que nasce a performance “*Você acredita em mim?*”. Mas houve um abortamento prévio. Outra característica dos estados miliciados é o aborto clandestino como forma de controle de corpos. A impotência da mulher desacreditada e, mais uma vez, calada. Descrevo o sonho prematuramente: espalhar pelas cidades de São Gonçalo, Niterói e Rio de Janeiro, cartazes com os dizeres:

FUI ESTUPRADA AQUI PELO SEU AMIGO. VOCÊ ACREDITA EM MIM?

FUI ESTUPRADA AQUI PELO SEU FILHO. VOCÊ ACREDITA EM MIM?

FUI ESTUPRADA AQUI PELO SEU IRMÃO. VOCÊ ACREDITA EM MIM?

FUI ESTUPRADA AQUI PELO SEU PAI. VOCÊ ACREDITA EM MIM?

FUI ESTUPRADA AQUI PELO SEU VIZINHO. VOCÊ ACREDITA EM MIM?

Uma ação performance-manifesto em que os cartazes (construídos em pele plástico bolha – que envolve conteúdos extremamente sensíveis), seriam expostos em locais de alta rotatividade. Centros urbanos, entradas de comunidades, áreas comuns de moradia e comércio. Uma performance que lembra que o lugar da arte é onde ela está. Um manifesto que lembra que todo estuprador não é um monstro, mas sim um homem comum.

Todo estuprador é um homem que é filho, amigo, pai, irmão, vizinho de alguém. Um homem que, por tantas vezes, é conhecido por nós. Ouvido por nós. Defendido por nós. Assim, o trabalho faz referência aos estupros de cada dia⁴⁴ e à descredibilização da voz das mulheres, o que muito justifica o silenciamento. Um ato de provocação social, colocando as pessoas em uma posição de desconforto, forçando a reflexão sobre a cumplicidade, o silêncio, a distorção de narrativas e a violência sistemática. A quem pertence a cidade? Quem tem o direito à voz?

A pele em plástico bolha, é um material que remete à fragilidade e proteção, contrapondo a brutalidade da violência diária, numa potência de fricção contrastante entre o invisível e o visível, o sensível e o brutal. Ao envolver a denúncia em um material que protege e acolhe o que é de alta sensibilidade e fragilidade, o trabalho sugere a complexidade das camadas de silêncio que envolvem as mulheres e os abusadores.

O caráter itinerante da ação — espalhando os cartazes por locais de alta rotatividade e convivência — transforma os territórios em campos minados de resistência, onde a denúncia pública confronta a indiferença cotidiana e a milícia dominante. Cada espaço escolhido para expor o manifesto torna-se um local de memória e voz, um lembrete tangível de que a violência está enraizada em nossa convivência diária.

Uma performance com caráter de intervenção urbana, que invade o cotidiano das pessoas e transforma as ruas em palco para um tema que precisa ser ouvido e visto. O espaço público se torna veículo de resistência e memória, expondo o lugar da dor e transformando em denúncia, enquanto oferece uma forma de cicatrização coletiva – porque saber não estar só já é caminho para renascer.

Se a rua não me cabe, se as instituições de arte não se dispõem a acolher as discussões de conteúdo sensível, se o Estado não protege a quem dele necessita e ainda é ameaça de morte

⁴⁴ De acordo com os dados divulgados pela Rede de Observatórios da Segurança no arquivo *Elas Vivem 2024*, foram computados 2.957 casos de violência sexual 2023 no Brasil. Disponível em: <https://observatorioseguranca.com.br/>. Acesso em 20 de julho de 2024.

a quem se expõe... Qual é o lugar da mulher? Qual é o lugar da arte? Qual é o espaço seguro para ser mulher artista expondo violência de gênero? Qual seria, então, o meu lugar de atuar?

Os trabalhos artísticos que de mim afloraram, assim como toda essa escrita em visceralidade explícita, são uma sala de ensaio. Uma busca de fazer da minha própria existência-experiência o chão que faz a arte brotar e acontecer. A arte que vem antes do entendimento, antes do pensamento, antes de qualquer materialização. A arte que acontece junto à vida, de maneira indissociável. Em territórios de violência e desafeto (entendamos como a sociedade patriarcal: as ruas, os museus, as pessoas e as instituições), meu trabalho enquanto artista é instaurar um *estado de arte-acontecimento* que seja disparador de afetos. “*Isto te diz alguma coisa? A mim fala.*”⁴⁵. Há uma beleza sutil e sensível em harmonizar zonas de contato em zonas de conflito. Aí, então, a arte habita. E é no entre, na interseção, na fricção que eu existo, resisto e aconteço.

⁴⁵ LISPECTOR, Clarice. *Minhas Queridas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, p. 41.

“Mas bem sei o que quero aqui: quero o inconcluso.

Quero a profunda desordem orgânica que no entanto dá a pressentir de forma subjacente.

A grande potência da potencialidade [...]

Quero a experiência de uma falta de construção”⁴⁶

⁴⁶ LISPECTOR, Clarice. *Água Viva (edição com manuscritos e ensaios inéditos)*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2019, p. 41.

∞

Entre Nós

Eu vivi agressões
na minha família
na minha cidade
no circuito de artes
Artista agressor que está em alta
Alta foi a marca
Ele me bateu até eu sumir
e ele crescer, crescer, crescer, e ficar tão grande
que ocupa todos os espaços
Ele disse mesmo que ia me enlouquecer
Ele disse que estaria em tudo que eu visse
Ele disse que eu não ia respirar sem sentir o cheiro dele
Eu ria rios de riso
Sem nenhuma graça
Teve violência doméstica na minha família
Dentro da minha casa
Denunciamos, mas
Parece que não deu em nada

Ainda

Esperamos

Não era peixe grande
O tiro saiu pela culatra
Eu tive que escapar
O sistema não te cala, mas se volta contra você
Enquanto te diz para falar

Falar

Falar

Falar

Es va zi ar
O peso e o sentido

É preciso compartilhar
Eu preciso denunciar
A gente precisa se encontrar
Tem que se preparar com rede de apoio e ferramentas de proteção
Que ferramentas me protegem?
A gente ainda tem que passar por isso
O sistema pode te vilanizar
Eu fui violentada por um galerista
Quiseram controlar meu útero
Nunca mais fui aceita

E eu não fiz nada
Disseram que ele pode me colocar na (in)justiça
Difamação (?)
Presta atenção nisso
A gente precisa de estratégias
Eu sei exatamente o que é
A gente precisa se cuidar
Pensar em rodas de acolhimento e cuidado
Nos cercamos de profissionais mulheres
Círculos de conversas entre mulheres
Entre nós
Como agora
Eu falo, e te escuto na minha própria fala
E você se vê em mim
É muito sério
Eu e tu em primeira pessoa
Singular
Porque é junto, e é único, e é o mesmo

Como você tá se sentindo?
A gente fica meio em choque
Não acredito que isso tá acontecendo comigo
Eu fiquei assim
Eu vou falar quem é
Já protegi demais a identidade dele
Na noite que aconteceu, eu demorei para entender que eu tinha apanhado
A gente nunca espera que isso vá acontecer
Eu procurei uma amiga na mesma hora
Pensei que era a única coisa que eu podia fazer como mulher

Ele dizia que assumiria os erros dele

Depois

Ele me ameaçou

Tenho medo dele me processar por injúria

Mas eu juro

As marcas estão

Aqui

Saí de lá

Estou tratando uma depressão grave

Tem dia que só penso em não estar mais

Tenho crises de pânico toda vez que

E passo mal de ansiedade só de pensar em

Viver é desesperador

Tem sido assim

Disseram que a denúncia deveria ter sido feita

No dia da agressão física

Mas no dia, eu não entendia

É um desgaste imenso

Eu estou doente

Não é por ser vítima

Não quero me sentir vítima

Fico exposta, vulnerável assim

Ficam dizendo que eu preciso ter cuidado

Não ser cuidada

Eu preciso de cuidados

Elas me ajudam

Em escuta

Em acolhimento

É bonito encontrar mulheres

Que se refazem juntas

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejam todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AHMED, Sara. *La Política Cultural de las Emociones*. Universidad Nacional Autónoma de México: Programa Universitario de Estudios de Género.

AHMED, Sara. *Viver uma vida feminista*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

ALICE, Tania. *Manual para performers e não-performers: 21 ações artísticas para produzir felicidade*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2020.

ALVARADO, Marina e FISCHETTI, Natalia. *Feminismos del Sur. Alusiones / Elusiones / Ilusiones*. Pléyade Revista de Humanidades y Ciencias Sociales, número 22, 2018.

ANGELOU, Maya. *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. São Paulo: Astral Cultural, 2018.

ANTIVILO, Julia. *NI VÍCTIMXS, NI PASIVXS, SÍ COMBATIVXS. VISUALIDADES FEMINISTAS, AUTORREPRESENTACIÓN DE CUERPOS EM LUCHA*. Revista anales: Séptima serie. Nº 14/2018. p. 333-353

BALDISSERA, Marielen. *Arte e ativismo feminista nas ruas da cidade*, 2022.

BIDASECA, Karina. *Ana Mendieta: pássaro de oceano*. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2022.

BIDASECA, Karina. *La revolución será feminista o no será: la piel del arte feminista descolonial*. Buenos Aires, Argentina: Prometeo Libros, 2018.

BUTLER, Judith. *Desfazendo Gênero*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. *Que mundo é este? Uma fenomenologia pandêmica*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2022.

BUTLER, Judith. *Vida precária: Os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2022.

CORDEIRO, Ana Márcia. *O que não queimou ainda me arde*. São Paulo: Editora Penalux, 2023.

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1999.

DINIZ, Debora. *Esperança Feminista / Debora Diniz, Ivone Gebara*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

Escrevivências periféricas: minha vida importa sim!. Org: Carmen Lúcia Cardoso Soares, Luciléia de Souza Baptista, Sandra Fratane Maciel de Oliveira. Rio de Janeiro: Matanóia, 2023.

FABIÃO, Eleonora; SCHNEIDER, Adriana (org). *Janelas Abertas: conversas sobre arte, política e vida*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023.

FABIÃO, Eleonora. *Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea*. Revista Brasileira de Estudos da Presença – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Volume 1, nº 1, p. 235-246, 2011.

FABIÃO, Eleonora. *Programa performativo: o corpo-em-experiência*. Revista do LUME: Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais – UNICAMP. São Paulo: n.4, dez 2013.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpos e Acumulação Primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. *Mulheres e Caça às bruxas*. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 141–157.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Cienbook, do grupo Edipro, 2020.

GAGO, Verónica. *La potencia feminista: o el deseo de cambiarlo todo*. Madrid, Espanha: Traficantes de Sueños, 2019.

GALINDO, Maria. *Feminismo Bastardo*. La Paz: Mujeres Creando, 2022.

GIL, José. *Movimento total: o corpo e a dança*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: Uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. *Revista Eco-Pós*, v.23, n. 3, p. 12–33, 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640. Acesso em: 7 jun. 2024.

HARTMAN, Saidiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*. São Paulo: Fósforo, 2022.

HARTMAN, Saidiya. *Wayward Lives, Beautiful Experiments: Intimate Histories of Social Upheaval*. New York: W. W. Norton & Company, 2019.

HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (org). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOOKS, bell. *Anseios: Raça, Gênero e Políticas Culturais*. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *E eu não sou uma mulher?: Mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: Pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *Love as the practice of freedom*. In: *Outlaw Culture. Resisting Representations*. Nova Iorque: Routledge, 2006. Tradução para uso didático por Wanderson Flor do Nascimento.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021.

KAUR, Rupi. *Meu corpo minha casa*. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

KAUR, Rupi. *O que o sol faz com as flores*. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

KAUR, Rupi. *Outros jeitos de usar a boca*. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

KIFFER, Ana. *Só quando escrevo tenho um corpo*. In: AZEVEDO, Beatriz (org.). *Poetas Contemporâneas do Brasil*. São Paulo: P-o-e-s-i-a /Unicamp, 2021. p. 27–34.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

- LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*: edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- LISPECTOR, Clarice. *De Natura Florum*. São Paulo: Global Editora, 2021.
- LISPECTOR, Clarice. *Minhas queridas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.
- LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- LISPECTOR, Clarice. Uma aprendizagem, ou, O livro dos prazeres. São Paulo: Mediafashion, 2016.
- LUGONES, María. *Colonialidad y Género*. Bogotá, Colômbia: Tabula Rasa, núm. 9, 2008.
- MANDEL, Claudia. *Estéticas del borde. Prácticas y violencia contra las mujeres em Latinoamérica*. Ed. UCR, Costa Rica, 2016.
- MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MELO, Hildete Pereira e THOMÉ, Débora. *Mulheres e poder: histórias, ideias e indicadores*. Rio de Janeiro: FGV EDITORA, 2018.
- PALBERT, Peter Pal. *O avesso do niilismo: cartografia do esgotamento*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- RIBAS, Cristina. *Negar cuidado: cuidados reprodutivos e o cuidado como direito*. Revista MESA. ISSN: 2319-0264. Nº 5, dezembro de 2018.
- RIBEIRO, Djamila. *Lugar de Fala*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.
- RIBEIRO, Ruth Silva Torralba. *Sensorial do corpo: via régia ao inconsciente*. Orientador: Cristina Rauter. 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.
- SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SEGATO, Rita. *Cenas de um pensamento incômodo*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

VERGARA Luiz Guilherme. *Pragmatismo Utópico*. Rio de Janeiro: Circuito; Niterói: PPGCA-UFF, 2023.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*: edição comentada do clássico feminista. São Paulo: Boitempo, 2016.

Online

#186/O lobby do batom e a geração da desesperança, com Beatriz Della Costa. Bom Dia, Obvious: Marcela Ceribelli. Obvious, 17 de abril de 2023. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2wqlbOd3anUyamRRJFtf09> . Acesso em 10 de maio de 2023.

#204/Seu trauma não te define, com Ediane Ribeiro. Bom Dia, Obvious: Marcela Ceribelli. Obvious, 28 de agosto de 2023. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1RMwK1wuFdfhCxSZWJG81p>. Acesso em 28 de agosto de 2023.

Death of na artist: Helen Molesworth. Pushkin Industries, 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/3HzRY1tJUIxLTCAR4yw98x> . Acesso em 30 de novembro de 2023

Praia dos Ossos: Branca Vianna. Rádio Novelo, 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2Kki0lWqyMWegWAFe2mZOg?si=e858f6f6fc054900>. Acesso em 10 de novembro de 2020.

CNN BRASIL. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/saude> , Acesso em 04 de abril, 2021.

REDE DE OBSERVATÓRIOS DA SEGURANÇA. Disponível em <http://observatorioseguranca.com.br/> , Acesso em 04 de abril, 2021.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. Disponível em <https://www.institutomariadapenha.org.br/>, Acesso em 20 de maio, 2021.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, ASSUNTOS JURÍDICOS. Disponível em <http://www.planalto.gov.br> , Acesso em 22 de maio, 2021.